

4º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA AMBIENTAL E MIGRAÇÕES

12 A 14 DE SETEMBRO DE 2016 / FLORIANÓPOLIS/SC - BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



CADERNO DE RESUMOS



Realização:



Apoio:



CADERNO DE RESUMOS

A Colonização agrária nas zonas pioneiras de Minas Gerais e Goiás: História Ambiental e Geografia Histórica do Cerrado a partir das pesquisas de campo do geógrafo Henry Bruman (1951-1959)

Sandro Dutra e Silva, Stephen Andrew Bell

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
Este trabalho procurou apresentar as contribuições do geógrafo Henry Bruman para os estudos sobre colonização em zonas pioneiras do Brasil, com destaque para os seus estudos na região florestada do Cerrado em Minas Gerais e em Goiás no início da década de 1950. Henry Bruman fez parte do grupo de geógrafos herdeiros da Berkeley School e foi influenciado pela geografia cultural de Carl Sauer nos estudos latino-americanos. Como professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles, participou de pesquisa de campo na América do Sul entre os anos de 1951 e 1952. No Brasil ele visitou áreas de colonização em diferentes regiões, deixando importante material como cadernos de anotações, fotografias e rico acervo documental que fizeram parte de seus relatórios de pesquisa. O trabalho que pretendemos apresentar traz como referência as fontes documentais decorrentes do Projeto The current status of agricultural colonization in selected pioneer áreas of South America, desenvolvido em países da América do Sul entre os anos de 1951 e 1952. Nosso objetivo é apresentar as intenções gerais do projeto de investigação das zonas pioneiras em países sul-americanos e em especial as contribuições de sua pesquisa para a história ambiental e à geografia histórica, sobretudo aos estudos que envolvem cultura, paisagem, migração e colonização na região do cerrado no triângulo mineiro e em Goiás. Também objetivamos analisar as referências ao meio ambiente e o processo de expansão da fronteira nessas localidades, com destaque para os processos de colonização estrangeira e nacional em Minas Gerais (região da Mata da Corda em Patos de Minas) e em Goiás (sudoeste goiano e nas áreas florestadas do Mato Grosso de Goiás). Ainda analisar os processos de transformações das paisagens florestais na região analisada, com destaque para a região da CANG em Goiás a partir de relatos de campos e fotografias.

A densa floresta da Colônia Erechim e os Imigrantes

Isabel

Rosa

Gritti

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
O objetivo deste texto é o de discutir a relação homem x natureza em duas obras autobiográficas escritas por dois imigrantes europeus instalados na então Colônia Erechim. Uma das obras é O Colono Judeu-açu: romance da Colônia Quatro Irmãos – Rio Grande do Sul, escrito por Adão Voloch. Quando da

publicação em 1985 o autor residia em São Paulo, e insiste que não se trata de uma auto- biografia. Os imigrantes judeus são instalados na Colônia agrícola de Quatro Irmãos a partir de 1911 pela Jewish Colonization Association. São assentados em lotes coloniais, com terras de campo e mato. No contrato de Promessa de compra e venda assinado pelo imigrante judeu com a Companhia, a mesma reserva para si a exploração florestal. Em *Colonos na Selva: emigrantes como agricultores*, publicada em 1949, João Weiss diz que seu conto nada tem de sensacional, pois é apenas um relato fiel e simples da vida como colonos na mata virgem, no Estado do Rio Grande do Sul, nos anos de 1912 a 1917. A família de Weiss é assentada distante da sede da então Colônia Erechim, lugar de difícil acesso, com mata espessa e relevo irregular. O lote fora comprado do Estado do Rio Grande do Sul, através do escritório da Comissão de Terras existente na sede da Colônia Erechim. Como foi a utilização da densa floresta, tanto pelos imigrantes judeus de Quatro Irmãos, quanto pela família de João Weiss é o que discutiremos no presente artigo.

A literatura de viagens, os relatos históricos e as espécies brasileiras nomeadas por Giuseppe Raddi, botânico naturalista italiano do século XIX

Marilene

Kall

Alves

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
Até o século XIX os viajantes se lançavam em aventuras, das quais não se sabia exatamente o final, pois os obstáculos eram os mais variados, como: o desconhecido, a falta de estradas, os meios de transporte lentos, as distâncias, entre outros, que, mesmo assim, não impediam que muitos se arriscassem em viagens exploratórias. Os motivos eram os mais diversos, desde o desejo de aventurar-se, a busca por riquezas, ou até expedições que visavam pesquisas científicas. Dentre os destinos estava o Brasil e as motivações que levavam os viajantes a visitarem as terras brasileiras eram os relatos de viagem, ou as Literaturas de viagens, que envolviam seus leitores e apresentavam a esses um panorama do Novo Mundo. Brasil e Itália sempre foram parceiros de importantes histórias de imigração, principalmente no século XX, mas foi nas primeiras décadas do século XIX que essas relações tiveram outra imigração significativa, a imigração de intelectuais italianos, principalmente, naturalistas, cientistas e pesquisadores. Giuseppe Raddi, botânico naturalista italiano, é colocado em uma posição de relevo entre os demais naturalistas e de destaque por ter sido o primeiro a atravessar o oceano em direção ao Brasil, terra que indicava grandes descobertas no campo científico/botânico. Em 1817, apoiado e financiado pelo Grão Duque Ferdinando III, Raddi acompanhou até o Brasil o comboio em que viajava a então Arquiduquesa Leopoldina da Áustria, noiva do Imperador do Brasil Dom Pedro I. O que Raddi fez foi revelar aspectos desconhecidos da flora e da fauna brasileira, ao classificar, descrever e nomear os exemplares por ele coletados e observados. O objetivo desse trabalho é

A micro-história do imigrante Giuseppe Luigi Ferri e a sua interação com o meio ambiente italiano e brasileiro (1881 - 1969)

Gil

Karlos

Ferri

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
Este artigo propõe uma análise da trajetória de vida do imigrante Giuseppe Luigi Ferri (1881 - 1969) e a sua interação com o meio ambiente nas localidades de Bérgamo (Itália), Treviso e Celso Ramos (Brasil). A metodologia deste trabalho utiliza uma interface entre a escala de observação da vida do imigrante (Micro-História) e a análise contextualizante dos locais explorados por este colono (História Ambiental). Diversas fontes foram mobilizadas neste trabalho, tais quais registros religiosos e civis, fotografias, mapas, entrevistas, relatórios e legislações, bem como uma pertinente revisão bibliográfica dos temas analisados. Objetiva-se que a partir de uma história de vida, importantes aspectos socioambientais da colonização italiana em Santa Catarina sejam problematizados, considerando a natureza como fator ativo neste processo histórico. Por certo, a compreensão da trajetória histórico-ambiental de um sujeito e dos territórios por ele modificados, possibilitará reflexões e conscientizações preservacionistas.

A soja e os colonos poloneses no Rio Grande do Sul e no Paraná: lideranças étnicas e pioneirismo no início dos anos 1930

Rhuan

Targino

Zaleski

Trindade

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
Nas primeiras décadas do século XX, no sul do Brasil, ocorreu a expansão gradativa do cultivo da soja. Até aquele momento, a cultura da leguminosa estava vinculada a experimentações em laboratório e de alguns agricultores no sudeste do país. A partir dos anos 1930, há um aumento da produção da soja entre colonos de origem europeia, em especial no Rio Grande do Sul, mas também no Paraná. Notadamente, os colonos poloneses estão entre os agricultores que iniciam a cultura do produto através da distribuição de sementes por parte de intelectuais e lideranças étnicas nas comunidades polonesas, as quais propõem o início de um cultivo mais ou menos sistemático da leguminosa, antes, pouco conhecida. A divulgação da soja e suas potencialidades, bem como do trabalho destes líderes, é retratada por periódicos polono-brasileiros, isto é, jornais escritos em polonês, mas editados no Brasil, os quais eram responsáveis pela divulgação de notícias, propagandas e artigos de intelectuais, os quais muitas vezes tinham como tema a agricultura. Nesse contexto, intelectuais como Ceslau Biezanko, Józef Kurylo, Jan Wróbel, Franciszek Wasilewski, Jan Anusz, Roman Paul e Tadeusz Makomaski são importantes na distribuição das sementes, divulgação de métodos de cultivos e,

portanto, estão entre os envolvidos no pioneirismo da soja nas regiões em que atuaram junto a colonos poloneses. Nosso foco é com base nos supramencionados periódicos, atentar para a ação destes intelectuais poloneses junto aos seus compatriotas nas colônias agrícolas do Rio Grande do Sul e Paraná pensando a equação poloneses/soja sob a ótica da etnicidade e da história ambiental.

Ambientes retratados, espaços construídos: práticas agrícolas dos imigrantes poloneses nos relatos sobre o sul do Brasil - XIX

Fabiana

Carla

Guarez

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
Neste presente trabalho pretende-se analisar um fragmento dos processos migratórios do final do século XIX e início do XX, de forma específica dos grupos imigrantes poloneses que chegam ao sul brasileiro. No intuito de observar esta temática a luz de novas perspectivas é que parte-se de uma abordagem histórica ambiental da imigração polonesa buscando problematizar a partir da interpretação de dois discursos, o grau de conservadorismo e de flexibilização das práticas agrícolas destes indivíduos. Neste sentido propôs-se dialogar através das fontes publicadas nos Anais da Comunidade Polonesa, que somam um montante de quatorze publicações a partir da década de 1970. Para este recorte pode-se dialogar através de duas tipologias de fontes: Cartas de Imigrantes recém estabelecidos no Brasil enviadas a seus familiares na Polônia, e alguns recortes das memórias de Estanislau Klobukowski. Ambas estão disponíveis em dois dos XIV volumes dos Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesas. Das fontes inquiridas pode-se extrair dois momentos, o primeiro em que o imaginário e a projeção deste passa a se dar no âmbito biológico, grande parte dos relatos encontrados nas cartas estavam totalmente voltado para a reprodução do plantio de vegetais que já eram cultivados no ambiente de origem. O segundo pode ser vislumbrado num período posterior onde a manutenção dos costumes agrícolas passa a ser flexibilizado e substituído pelas práticas dos caboclos.

Árvores que contam histórias: ecologia histórica de espécies pioneiras longevas da Mata Atlântica

Rogério Ribeiro de Oliveira, Gabriel Paes da Silva Sales

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
Os remanescentes florestais de Mata Atlântica do Sudeste Brasileiro têm como característica uma profusão de formações secundárias, algumas delas em estágio avançado ou maduro. Em florestas maduras ou avançadas sucessionalmente podem ser encontrados em algumas situações duas espécies relativamente comuns: a carrapeteira (*Guarea guidonia* (L.) Sleumer.) e o jacatirão (*Miconia cinnamomifolia* (DC.) Naudin.). Apesar de sua situação de ocorrência em florestas maduras, tratam-se de espécies pioneiras, cuja germinação se dá apenas em situações de luminosidade máxima. O presente

trabalho examinou exemplares adultos destas duas espécies ocorrendo em florestas maduras na Ilha Grande (litoral do Rio de Janeiro) e no Maciço da Pedra Branca (município do Rio de Janeiro). Foram selecionadas áreas para estudos e nestas realizados inventários por meio de levantamentos fitossociológicos. O fato destas espécies serem encontradas apenas em estágio adulto e não estarem recrutando é sugestivo de que se tratem de áreas de antigas roças (como no caso da Ilha Grande) ou de exploração pretérita de carvão (como no caso do Pedra Branca). Informações de moradores antigos, bem como alguns vestígios de cultura material, como garrafas, ferramentas e ruínas indicam que estas ocupações possam ter se instalado nos locais estudados entre 100-150 anos atrás, quando da derrubada da floresta. Sugere-se assim que estas espécies possam ser utilizadas como um documento histórico que revela aspectos da utilização pretérita do espaço florestado, funcionando ao mesmo tempo como “datadoras” de eventos passados e também como espécies significativas para a biodiversidade local por conta do papel relevante na provisão de alimentos para a fauna.

As migrações regionais e suas implicações na permanência das expressões culturais do povo indígena Truká no semiárido do nordeste brasileiro

Carlos Alberto Batista dos Santos

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
Migrações humanas implicam em adaptação aos novos ambientes ocupados, incluindo a forma de se apropriar da biodiversidade disponível. Nesse trabalho, enfocando o uso de animais medicinais, investigamos os efeitos da migração sobre o sistema médico tradicional da etnia indígena Truká, no Nordeste do Brasil, que atualmente se distribuem em quatro aldeias distintas. Nessas aldeias, o conhecimento zoterápico de 54 indígenas foi obtido através de formulários semiestruturados, no período de setembro de 2013 a janeiro de 2014. Os entrevistados apontaram 137 usos zoterapêuticos derivados de 21 espécies animais. A riqueza de espécies e seus usos tem maior similaridade entre as aldeias mais próximas, o que pode ser reflexo de fatores geográficos e ambientais. No entanto, mesmo entre as aldeias mais próximas entre si a similaridade de usos zoterapêuticos registrada foi baixa, evidenciando uma forte idiosincrasia do conhecimento em cada aldeia, a qual é influenciada pelo ambiente físico, pelo contato com outras culturas e pela manutenção ou redução do contato das aldeias mais novas com a aldeia de origem deste povo

As transformações ambientais na microrregião de Porangatu, norte de Goiás

Samira Peruchi Moretto

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
O povoamento do norte do Estado de Goiás foi intensificado devido a descoberta de ouro na região. Após longa fase populacional estacionária, a construção da rodovia BR – 153, em 1958, trouxe forte impacto para região

norte do estado, como o aumento populacional e intensificação das atividades agropecuárias. O presente artigo faz parte do projeto de pesquisa A transformação da paisagem no norte de Goiás: desafios contemporâneos e pretende analisar o processo de transformação da paisagem do norte de Goiás, na segunda metade do século XX. A pesquisa se justifica pelo fato de que no norte de Goiás as fitofisionomias naturais foram e estão passíveis a modificações devido a presença de espécies exóticas, introduzidas como forrageiras para alimentação bovina e/ou como gêneros agricultáveis. Estas transformações ambientais acarretaram danos irreversíveis ao Bioma da região, o Cerrado, caracterizado pela constante ameaça à sua biodiversidade.

Cavalos de Przewalski: Recuperação Ambiental e a reconfiguração da Vida Selvagem na zona de exclusão de Chernobil.

Cristiane

Fortkamp

Schuch

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
Ao longo de cada período histórico, a ciência médica veterinária produz novos e diversificados conhecimentos de caráter epistêmico sobre a relação entre os animais e meio ambiente, permitindo a compreensão de um leque de circunstâncias e práticas específicas no tempo e no espaço, que contribuem para a preservação e evolução de determinadas espécies, bem como sua relação com a humanidade. Habitats animais e vegetais em todo o mundo sofreram rápidas transformações, trazendo à tona a necessidade de estudos que permitam proteger espécies e suas potencialidades no mundo natural. Na história, o cavalo de Przewalski é bem conhecido, por ter feito parte do exército dos mongóis, porém tornou-se conhecido para a ciência ocidental só em 1881, quando Przevalsky o descreveu como animal selvagem típico da Ásia. Em 1900, um comerciante alemão chamado Carl Hagenbeck havia capturado a maioria deles. Hagenbeck era um vendedor de animais exóticos, proporcionando bichos para zoológicos em toda a Europa. As poucas manadas restantes selvagens continuaram a sofrer com a perda de habitat e com invernos severos consecutivos em meados de 1900. Um rebanho, que viveu na região de Askania Nova da Ucrânia, foi abatido por soldados alemães durante a ocupação da Segunda Guerra Mundial. Em 1945, havia apenas 31 restantes cavalos no mundo, em apenas dois jardins zoológicos, Munique e Praga. Até o final da década de 1950, apenas 12 indivíduos permaneceram. Na atualidade, existe uma população que habita a Zona de Exclusão de Chernobil, onde os seres humanos foram evacuados após explosão do reator nuclear da Usina. A área se tornou refúgio para diversas espécies, incluindo o cavalo de Przewalski, sendo o objetivo do presente trabalho reportar a condição desta população. O Cavalo de Przewalski (*Equus ferus przewalskii*) é a única espécie de cavalo verdadeiramente selvagem na atualidade, sobrevivendo e se reproduzindo em condições ambientais ainda em estudo.

Coletar tartarugas, arpoar peixes-boi e salgar pirarucus: caça, pesca e a história da Amazônia colonial

Christian Fausto Moraes dos Santos, Marlon Marcel Fiori

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral

Na década de 1610, os portugueses começaram a ocupar a Amazônia. Desde então, sobretudo no verão, milhares de tartarugas, principalmente de tartarugada-amazônia (*Podocnemis expansa*), foram recolhidos nas praias amazônicas, durante o período de nidificação. Os ovos também não eram poupados. Eram recolhidos, amontoados em grandes pilhas e pisoteados para a produção de um óleo, usado como combustível e no preparo dos alimentos. A estação de seca igualmente assinalava o período em que as caçadas ao peixe-boi e a atividade pesqueira eram mais intensas. O trabalho resgata esses numerosos e intrigantes registros e procura compreender os fatores que contribuíram para que peixes, tartarugas e peixes-boi se tornassem uma fonte de carne, lipídios e combustível tão atrativa e explorada pelos colonizadores na Amazônia colonial. Com base em informações ecológicas atuais e nos registros históricos, as possíveis diferenças nos padrões de densidade populacional e distribuição de algumas espécies da fauna aquática amazônica, bem como os possíveis impactos da colonização portuguesa, são analisados. Os resultados indicam que para sobreviver na maior floresta equatorial do mundo, um ambiente quente, úmido, fervilhante de vida e consideravelmente diferente do que estavam acostumados, os recursos da fauna aquática ofereciam vantagens formidáveis. Ao mesmo tempo, os resultados sugerem que esse processo acarretou em uma diminuição considerável das populações de tartarugas e peixes-boi, algo que tem sido pouco abordado ou subestimado por historiadores e biólogos.

Conservação de larga escala no Brasil: o caso do Plano de Ação Nacional para Conservação da Onça-Pintada

Fernanda Pereira de Mesquita Nora, José Luiz de Andrade Franco

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral

Por seus atributos ecológicos, a onça-pintada (*Panthera onca*) é uma espécie focal em planos de ação para a conservação da biodiversidade (MILLER & RABINOWITZ, 2002). Atualmente, sua área de distribuição encontra-se das planícies costeiras do México ao norte da Argentina (OLIVEIRA & CASSARO, 2005). As populações de onça-pintada, ao longo de sua distribuição geográfica, não apresentam diferenciação genética mensurável em nível de subespécie, o que indica a manutenção do fluxo gênico (EIZIRIK, 2001). Apesar da ampla distribuição, a espécie encontra-se ameaçada de extinção, principalmente devido à fragmentação do hábitat e pela caça em retaliação à predação de animais domésticos (MORATO et al., 2013). Por ser um animal que necessita de grandes áreas para sua sobrevivência, a fragmentação do hábitat coloca em risco a manutenção de populações geneticamente viáveis (EIZIRIK et al., 2002). O presente estudo buscou ressaltar a importância de estratégias de conservação de larga escala, que buscam promover a manutenção do fluxo gênico a partir da conexão de

Unidades de Conservação de Onças-pintadas (Jaguar Units Conservation/ JCU) (ZELLER et al. 2013) e, nesse sentido, identificar os avanços presentes no caso brasileiro, especialmente no que se refere às metas e ações propostas no Plano de Ação Nacional para Conservação da Onça-Pintada (PAN Onça-pintada). O PAN Onça-pintada, publicado em 2013 (DESBIEZ et al., 2013), foi aprovado através da Portaria Nº 132, de 14 de dezembro de 2010, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). No que se refere às estratégias de conservação de larga escala, o PAN Onça-pintada representa um avanço no cenário da conservação no Brasil, por reunir os esforços de diferentes instituições, pela aplicação de uma metodologia padronizada para identificação de JCU e corredores, além de fornecer um modelo que pode ser utilizado na elaboração de planos para conservação de outras espécies com extensas áreas de distribuição.

Das Caças que voam: Captura e consumo de Aves na América Portuguesa do século XVI

Aline Cristina da Silva Oliveira, Christian Fausto Moraes dos Santos
Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
Da Europa do século XVI partiram muitos navegadores rumo a uma arriscada e complexa empreitada. Cruzar oceanos, antes desconhecidos, conduzidos pelo desejo de conquistarem novas terras, explorarem novos recursos naturais e aumentarem suas riquezas, o que poderia ser um motivo estimulante o suficiente para se enfrentar uma empreitada que era tão atraente quanto arriscada. Certamente, tais expectativas foram ultrapassadas, ao passo, que esta saga atlântica lhes revelaria o conhecimento de toda imensidade e peculiaridade biológica de um Novo Mundo. Após agitados e constantes contornos pelas costas da Ásia e África desembarcaram, por conta de uma técnica de navegação que ficaria conhecida como “volta do mar”, na costa atlântica da América do Sul e, nela, depararam-se com um maciço de arvoredos. A Mata Atlântica, uma das maiores florestas do mundo em diversidade de espécies da fauna e flora. Ao adentrarem pelo continente, constataram os europeus, com seus próprios sentidos, a presença de populações da fauna aviária que habitavam os topos das árvores ou as zonas rasteiras formadas por folhas e troncos caídos. As aves nativas foram de crucial importância para a sobrevivência dos colonizadores no interior deste novo bioma. Sendo estas um recurso ancestral que, uma vez explorado, compunha a base da alimentação indígena, fora necessário ao colonizador melhor conhecê-las por meio da sabedoria ecológica nativa e de suas próprias observações. Também foi essencial à sobrevivência do colonizador as aves estrangeiras trazidas no deslocamento de embarcações do velho ao novo mundo. Que, uma vez adaptadas ao ambiente tropical, foram também incorporadas à domesticação indígena. No interior da mata atlântica, os colonizadores tornaram-se caçadores de aves e, estas, um primordial recurso para o estabelecimento europeu e desenvolvimento da colônia sul-americana.

Desmatamento, História Ambiental e Migração na Rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163) no Estado do Pará

Gretta Paola Fava Pina, Cyro José Matavelli

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
A proposta do trabalho é relatar as observações da história socioambiental da migração, impulsionada pela construção da rodovia BR-163 que liga a cidade de Cuiabá no Mato Grosso a Santarém no Pará e a partir dessas reflexões que serão apresentadas, compreender de fato como a questão do desmatamento na região está configurada, diante do avanço e abertura da ocupação das fronteiras. Outro aspecto a ser levantado é sobre os impactos ocasionados pela modificação contínua da floresta Amazônica, fica evidente que as alterações na paisagem devido ao desmatamento potencializam a degradação ambiental, pois a ausência de cobertura vegetal intensifica a erosão e o empobrecimento dos nutrientes no solo, enfim após o prejuízo ambiental observa-se que muitas áreas degradadas acabam sendo abandonadas pelos proprietários. É interessante também mencionar os motivos sobre o avanço da fronteira na região, que tem como principal tendência o desflorestamento, além do mais é importante perceber que a exploração da atividade madeireira predatória também contribui significativamente por exerce pressão sobre as florestas na Amazônia. Além disso é constatado que o entorno das áreas de conservação e das terras indígenas foram diretamente influenciadas pelo avanço da fronteira agrícola, por outro lado a prática de corte raso e queima na área de captação da obra de asfaltamento da BR-163 tem sido praticada a muito tempo, reafirmando as relações entre o desmatamento, a expansão agrícola, os projetos de infraestrutura e a especulação de terras. Esta descrição da rodovia no estado do Pará, nos mostra a importância de resgatar as manifestações de seu valor histórico na região como também intrínseco de conteúdo da influência das correntes migratórias. De acordo com esta conformação que a evolução histórica conferiu é importante estar atento, como também refletir sobre a construção de estradas na Amazônia e a consequência do desmatamento para a forma de uso e ocupação da terra na região.

Modernização no Campo, Transformações Ambientais e Migração Juvenil em Palma Sola/SC

Rodrigo Kummer, Ismael Antônio Vannini

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
As áreas coloniais da região Sul do Brasil são compreendidas pela preponderância das atividades rurais. A intensificação da colonização a partir das correntes imigratórias e migratórias desenvolveu um modus operandi alicerçado na propriedade e no trabalho familiar com consequências drásticas ao meio ambiente, intensificado entre meados do século XIX e meados do século XX. As famílias de agricultores que ocuparam as regiões coloniais do Rio Grande do Sul migraram para o Oeste de Santa Catarina, Sudoeste e Oeste do Paraná. Nessa lógica de expansão colonial se insere o município de Palma Sola/SC, que foi ocupado pelos colonos a partir da década de 1940, causando

um significativo impacto ambiental. As atividades extrativas, agricultura e pecuária se encadeavam no sentido de alojar as famílias numerosas e prover sua reprodução na atividade, isto é, encaminhar os filhos a se manterem como colonos. Esse processo de reprodução da agricultura familiar de pequena propriedade se manteve em pleno vigor até a década de 1970. Nessa década um grande pacote tecnológico foi inserido no campo, vinculado aos mecanismos do mercado internacional, sob influência da chamada Revolução Verde. Isso, além de acelerar as transformações ambientais, incidiu sobre a dinâmica de trabalho e de renda das famílias, impactando na maior migração de membros e mesmo o êxodo de famílias inteiras. Tomando essa conjuntura como proposta de análise, este artigo propõe uma discussão acerca dos processos de transformações ambientais e da migração juvenil como consequências da modernização no campo. O texto se divide em três partes. De início constrói-se um quadro sobre a reprodução da agricultura familiar colonial no Sul do Brasil, tendo como mote a imigração e migração. Na segunda parte apresenta-se o processo de modernização do campo e seus impactos. Por fim problematizam-se as transformações ambientais e a migração juvenil como questões vinculadas à modernização da agricultura em Palma Sola/SC.

Movimentos de ocupações socioambientais na fronteira oeste do Paraná (1900-1970)

Maicon Mariano da Paixao

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral

A presente comunicação debate movimentos socioambientais de ocupações humanas no oeste do Estado do Paraná, evidenciando os quadros de modificações florestais no período de 1900 a 1970. Adentro do recorte geográfico em questão, cercado pelo encontro da Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária) com a Floresta Estacional Semidecidual (Mata Seca), povoados como os de Cascavel acenderam em meio ao sistema de exploração da erva-mate, justapondo-se ao entreposto da companhia argentina Domingos Barthe. Após o declínio do sistema das obras estrangeiras em territórios de fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, a permanência de povoados oestinos foi possível por meio da produção de cultivares básicos, como, também, da criação de animais, sobretudo a criação de porcos “soltos” na mata. A venda de porcos, ou tão-somente da banha do animal, constitui-se como elo importante do sustento e de trocas comerciais para populações estabelecidas na fronteira, considerando a situação de fronteira marcada pelo relativo isolamento e dificuldades de acesso. A partir da década de 1940 este cenário modificar-se-ia rapidamente, seja através da mercantilização da terra ou da construção de estradas, o governo do Paraná estimulou projetos de colonização precedendo para migração de populações originárias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Remanescente dos poucos povoados que haviam na região, Cascavel se tornou uma das cidades mais populosas do Paraná a ter na indústria madeireira sua principal atividade econômica durante décadas. O transporte de madeiras em cima de caminhões incluso no constante movimento citadino simbolizou a

acelerada redução de grandes áreas florestais do oeste do Paraná. O processo histórico em discussão pode ser compreendido e comparado a outros processos de ocupações e de modificações socioambientais na fronteira oeste do Brasil.

O monocultivo de espécies arbóreas na Floresta Nacional de Passo Fundo

Débora Nunes de Sá

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
A Divisão de Florestamento e Reflorestamento do extinto Instituto Nacional do Pinho, órgão paraestatal criado em 1941, aplicou o “Plano de Reflorestamento” na região de ocorrência endêmica da Floresta Ombrófila Mista, com a finalidade de criar estações experimentais de estudo sobre o crescimento e o comportamento da espécie nativa *Araucaria angustifolia*, considerando as variações ecológicas de cada local e visando à produção de material lenhoso para fins econômicos. Ao todo, o Instituto criou dez Parques Florestais: um no estado de Minas Gerais, um em São Paulo, dois no Paraná, três em Santa Catarina e três no Rio Grande do Sul, cujos Parques Florestais localizavam-se nos municípios de São Francisco de Paula, Canela e Passo Fundo. A unidade criada em Passo Fundo, objeto de análise desta comunicação, iniciou suas atividades em 1946 e foi a princípio denominada Parque Florestal José Segadas Viana com 1.275 hectares de superfície, hoje é a Floresta Nacional de Passo Fundo, localizada no município de Mato Castelhano. Em 1947, iniciou-se o plantio de araucária no Parque, que se prolongou, majoritariamente, até 1960. Durante a década de 1960 e início da década de 1970, foram introduzidos cultivos de espécies exóticas de crescimento rápido, do gênero *Pinus* e em menor escala de *Eucalyptus* spp. O objetivo principal desta comunicação é apresentar e discutir o conceito de “reflorestamento” que foi aplicado em bases produtivistas e apresentar características gerais dos monocultivos das espécies nativas e exóticas no Parque Florestal José Segadas Viana, atual Floresta Nacional de Passo Fundo.

Overwriting the land: Literacy, colonialism and socio-environmental change in early Brazil

Diogo de Carvalho Cabral

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
Although it has received less scholarly attention than firearms, domestic animals, microbes and statecraft, alphabetic writing was a crucial component of the biotechnical dispositif that Renaissance Iberians used to conquer, plunder and rule Amerindian peoples and their territories, from the late fifteenth century on. One can analytically discern literacy’s characteristic modes of operation within the functional context of the colonial apparatus. Alongside numeracy, its inseparable counterpart, alphabetic literacy has provided the symbolic grid for the objectification and appropriation of Amerindian bodies, turning “persons,” nonhumans included, into resources or riches for the colonizers. Together with statutory law – the claim of a royal right granted by the papacy over all Brazilian

lands and peoples, the Ancien Regime's social hierarchy with its renewed conceptions of slavery, the demarcation and registration of property for tax and inheritance purposes – commercial accounting and correspondence helped shred and usurp indigenous ecosystems, replacing the ebb and flow of nomadic usufruct for subsistence with extractive concessions and land property rights hereditarily entitling the owner to use and get the most out of his biospheric warehouse. Colonial “letterscaping” covered the earth with an encrypted (i.e., non-transparent to illiterate people), chess-like template of rights and regulations that overwrote traditional livelihoods by breaking up and alienating the continuous fabric of reciprocal sensual engagement – the indigenous sensescape, so to speak. This communication will explore such historical processes up to 1580, when Portugal has been incorporated into the Habsburg Empire of Philip II.

Primatologia no Brasil: dos estudos biomédicos à conservação de espécies ameaçadas de extinção

Vivian da Silva Braz, Fernanda Cornils, José Luiz de Andrade Franco
Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
A grande diversidade de primatas sul americanos atraiu vários públicos, ao longo da história, que contribuíram para o desenvolvimento da primatologia como ciência. Devido à sua popularidade e carisma, viajantes naturalistas, pesquisadores da saúde, cientistas comportamentais, biólogos da conservação, fisiologistas, antropólogos, patologistas e ecologistas, das mais diversas partes do mundo, tiveram ou têm os primatas como objeto de estudo. Inicialmente ligados à pesquisa médica, os estudos com primatas no Brasil iniciaram-se na década de 1930, e posteriormente, a partir da década de 60, surgiram as primeiras iniciativas ligadas à conservação das espécies na natureza, com as pesquisas com o mico-leão-dourado. Porém, paralelamente ao aumento do conhecimento sobre os primatas brasileiros, aumentava também o ritmo de destruição de seus habitats naturais, trazendo algumas questões que viriam a se solidificar com a consolidação da biologia da conservação como ciência no mundo. Aliado ao surgimento das pesquisas relacionadas à conservação das espécies de primatas na natureza, que no presente trabalho serão tratadas como de viés conservacionista com primatas brasileiros, o aparecimento de novas ONGs brasileiras e o estabelecimento no Brasil das grandes ONGs internacionais dedicadas à conservação da fauna passaram a configurar um novo quadro, mais variado e mais complexo. No âmbito do poder público é importante frisar uma série de políticas públicas que em diversos graus beneficiaram os estudos com primatas, entre elas a publicação das listas de espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção. O sucesso dessas iniciativas conservacionistas e das pessoas de alguma forma ligadas a conservação dos primatas no Brasil é que definirão se viveremos daqui a alguns anos em um ambiente onde as diversas formas de vida, entre elas os primatas humanos e não humanos, poderão compartilhar o planeta Terra.

Recontando a história ambiental da jaqueira (*Artocarpus heterophyllus* Lam.) nas florestas urbanas do Rio de Janeiro: de invasora maléfica para frutífera socioecologicamente importante

Alexandro

Solórzano

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral

O atual estado de fragmentação, perda de biodiversidade e de funcionalidade ecológica da Mata Atlântica é o resultado da conversão da cobertura florestal original em lavouras e pastagens de baixa produtividade. Estudos recentes mostram a importância da regeneração natural de florestas secundárias em escala regional como um componente importante da resiliência da biomassa desses ecossistemas. Dentro desta perspectiva, nenhuma atenção tem sido dada ao papel que algumas espécies exóticas arbóreas podem desempenhar no aumento ou manutenção da cobertura florestal e recuperação de funcionalidade hidrológica e outros serviços ecossistêmicos. No presente trabalho vamos olhar em profundidade para a história ambiental da jaqueira (*Artocarpus heterophyllus* Lam.) nas florestas urbanas do Rio de Janeiro para melhor compreender o papel que ela desempenha no sistema, dentro de uma perspectiva socioecológica. A sua introdução no território brasileiro foi intencional, a partir de um projeto da Coroa Portuguesa de disseminar espécies de elevado valor alimentício e cultivar para as suas colônias. Por possuir uma abundância de frutos de alto valor calórico e proteico foi rapidamente incorporado pela população escrava. Além de ser um recurso alimentar para a população marginalizada, ela era valorizada como espécie ornamental nas chácaras do Rio de Janeiro no século XIX. A partir de investigações de campo encontramos uma associação espacial da atual distribuição da jaqueira com áreas de borda floresta/comunidade; associada à antigas chácaras e ruínas na floresta; e associada à antigas áreas de produção de carvão na floresta. Estas evidências abrem um outro olhar sobre a jaqueira nas florestas urbanas cariocas sob um ponto de vista socioecológico. Neste sentido a jaqueira, na escala da paisagem, pode apresentar mais benefícios do que malefícios para a funcionalidade ecológica da floresta, sendo um componente importante dos sistemas socioecológicos do Rio de Janeiro.

Religiosidade e natureza: percepções e sensibilidades dos imigrantes ucranianos sobre o meio natural na colônia de Rio Claro - Paraná 1895-1950

Darlan

Damasceno

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral

Os processos migratórios possibilitaram um campo de diálogo entre a relação homem e meio ambiente muito vasto no espaço paranaense. Tendo em vista os diversos grupos étnicos que ocuparam o território deste Estado, questões referentes à forma como cada cultura estabelece sua relação com a natureza,

ficam evidentes. Nesse contexto, nossa pesquisa busca analisar essa forma de ocupação e transformação do meio natural através de um componente étnico, aqui delimitado pela religiosidade, da população de imigrantes ucranianos que se estabeleceram na colônia de Rio Claro, atual município de Mallet na região centro-sul do Paraná, em 1897. As formas de ocupação territorial são pautadas por diversas relações, principalmente as de natureza política e econômica. No entanto, o campo da História Ambiental também viabiliza pensarmos as relações práticas e simbólicas que se estruturaram do encontro de um grupo social com uma natureza totalmente nova e diversa. Assim, pensamos que o meio ambiente não antecede à cultura, mas estabelece uma relação conjunta com esta, transformando e sendo transformado. Nossa hipótese incide na possibilidade de que esta relação seria mediada principalmente pela religiosidade do grupo ucraniano. Desse modo, nosso principal objetivo é analisar como a religiosidade deste grupo, influencia no modo de ocupação e transformação do meio natural. A metodologia consiste na análise de cartas de imigrantes que se estabeleceram na colônia e entrevistas com seus descendentes.

Territorialidade e mobilidade histórica Tupi

Leonardo

Baccarin

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral
O objetivo deste trabalho foi apresentar as abordagens que buscam explicar os motivos da mobilidade espacial, desde um centro de origem amazônico e em busca de novos territórios, dos dois mais conhecidos povos pertencentes ao tronco linguístico Tupi, quais sejam os Tupinambá e os Guarani. Primeiramente é caracterizada a noção de territorialidade destes povos, para se poder mostrar a relação dialética entre permanência (territorial) e mobilidade histórica (histórica no sentido de processo social de um povo ao longo do tempo) dos grupos em questão. Esta noção é apresentada em suas várias escalas, desde o que foi chamado no trabalho, por exemplo, de ecúmeno guarani, isto é, a área do continente sul-americano passível da reprodução cultural (material-espiritual) Guarani, até o tekooa, para ficar ainda no exemplo guarani, que é o nível da territorialidade que se convencionou chamar de aldeia. É apresentada também uma periodização do fenômeno da mobilidade, caracterizando-o como expansão, antes da chegada dos europeus, motivada por características inerentes aos povos e suas relações com o espaço geográfico em que vivem; e migração, movimento o qual é deflagrado pela ingerência dos conquistadores sobre suas vidas. Buscou-se com este trabalho fazer uma crítica às interpretações de ordem mais fragmentárias, ora buscando explicar a mobilidade pelo viés religioso da terra sem mal, ora por explicações meramente ecológicas – sejam elas relacionadas às mudanças ambientais (climáticas, hidrológicas e fitogeográficas) durante o Quaternário ou à capacidade de suporte do meio frente ao gênero de vida destes índios. Já as interpretações que buscamos destacar como as mais explicativas, assumindo a importância da noção de totalidade, são as que apresentam ecologia e religião – e também a

presença dos europeus –, infraestrutura e superestrutura, como uma unicidade social delimitadora da práxis histórica e espacial dos índios.

Uma commodity diferenciada: Vinhos de Altitude em Santa Catarina - Brasil

Eunice

Sueli

Nodari

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral

A produção de vinhos tem sido uma commodity importante, nas últimas décadas, em várias partes do mundo. O interesse se deve não somente devido ao seu valor comercial, mas também por aspectos simbólicos, culturais e estéticos. Se compararmos a vitivinicultura brasileira com outros países mais tradicionais, observamos que ela tem características distintas. Segundo autores, a marca da viticultura brasileira é a sua diversidade: as diferentes condições ambientais, variados sistemas de cultivo e os recursos genéticos com ampla variedade. A viticultura tradicional no Sul do Brasil é de clima temperado que se caracteriza por um ciclo anual, seguido por um período de dormência induzido pelas baixas temperaturas do inverno. Santa Catarina, comparada ao Rio Grande do Sul, teve um processo mais tardio, em relação a produção de vinhos de alta qualidade. As condições climáticas do Estado, aliados a latitude e locais com altitudes superiores a 1.000 m acima do nível do mar, podem ser um dos principais responsáveis pelo cultivo de uvas que permitem a elaboração de vinhos diferenciados por sua intensa coloração, definição aromática e equilíbrio gustativo. A vitivinicultura do Alto Vale do Rio do Peixe é responsável por cerca de 80% da produção de uva e vinho, mantendo sua tradição atrelada às origens de seus habitantes, como ocorre na Serra Gaúcha. A região em estudo, é tipicamente de policultura, em sua maioria composta de pequenas a médias propriedades rurais, onde a vitivinicultura está gradativamente ocupando um espaço importante. As paisagens da região já passaram por diferentes fases, sendo que a primeira delas foi o desmatamento em grande escala, no período extrativista, especialmente das florestas com araucárias, que hoje em pequena quantidade emolduram os vinhedos. Agradecimentos: CNPq: Bolsa Produtividade em Pesquisa e apoio ao projeto: Dos vinhedos familiares às grandes empresas: a reconfiguração de paisagens no Brasil através da Vitivinicultura.

Viagens científicas e o conhecimento da fauna e flora do Mato Grosso de Goiás

Vivian da Silva Braz, Sandro Dutra e Silva

Eixo: Migrações: flora, fauna e humanos em movimento - Comunicação Oral

A região conhecida como Mato Grosso de Goiás compreendia uma grande área florestal, inserida no bioma Cerrado no centro-sul do estado de Goiás, Brasil. Este ecossistema foi intensamente ocupado por atividades agropecuárias em meados século XX no contexto das políticas de interiorização do Brasil, e dessa

paisagem atualmente restam poucos fragmentos. Devido à exuberância da floresta e ao acesso por caminhos existentes desde o período colonial essa região foi alvo de interesse de naturalistas desde o início do século XIX, como Auguste de Saint-Hilaire e Emmanuel Pohl. Por ali passaram ainda Johan Natterer em 1893 e mais recentemente em 1934 uma expedição do Museu Paulista, liderada pelo ornitólogo Olivério Pinto. As observações e resultados das expedições revelam uma região peculiar e particularmente rica, com uma grande diversidade de flora e fauna. A documentação da diversidade ali existente é uma forma de compreender os processos de desmatamento e de transformação ambiental dessa região.

A ferrugem do café (*Hemileia vastarix*) no norte do Paraná: conhecimento agrônômico, controle da natureza e modernização agrícola

Lucas

Mores

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral

As epidemias agrícolas oferecem um caminho interessante para uma nova perspectiva de estudo de monocultivos a partir da História Ambiental. Neste trabalho, proponho a análise da expansão da doença conhecida popularmente como "ferrugem" do café, causada pelo fungo endêmico de plantas coffeea, denominado *Hemileia Vastarix* na região norte do Paraná. Esta doença teve sua expansão nas áreas produtoras da África e da Ásia durante a segunda metade do século XIX, fazendo com que o cultivo do café se expandisse na América. Em 1970, a ferrugem é detectada pela primeira vez no Brasil, no Estado da Bahia. Devido às características biológicas do fungo causador da ferrugem, os donos das propriedades e os agrônomos acreditavam que a ferrugem não poderia chegar na maior região produtora do período, os estados de São Paulo e do Paraná, devido à estação seca e às baixas temperaturas que ocorriam no inverno. Entre as poucas medidas adotadas para freiar a expansão da ferrugem, foi adotado um cordão sanitário defensivo, mas que não foi efetivo deixando a epidemia se espalhar por toda a região produtora de café. O primeiro foco no Paraná, foi localizado em outubro de 1971 no município de Guaraci. Neste período, os cafezais paranaenses tinham em sua maioria entre 16 e 26 anos, eram considerados velhos para suportar tal epidemia. Durante os primeiros casos de ferrugem no Paraná, agrônomos e plantadores de café utilizaram a imprensa para debater publicamente que necessitavam de auxílio por parte do poder público e para se investir em pesquisa científica. Por outro, o órgão criado para racionalizar e erradicar cafeeiros improdutivos, GERCA, passa a agir como um departamento de extensão rural do Instituto Brasileiro do Café para o controle da ferrugem nas propriedades e que geram vários documentos técnicos e relatórios no intuito de descrever o controle de tal doença. No cruzamento destas fontes, pretendo mapear os diferentes agentes na expansão da ferrugem do cafeeiro no Paraná.

A iconografia empregada na educação para a modernização da agricultura: 1960-1970

Marcos

Gerhardt

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
A modernização da agricultura no sul do Brasil, ligada à Revolução Verde, se desenvolveu nas décadas de 1960 e 1970, alterou profundamente a tecnologia empregada na agropecuária, suprimiu algumas técnicas características da agricultura colonial imigrante e aumentou a produtividade, mas também gerou ou agravou problemas ambientais e sociais. No norte do Rio Grande do Sul, a educação e a orientação para a adoção das novas máquinas, equipamentos, sementes, fertilizantes e venenos coube ao serviço de extensão rural da Emater e Ascar, bem como aos técnicos agrícolas e engenheiros-agrônomo das cooperativas de produção. Os representantes comerciais das indústrias de produtos para a agricultura também tiveram um papel importante. A comunicação analisa, a partir das referências conceituais de História Ambiental, diversas imagens publicadas em dois jornais de circulação regional, *Agro-Jornal* e *O Nacional*, ambos editados em Passo Fundo RS. Elas foram empregadas, em articulação com os textos escritos, na propaganda dos produtos, na educação e na orientação dos agricultores. É uma iconografia composta por fotografias, gravuras e caricaturas, que estava ligada às rápidas mudanças socioambientais em curso na época. A maioria das imagens apresenta as vantagens das tecnologias ofertadas e a possibilidade de ganho econômico, mas a crítica aos problemas socioambientais, embora tímida, também estava presente.

A Introdução do Pinus em Florianópolis/SC na década de 1960 e os Impactos causados ao Ambiente

Aline

Gabriela

Klauck

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
O potencial de espécies exóticas invasoras de modificar sistemas naturais é tão grande que, atualmente, são consideradas a segunda maior ameaça mundial à biodiversidade, perdendo apenas para a destruição de habitats pela exploração humana direta. Em Florianópolis/SC, o reflorestamento do Parque Estadual do Rio Vermelho, criado no ano de 1962, é o mais antigo e o de maior extensão na Ilha de Santa Catarina. O presente trabalho se propõe a compreender e analisar, sob o viés da História Ambiental, o processo de introdução do *Pinus* spp. no atualmente conhecido como Parque Estadual do Rio Vermelho, buscando compreender como se deu o processo de implementação e quais foram os principais impactos da introdução desta espécie naquele ecossistema. Para alcançar o objetivo proposto foram analisadas diferentes fontes: correspondências; relatórios; a legislação federal, estadual e municipal; periódicos estaduais e regionais; acervo particular. Também foram analisadas fontes iconográficas, que auxiliaram na visualização das transformações da paisagem do Parque e do processo de introdução das árvores exóticas. A presença da espécie exótica e invasora *Pinus* spp. acarretou em profundas

mudanças na paisagem e em um sério desequilíbrio ecológico naquele local. A espécie, introduzida para fins experimentais e como contenção para as áreas de dunas, se espalhou rapidamente e tomou conta do terreno, antes ocupado por formações nativas, como a vegetação de Restinga.

A Vida Rural na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa no Final do Século XIX

Gilmara *de* *Campos* *Ferreira*

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa, cujo objetivo principal foi traçar um perfil da estrutura rural da Freguesia da Lagoa no último quartel do século XIX. Para tanto, a investigação se utilizou de fontes documentais, tais como: artigo publicado em jornal da época, fotografias, recenseamento de 1872, decreto municipal e inventários post-mortem. Foram justamente os inventários que definiram o período a ser estudado, pois logo no início da pesquisa foi possível encontrar muitos destes documentos, principalmente das décadas de 1870 e 1880. A escolha em contemplar tais fontes está na possibilidade de compreender a sociedade a partir de uma perspectiva mais individual dos sujeitos. Nos arrolamentos dos inventários post-mortem constam a dimensão aproximada das propriedades, engenhos, casas, animais (bois, vacas, cavalos), escravos, canoas, roças, além de utensílios da lida e móveis da casa. Outras fontes utilizadas na investigação foram os relatos dos viajantes que, com riqueza de detalhes, descreveram a Ilha. A literatura historiográfica também foi pesquisada no sentido de dar maior respaldo ao entendimento das fontes, visto que a investigação do trabalho tem caráter empírico. Os resultados encontrados surpreendem aos que acreditam jamais terem sido agricultáveis os morros da Freguesia da Lagoa. Mostram como a agricultura na região, considerada o celeiro da Ilha de Santa Catarina, começou a perder sua expressão no comércio de Desterro e quais impactos ambientais ela causou.

As colônias-bairros de Rio Branco na década de 1940

Tissiano *da* *Silveira*

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral

O trabalho discute as modernidades introduzidas durante o governo de Guiomard Santos (1946-1950), que pretendia relevar o então Território Federal do Acre no cenário nacional - pois a ideia de um lugar desolado, para onde foram desterrados muitos no início do século XX, ainda prevalecia - através da sua capital. Concretizando os assentamentos agrícolas iniciados pelo governo anterior e utilizando uma série de medidas que engendrava novas técnicas e modelos, ele pretendiam mudar de forma muito acentuada a característica produtiva local.

Tentando absorver a mão de obra dos ex-seringueiros que migravam para as

áreas urbanizadas, as colônias agrícolas deveriam abastecer a cidade de alimentos, rompendo com a dependência dos gêneros que eram importados com valores altos, já que até aquele momento a produção agrícola era majoritariamente de subsistência. Foi criada uma série de estruturas para providenciar os meios, principalmente importados do Centro-sul, para transformar a agricultura local, como aviário, com galinhas e perus vindos de São Paulo; zebuínos, levados por avião de Uberaba; abelhas do tipo Apis, vindas do Rio Grande do Sul; e porcos Duroc, uma raça do EUA que estava começando a ser introduzida no Brasil. As mudanças se refletiriam em vários aspectos, desde os econômicos aos culturais, pois a relação da sociedade acreana com os recursos da floresta e com o extrativismo estava entranhada no modo de vida local. E também houve uma reação da elite seringalista que temia perder seu poder regional. As colônias que deveriam formar um cinturão produtivo, situadas numa área que podemos conceituar como "rururbana", não demoraram a se constituírem em bairros que adensaram a malha urbana de Rio Branco, perdendo por completo suas características. Usamos como principal fonte documental o filme de Francisco J. Ferreira, um relatório cinematográfico de 1949 sobre as obras do Território Federal do Acre, um importante documento sobre a tentativa de modernizar a região.

Binômio milho/porco na colonização do Oeste catarinense: colonização e transformação da paisagem

Marlon

Brandt

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
O artigo tem por objetivo analisar a adoção do binômio milho/porco e as transformações da paisagem a partir da colonização que se iniciou na segunda década do século XX no Oeste de Santa Catarina. Instalando-se sobretudo em regiões de vales, em lotes de dimensão reduzida e com restrições para a criação do gado bovino, o porco surgia como uma opção viável, sobretudo se praticado dentro do chamado binômio milho/porco. Sua produção era destinada não só ao comércio local, mas também à comercialização para outras regiões do Sul e o Sudeste do país. O crescimento do setor de produção de suínos vivos, banha e derivados na região, além de dinamizar a economia local, a partir do maior fluxo de capitais, acarretou também na transformação da paisagem local, com degradação ambiental e a devastação de diversas áreas de floresta nativa.

Cidade e agricultura: hortas comunitárias, orgânicos e quintais urbanos em Florianópolis

Giovana

Callado

Ferreira

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
Florianópolis tem a maior porção de seu território fica localizado em uma Ilha. Conhecida dentro e fora do país como lugar de natureza exuberante, de belas praias, lugar onde é possível desfrutar da "tranquilidade" de uma vida "rural" em

meio a um ambiente citadino. Propagandas governamentais a apresentam como o lugar ideal para quem busca desfrutar de belas paisagens, de um lugar que alia o estatuto de cidade com a tranquilidade de pequenos bairros. Nestes bairros circundantes a ilha, num passado não tão distante, vivia-se do trabalho na lavoura e no mar. A cidade sediada na Ilha, até a década de 70 do século XX, ainda mantinha características rurais muito evidentes. Deste período até a atualidade, um processo acelerado de urbanização, uma maciça propaganda turística, e o crescimento populacional, produziram grandes mudanças. Diante delas, homens e mulheres tem reconstruído suas relações com o meio ambiente. A agricultura, que já ocupou papel central no modo de vida de boa parte da população desta cidade, hoje tem os espaços físicos para sua prática bastante reduzidos. Pesquisas recentes apontam para o aparecimento de novas práticas agrícolas nesta cidade, contrariando a tese de que a urbanização levou inexoravelmente ao abandono das práticas agrícolas . Florianópolis, na condição de Ilha, e tendo na sua legislação, aproximadamente a metade do seu território enquadrado na condição de APP(Área de preservação Permanente), tem sido palco de acirrados debates sobre os usos da cidade, em especial, os usos da terra na cidade. A organização de hortas comunitárias na cidade, o crescimento de espaços para a produção e venda de produtos orgânicos, o resurgimento dos quintais urbanos, tem redesenhado esta cidade. Esta pesquisa tem como objetivo interpretar, compreender e analisar, o crescimento dos movimentos em torno da organização de hortas urbanas, da manipulação de quintais urbanos e dos espaços de produção e venda de produtos orgânicos dentro das malhas da cidade.

Ciência e Ambiente na Fronteira Sul do Brasil: do local ao global durante a longa Revolução Verde (1950-1990)

Claiton Marcio da Silva

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
O objetivo central deste projeto é analisar as mudanças socioambientais ocasionadas pelo processo conhecido como revolução verde na Fronteira Sul do Brasil. Buscando uma abordagem que relaciona o global e o local, este projeto procura demonstrar como a modernização da agricultura modificou o panorama socioambiental da região e não limitou-se apenas à inserção de insumos e agrotóxicos, mas a um extenso processo de estruturação de agências públicas e privadas (ACARESC, EMBRAPA Suínos e Aves, EPAGRI em Santa Catarina, ACARPA no Paraná e ASCAR no Rio Grande do Sul), de formação de agricultores voltados à estas práticas e de consolidação de modelos de produção voltados à monocultura, como soja, milho e trigo por exemplo. Também, este processo integrou a produção familiar local junto à crescente agroindústria, diminuindo a produção autônoma de produtos agrícolas. Tal

processo significa a inserção desta região em um modelo nacional e global de desenvolvimento principalmente após a década de 1960 e, mais recente, tornou-se objeto de questionamento por parte de movimentos sociais que buscam alternativas, como a Agroecologia, por exemplo. Por outro lado, as instituições criadas durante o processo de estruturação da revolução verde, bem como suas substitutas, não abandonaram, por total, seus ideais de aumento da produtividade baseado no uso de agrotóxicos, sementes transgênicas e outros insumos. Com isto, pretendemos pontuar a atualidade e a importância de estudar a revolução verde, buscando demonstrar as resistências a este processo, mas também a permanência de determinados princípios dentro e fora de instituições públicas e privadas de pesquisa agropecuária.

História econômica da suinocultura no Paraná: Tradição e modernização.

Odair José Ferreira de Oliveira

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
Este projeto tem como objetivo pesquisar a história econômica da modernização da suinocultura e as condições dos animais – Paraná, Brasil, principalmente no período de 1950 a 1980. Como objetivos específicos pretendemos investigar as conexões entre a modernização da suinocultura e os diversos fatores da modernização agropecuária em geral no Paraná entre 1950 e 1980. As fontes primárias envolvem censos agrícolas e agropecuários do IBGE (1950, 1960, 1970, 1975, 1980, 1990), consulta a jornais do Paraná entre 1950 e 1980 (Hemeroteca Digital) e também entrevistas com antigos criadores de suínos (da época das chamadas safras de porcos). Apesar da criação de suínos datar de cerca de 10 mil anos de existência, a importância econômica da suinocultura no Brasil e em outros países nem sempre é devidamente reconhecida e explorada de um ponto de vista histórico e econômico. No sul do Brasil o suíno teve grande relevância econômica primeiramente com a banha, período este em que ela era utilizada praticamente em todas as refeições do dia, e também tinha finalidade de conservação de alimentos. Num momento subsequente, com o processo de refrigeração, os suínos tipo banha perderam espaço para as raças de suínos tipo carne, devido a demanda exigida pelo mercado consumidor. No Paraná, a suinocultura tem sido muito relevante na histórica econômica do estado no século XX. Recentemente, por outro lado, a questão do bem-estar animal é cada vez mais discutida nas universidades, cursos de veterinária, pela indústria, ONGs e sociedade em geral, o que aponta para possíveis novas trajetórias do setor.

Monocultura e seus riscos: fruticultura de clima temperado e o debate em torno da segurança alimentar entre as décadas de 1980 e 1990

Jo Klanovicz

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
Esta comunicação discute os riscos e as consequências da produção de frutas de clima temperado em regime de escala no Brasil entre as décadas de 1980 e

1990 à luz de um debate de história ambiental sobre a monocultura não apenas como um regime sócio-político de construção da relação de seres humanos com a terra mas também como uma relação ecológica complexa, dotada de dinâmicas interespecíficas e interdependentes. Nesse sentido, discute-se especialmente as escolhas que foram feitas por produtores de frutas de clima temperado no sentido de promoverem a produção dessas cultivares em ambientes inapropriados e sua recorrência a produtos químicos, que acarretaram na crise produtiva de 1989, quando cargas de maçãs brasileiras foram apreendidas e se constatou contaminação por produto carcinogênico. A opinião pública nacional desencadeou um debate amplo em torno de uma ideia emergente no país, que era a segurança alimentar. Nesse sentido, pretende-se pensar a opinião pública e os bastidores da discussão em torno da contaminação das cargas de maçã como elementos fundamentais e estruturantes do próprio processo de redimensionamento e de modernização ecológica pelo qual o Brasil começou a passar no regime democrático.

O Posto Agropecuário de Ijuí e a modernização da agricultura

Paulo

Afonso

Zarth

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
A pesquisa trata do papel do Campo de Cooperação Permanente, sucedido pelo Posto Agropecuário de Ijuí, implantado pelo Ministério da Agricultura na década de 1940 para fomentar a modernização agrícola no noroeste do Rio Grande do Sul. Esta região se destaca pelo desenvolvimento das modernas lavouras de trigo e soja e é considerada uma das principais áreas da inovação tecnológica nessas culturas. O período de instalação dessa instituição de difusão de tecnologias corresponde ao início da Revolução Verde no sul do Brasil, colaborando para o seu desenvolvimento. Os impactos ambientais da modernização foram enormes. Os agentes a apresentavam como uma solução para os problemas da agricultura, os quais seriam resultantes do “uso abusivo” dos recursos oferecidos pela natureza. Os colonos imigrantes, instalados a partir do final do século XIX, praticavam o sistema de derrubada e queimada, com rotação de terras, utilizando a fertilidade natural do solo da Floresta Estacional Decidual. Tal sistema teve severo impacto na fauna e na flora. A proposta do Posto Agropecuário era a mecanização das lavouras, emprestando tratores e trilhadeiras; adubação; combate à erosão com curvas de nível; correção da acidez do solo; cultivo de novas variedades de sementes e ensaios experimentais. Destaca-se ainda a introdução de pesticidas altamente tóxicos (como o BHC) para combater as nuvens de gafanhoto. Analisamos o conteúdo dos documentos arquivados no Museu Antropológico Diretor Pestana produzidos pelo diretor do Posto Agropecuário, com destaque para artigos publicados no Jornal Correio Serrano, em cujas páginas eram divulgadas matérias sobre inovações e opiniões sobre a agricultura. Contamos ainda com um livro autobiográfico do primeiro diretor do Posto. A perspectiva da análise é da história ambiental, com ênfase no papel do Estado como agente de difusão de novas tecnologias e nos impactos socioambientais decorrentes do processo

de modernização da agricultura no período de 1940 a 1976.

Pensar sobre a opressão dos animais: meio ambiente e bem-estar animal na história do suíno

Miguel Mundstock Xavier de Carvalho

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
A apresentação tem o objetivo de propor uma reflexão sobre as possibilidades de pesquisa e análise a respeito das questões ambientais e de bem-estar na história envolvendo animais. O aumento do interesse pelos animais na sociedade contemporânea nas décadas recentes é um fenômeno social muito expressivo, mas tem ainda recebido pouca atenção por parte dos historiadores. Nesse sentido, a proposta é apresentar algumas reflexões sobre como os historiadores podem usufruir das discussões acadêmicas críticas sobre animais oriundas da veterinária, filosofia, biologia, entre outras, para construir agendas e projetos de pesquisa centrados em animais ao longo da história. Como estudo de caso, serão abordados detalhes da história da criação de suínos no Paraná, especialmente no período pós-Segunda Guerra Mundial.

Pragas agrícolas e seus impactos nas relações sociais, primeira metade do século XIX

Valéria Dorneles Fernandes

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
Infestações de gafanhotos são relatadas na região do Rio da Prata desde, pelo menos, 1640. Porém, é a partir da última década do século XIX que as infestações passam a ser mais evidentes. No início do século XX, as pragas de gafanhotos são recorrentes em diferentes partes da Argentina, do Uruguai e do Brasil. Em face destas infestações, diferentes estratégias foram empreendidas pelos governos destes países para combater estas infestações. A pesquisa científica passou a ser desenvolvida com mais vigor nos respectivos países, e as especialidades científicas em Agronomia Fitossanitária e Entomologia ganharam maior impulso. A ocorrência das infestações de gafanhotos foi um processo ecológico que, gerando grandes impactos na economia dos países do Rio da Prata, foi muito importante na época, chegando a mobilizar internacionalmente os setores da política, da ciência e da agricultura. O objeto de análise desta pesquisa são os processos de interação entre sociedade e natureza motivados pelas infestações de gafanhotos na região do Rio da Prata, e que desencadearam conexões e ações políticas, econômicas e científicas transnacionais nessa região, envolvendo o Brasil, o Uruguai e a Argentina, no período de 1890 a 1950. Proponho uma discussão sobre o impacto nas relações e modos de vida dos indivíduos à partir da ocorrência das recorrentes infestações de gafanhotos no Sul da América do Sul, bem como em outras localidades do mundo, realizando um paralelo entre as formas de combate e também as formas que estas impactaram a vida das pessoas.

Pre-Columbian anthropogenic changes in landscapes of the Northeastern section of the Brazilian Atlantic Forest

Cristiane Gomes Barreto, Jose Augusto Drummond

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
Spatial analysis of pre-Columbian impacts on the vegetation of the American continent is an important tool to understand the history of landscapes and to propose conservation strategies. This text examines the spatial dimension of anthropic changes occurring in the Northeastern Brazilian Atlantic Forest during pre-Columbian times. It is based on cartographic projections of information contained in chroniclers accounts and archeological findings concerning the subsistence patterns, the demography and the changes produced in natural settings by several indigenous populations. Findings indicate that the scale of changes occurring in the natural landscape before the presence of Europeans may have reached 80 percent of the area of the Northeastern Atlantic Forest. Local floral formations suffered different degrees of impacts, with stronger pressures having been exerted by the phytophysionomies of pioneer formations and of dense humid forests.

PROJETOS DE MODERNIZAÇÃO: Estações Agrícolas Experimentais e Postos Zootécnicos em Santa Catarina nas primeiras décadas do século XX.

Manoel Pereira Rêgo Teixeira dos Santos

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
Na história do Brasil, as atividades agropecuárias foram consideradas, e de certa forma ainda continuam sendo, um dos alicerces da economia brasileira. Entretanto, é recorrente nas análises de diversos pesquisadores que, ao menos até a primeira metade do século XX, esta dependência da produção rural não significou que a agricultura e pecuária brasileira tenham sido marcadas por grandes investimentos no aperfeiçoamento das técnicas e de pesquisas no setor. Pelo contrário, uma de suas grandes marcas foi o uso de técnicas agrícolas consideradas rudimentares e de pouquíssimos incentivos à atividade. Apesar disso, no estado de Santa Catarina, onde o processo de colonização através de pequenas propriedades rurais contribuiu para uma configuração agrária muito particular em relação a outras regiões do Brasil, identificamos alguns incipientes projetos de modernização das práticas rurais por ações governamentais que interferiram nas condições ambientais. Entre as iniciativas do poder público, destacamos a fundação de estações agrícolas experimentais e postos zootécnicos em diferentes regiões do estado. Estas instituições promoviam a introdução e melhoramento de culturas agrícolas assim como o aperfeiçoamento genético das espécies animais através da aquisição de reprodutores e matrizes de qualidade reconhecida. Portanto, este trabalho dedica-se a compreensão do papel destas instituições e os possíveis resultados para transformações nas práticas rurais e ambientais catarinenses.

Transformações na estrutura agrária do sudoeste paranaense

Tiago

Arcanjo

Orben

Eixo: Agricultura, pecuária e impactos ambientais - Comunicação Oral
Neste artigo objetiva-se analisar a estrutura agrária da região sudoeste do Paraná, a partir dos processos que pautam a produção agrícola deste espaço junto à noção de pequenas propriedades. Esta caracterização é difundida na historiografia enquanto fruto de levantamentos sociais ocorridos em outubro de 1957, neste sentido, o trabalho pretende pensar como na re-ocupação pautada em uma estrutura agrária diferenciada é constituída a agricultura neste espaço. Também será dada atenção às transformações que ocorreram em contexto nacional a partir da segunda metade do século XX, em especial para como se inserem novas relações de produção. Pretende-se por meio da metodologia de história oral apresentar os processos que pautam a agricultura recente no sudoeste do Paraná, ou seja, será analisada a produção agrícola junto ao modelo agroexportador, sobretudo de culturas como a soja e o milho. Para considerar tais aspectos serão apresentadas duas entrevistas, uma com um funcionário de uma cooperativa agrícola e outra com um casal de jovens, que mesmo residindo no espaço rural, trabalham no meio urbano. De tal modo, será realizada uma análise que compreenda tanto, o contexto histórico de formação desta região a partir de um movimento social e de sua caracterização de pequenas propriedades, como, a estrutura de produção agrícola recente que pauta a organização deste espaço.

A historicidade das práticas de matança animal em matadouros

Lucas

Vinicius

Erichsen

da

Rocha

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
A comunicação a seguir é desdobramento de uma pesquisa de doutorado de fase inicial, em reelaboração e visa apontar as potencialidades de um tema de pesquisa, a história dos matadouros e a historicidade das práticas que neles são efetuadas. Escolher tais objetos viabiliza novas abordagens historiográficas, como também enriquecer análises pautadas na historicidade de como a espécie humana se relaciona com outras espécies animais, cuja carne seja própria ou não para consumo. Destarte, uma pesquisa histórica sobre os matadouros e as práticas neles realizadas tem relevância por conta de que esses locais integram o nosso contemporâneo, mas, sobretudo, por demarcarem transições nas práticas de matança animal para consumo humano. Embora essa prática possua longa temporalidade, nosso interesse inicial é voltado para a segunda metade do século XIX e início do século XX, pois é nesse período que emergem esforços nas tentativas transformar as práticas de manufatura da carne, reconfigurações na geografia da morte animal e seus aspectos correlatos. Deve-se ressaltar que as transformações efetivadas nos matadouros no período anteriormente informado resultaram em: racionalização da manufatura da carne; disciplina no trabalho de abatedores; controle da circulação da carne no

contexto urbano; tentativas de proibir matanças até então realizadas em proto-matadouros e, no que pode ser mais enriquecedor para a História Ambiental, como o despejo de resíduos das matanças e da higienização dos matadouros em rios ou lagos, alterações do ambiente nos arredores desses edifícios e na relação entre o uso de lenha em matadouros com a extração de madeira. Não menos importante, as mudanças efetivadas contribuíram na alteração da percepção humana no que concerne preocupações éticas em relação aos animais abatidos e sobre o consumo de proteína animal. Em suma, buscar possibilidades e refinar coordenadas na cartografia da historicidade de práticas de matança animal na produção de carne.

A mão que abastece a cesta: orgânicos e transgênicos no horizonte do consumidor

Cleber

José

Bosetti

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
Sabe-se que as escolhas feitas pelas pessoas na hora de comprar seus alimentos são definidas a partir de vários critérios como o habitus, o gosto, o preço dos produtos, a preocupação com a saúde, entre outros. Também é de conhecimento comum que os alimentos disponíveis no mercado, atualmente, seguem três grandes linhas: os produtos orgânicos/agroecológicos que são produzidos sem o uso de agrotóxicos; os produtos convencionais, em geral produzidos com o uso de agrotóxicos; e os transgênicos que, além de usarem agrotóxicos, caracterizam-se por mudanças genéticas em sua constituição. Diante dessas condições, o presente trabalho procura analisar a percepção dos consumidores acerca dos tipos de alimentos referidos, especialmente em relação ao binômio transgênicos versus orgânicos em uma cidade do interior de Santa Catarina. Além da dimensão local, o trabalho utilizou como critério metodológico o grau de instrução dos entrevistados, o grau de informação acerca dos alimentos referidos e as características do mercado local. O resultado foi a identificação de que os frágeis graus de informação dos consumidores no que diz respeito à natureza dos produtos, somados às deficiências dos mercados alimentares locais, no que se refere ao abastecimento dos produtos orgânicos, faz com que a aquisição desses produtos seja pequena mesmo quando os benefícios para a saúde são reconhecidos pelos consumidores.

A percepção interdisciplinar e histórica do direito à cidade

Zenildo

Bodnar

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
O presente estudo tem como objetivo analisar o direito à cidade numa perspectiva interdisciplinar e histórica. Defende a limitação dos saberes parcelares e da lógica cartesiana para a compreensão do complexo fenômeno urbano. A partir da análise das contribuições da história, propõe a necessidade

de uma epistemologia interdisciplinar para caracterização do conteúdo e alcance do direito à cidade, com foco predominante no direito e na história ambiental. Com a utilização do método indutivo e a partir de pesquisa bibliográfica de vários campos do saber, aborda a amplitude conceitual da categoria cidade; o significado e alcance do direito à cidade com enfoque no legado teórico Henri Lefebvre e na sua dimensão jurídica.

A produção agroalimentar das cidades alemãs: aspectos de uma história ambiental urbana

Angela

Bernadete

Lima

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
No século XIX, em virtude da poluição, do crescimento e adensamento rápidos, as cidades industriais se tornaram insalubres. A partir destas transformações do espaço, estudo pretende debater acerca do surgimento práticas agrícolas desenvolvidas em meio urbano, tendo como principal objeto de análise o movimento que teve início na Alemanha de meados do século XIX, que ganhou novas nuances nos períodos que se seguiram aos conflitos bélicos mundiais, e que adquire força ainda hoje com a crescente preocupação ecológica. Esse movimento ficou amplamente conhecido na Europa como *Kleingärten* (pequenas hortas), e vem ganhando força no atual contexto das cidades. Trata-se de um movimento de práticas agrícolas urbanas desenvolvidos de maneira organizada que surgiu sobretudo como reação à diminuição dos espaços verdes na sequência da crescente industrialização e urbanização. Tal questão nos leva a refletir sobre as relações históricas existentes entre cidade e meio ambiente, configurando-se em uma relação complexa, porém necessária na compreensão de muitas das questões atuais, como a própria relação dos humanos com o espaço, muitas vezes fazendo uso deste para realização da atividade elementar de produção de alimentos. Essa relação nos permite ainda trazer ao debate as diversas lutas que foram e que ainda vem sendo travadas na busca de direitos à terra, à prática de costumes e a continuidade de saberes e fazeres que garantem a sobrevivência. No contexto desta prática urbana de produção de alimentos, temos ainda a busca por um modo de vida mais saudável e sustentável. Portanto, ao deslocarmos o olhar para os espaços urbanos que possuem características tidas como rurais, não raro encontramos embates que nos mostram que as interações humanas com a natureza podem apresentar significados outros.

A “Semana Verde Internacional” (Internationale Grüne Woche) de Berlim e sua proposta de popularização da bio agricultura e pecuária

João

Klug

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
A tradição de cultivo de hortas e jardins, também no meio urbano, é uma marca da sociedade alemã. Esta prática foi incentivada de forma especial a partir de meados do século XIX, com forte apoio de médicos sanitaristas e foi se firmando e expandindo através de bem estruturadas associações, as quais

normalmente conseguem se impor frente ao agressivo mercado imobiliário das grandes cidades. Esta prática deu origem a um tipo especial de exposição-feira em 1926, a Grüne Woche, a qual foi gradativamente tomando forma, vindo a se constituir no maior evento europeu no que diz respeito a agricultura e pecuária. A presente comunicação visa evidenciar o perfil desta feira, com destaque a sua proposta de popularizar a produção agropecuária na perspectiva orgânica e de sustentabilidade. Destaca-se a quantidade de empresas do ramo de nutrição e culinária, popularizando a produção orgânica e a educação ambiental, tornando este evento na maior feira de nutrição, agricultura e jardinagem do mundo.

Alimentação, meio-ambiente e saúde: O Kochkäse como Patrimônio Cultural Imaterial do Vale do Itajaí (SC)

Marilda Checcucci Gonçalves da Silva

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral

O artigo discute o Inventário do Kochkäse, queijo feito e consumido por agricultoras de origem alemã do Vale do Itajaí (SC) há gerações. Seu modo de fazer foi trazido na forma de um habitus (BOURDIEU, 1989) com sua vinda para a Colônia Blumenau, em 1850. Esses agricultores vieram em busca de uma vida melhor, atraídos principalmente pela possibilidade de se tornarem donos de uma pequena propriedade rural. No novo território desenvolveram um sistema agrícola nos moldes de origem ainda que devido ao novo ambiente e clima tenham tido que adaptar suas técnicas agrícolas e cultivos, criando um ecossistema próprio formado por um conjunto interligado de plantas e animais. A transformação dos produtos agrícolas derivados, mediada pelo habitus alimentar trazido pelas mulheres, irá resultar em um sistema alimentar próprio, onde o Kochkäse é parte central. Uma característica marcante do Vale é a presença de pequenas agroindústrias familiares que comercializam legalmente os produtos provenientes desses saberes. Esta não é a situação do Kochkäse, que enfrenta problemas com a vigilância sanitária, que não aprova sua comercialização por ele ser produzido com leite cru. Esse parâmetro proveniente de legislação voltada para a lógica da grande indústria, não condiz com a realidade do produtor artesanal, que comercializa seu queijo na ilegalidade. Os resultados evidenciaram a importância do Kochkäse para a identidade e subsistência do grupo. Além disso, com a entrada dos agricultores nas indústrias surgidas na região na década de 1960, deixou-se de criar o gado leiteiro pela exigência de cuidado constante do agricultor, que como worker-peasant vem abandonando a sua criação, sendo sua presença hoje somente garantida pela sua comercialização. Constitui-se ainda em fonte de renda, saúde e segurança alimentar, além de contribuir para a agrobiodiversidade local. A pesquisa foi realizada com base na metodologia do INRC do IPHAN e a autora coordenou a parte histórico antropológica.

As Teses Medicas e a prescrição terapêutica de Ipecacuanha

Márcio

Xavier

Corrêa

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
A poaia ou ipecacuanha é uma planta medicinal cuja aplicação foi significativa no tratamento de várias moléstias devido às suas propriedades emética e expectorante, além de combater a disenteria. Extraída e comercializada no Brasil e exportada para a Europa e Estados Unidos, ganhou destaque científico e relevo econômico, tornando-se conhecida internacionalmente por suas aplicações terapêuticas. Assim, visando contribuir para o debate historiográfico acerca dos temas saúde/doença, pretende-se neste texto analisar historicamente a produção de saberes científicos sobre usos e aplicações médicas de poaia/ipecacuanha a partir das teses defendidas por médicos mineiros na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, durante o século XIX. Neste sentido, destaca-se a possibilidade de inventariar práticas médicas relacionadas a esta erva medicinal bem como visualizar a abrangência do uso terapêutico da mesma nas enfermidades, o que torna possível apontar considerações sobre a sua relevância como medicamento. Com base nas teses médicas, observa-se que a poaia, ou ipecacuanha, aparece como terapêutica recomendada em casos de moléstias diversas e também como objeto de estudo principal, conforme a tese intitulada "Da Ipecacuanha; Sua Acção physiologica e therapeutica" (BASTOS, 1878). Assim, é possível inferir que a prescrição da ipecacuanha como medicamento no âmbito científico remete a uma convergência de saberes, produzidos inicialmente em espaços geográficos e contextos sociais distintos, transformados através do tempo.

Breve relato de saberes e fazeres na feira de hortifrutigranjeiros

Onete

da

Silva

Podeleski

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
Esse trabalho é um relato parcial da minha experiência de observação junto à Feira livre de hortifrutigranjeiros do Córrego Grande, em Florianópolis. Um dos objetivos foi observar as práticas culturais dos feirantes e como compartilham seus saberes entre pais e filhos no trabalho com os alimentos na feira. Foi possível observar que mesmo os filhos, sendo orientados pelos pais, para a realização das atividades há reelaborações que os jovens fazem, tanto no contato com os clientes, como, a escolha por determinadas atividades a partir de sua identificação com aquele trabalho que faz a mediação da circulação dos alimentos produzidos na agricultura familiar. Esses compartilhamentos de fazeres e saberes se reconfiguram a partir dos sujeitos praticantes no seu cotidiano, observando que os jovens escolheram quais atividades continua a realizar durante o trabalho na feira, principalmente quando se desdobram às sociabilidades ali compartilhadas via alimentos e, o modo como agem incorporando suas particularidades. Pode-se constatar que em alguns momentos existe maior comunicação entre as pessoas, outros, diferentemente, a

comunicação está evidenciada diretamente com os alimentos. Essa delimitação dos feirantes na feira não se dá somente na oralidade, mas é observando que se vê onde é que cada um circula, tanto pessoas, como produtos. Há um compartilhamento de escolha pela feira tanto pelos feirantes, bem como pelos clientes, que teriam outras opções de venda e aquisição de alimentos nas cidades, mas são valores simbólicos positivos para além do econômico em relação à feira que os mantêm nesse espaço.

Considerações acerca da caça comercial dos sabiás para alimentação humana na primeira metade do século XX.

Mário

Roberto

Ferraro

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
Para Ponting (1995) a caça como atividade para abastecimento das cidades foi a responsável pela dizimação da avifauna norte-americana. O objetivo desse paper é discutir o uso de pequenos pássaros na alimentação da população urbana brasileira nas primeiras décadas do século XX e apontar resistências contra essa prática. Os sabiás e outras avezinhas eram vendidos vivos ou em conserva. Os naturalistas Ihering e Löfgren protestavam contra a matança de passarinhos porque eles não eram caça *strito sensu* e eram úteis porque consumiam insetos. Ihering propunha uma legislação de proteção às aves que deixasse considerar os passarinhos de menor porte como sendo de caça. Foram também estudados alguns manuais de caça, pois os caçadores ao escreverem sobre seu esporte faziam uma descrição da natureza e da sociedade de sua época e traziam pequenas notas sobre o consumo dessas aves. Embora destruidores ambientais, lamentam a destruição da natureza, pois isso diminui a caça. Carvalho (1924) aponta o sabiá como ave de caça, pois sua carne é muito saborosa e são fáceis de se matar em grande escala porque não abandonam um ‘companheiro’ ferido. Segundo Neiva (apud Santos, 1940), no inverno, desde o litoral sul de São Paulo até Santa Catarina, essas aves migravam da Serra do Mar à baixada litorânea e lá eram mortas aos milhares, depois salgadas e vendidas. Há poucos registros desse comércio. Todavia, as condições principais estavam presentes: abundância de aves na natureza, carne apreciada, facilidade de abate em larga escala, mercado consumidor próximo e o domínio do processo de conservação. Há registros na imprensa sobre cargas levando sabiás. Como referencial teórico, além de Ponting, usou-se autores consagrados da história ambiental brasileira, sobretudo Duarte (2006). E também o brasilianista Warren Dean (1995).

Historicidades nos saberes e fazeres tradicionais associados ao extrativismo do coco indaiá

Regina

Coelly

Fernandes

Saraiva

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
A *Attlalea dubia* é uma planta bastante apreciada entre comunidades rurais e quilombolas por ter usos tradicionais múltiplos: sua palha é comum servir de cobertura para pequenas construções rústicas; o coco indaiá é o fruto da

palmeira (*Attalea dúbia*) que gera óleo e serve como alimento. O coco indaiá é muito característico em regiões de Cerrado e muito apreciado. Seu uso tradicional é parte dos saberes e fazeres de comunidades indígenas e quilombolas do centro do Brasil e de outras comunidades rurais, mas que vêm se perdendo ao longo do tempo. Os frutos já foram vendidos em mercados no passado como alimento, ou como sabão para o uso doméstico. O artigo pretende apresentar aspectos relativos à historicidade do processo de extração e consumo do coco indaiá, tendo como referência pesquisa bibliográfica sobre os saberes e fazeres tradicionais associados ao extrativismo do Cerrado. Os saberes tradicionais sobre os usos do coco indaiá foram acompanhando diferentes mudanças nos modos de vida das comunidades rurais e quilombolas. A *Attalea dúbia* vem ganhando novos usos, em especial o ornamental, sendo empregada na arborização de praças e parques (do uso rural para o urbano). O artigo pretende discutir ainda a importância do (re)construção de saberes e fazeres tradicionais associados ao extrativismo de espécies de Cerrado.

Imersões Agroecológicas: a ressignificação do alimento a partir de performances ecológicas

Julia

Cardoni

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
O trabalho, ainda em andamento, trata de uma etnografia junto a Feira de Agricultores Ecologistas localizada na cidade de Porto Alegre. A FAE, como é chamada, é tida como referência no debate agroecológico do estado por seu pioneirismo e militância. A discussão central versa sobre ritualizações realizadas em propriedades agroecológicas de feirantes e discute a produção de significados atribuídas ao alimento a partir do realinhamento dos vínculos estabelecidos entre consumidores e agroecologistas. As “Festas da Colheita”, que recebe ênfase nesse estudo, possibilitou vivências de “imersão agroecológica” nas propriedades que desencadeiam reflexões sobre os saberes dos anfitriões e sobre a noção de uma cosmologia agroecológica a partir da eficácia de sua performance ao envolver os participantes na ritualização da colheita e na sacralização da natureza. Trazendo questões sobre a relação organismo-ambiente, como sugerida por Tim Ingold.

Memórias da cultura alimentar na cidade de Florianópolis/SC

Gisele

Palma

Moser,

Marcos

Montysuma

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
O presente artigo busca refletir sobre as culturas alimentares presentes em Florianópolis a partir das memórias e narrativas orais dos sujeitos, dos relatos de viajantes e vestígios arqueológicos relacionando a utilização dos recursos

naturais como parte da dieta, sendo que boa parte está baseada nos produtos de origem marinha. Dentre os viajantes estrangeiros encontramos relatos apontando a qualidade da água, dos frutos do mar e dos frutos cítricos. Sabidamente, a dieta rica em vitamina C, presente nos frutos cítricos, atuava contra os malefícios do escorbuto, que atacava a tripulação das embarcações, devido a longa permanência a bordo em alto mar. As ostras e demais frutos do mar faziam parte da dieta alimentar dos povos mais antigos que habitaram a Ilha de Santa Catarina, que contavam com uma fauna marinha e terrestre abundante. Através das memórias temos relatos da população local com registros de coleta e consumo de frutos do mar como uma prática comum. Esses hábitos chegaram aos nossos dias, como teremos oportunidade de demonstrar no decorrer do artigo. Os frutos do mar são alimentos de alta importância nutricional, como fontes de proteínas e de minerais essenciais à saúde da população. As ostras são consideradas as melhores fontes de zinco para o organismo. Na atualidade, o desenvolvimento da maricultura projeta a cidade de Florianópolis como grande produtora nacional de ostras e mexilhões. Chama a atenção a crescente poluição marinha do entorno da ilha, que requer por parte dos poderes constituídos a adoção de políticas de educação ambiental, com o fim de proteger e preservar a qualidade da água em que é desenvolvida a maricultura.

Mudança de sensibilidade e hábitos alimentares: o veganismo na História do Brasil

Maíra Kaminski da Fonseca
Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral
A sensibilidade em relação aos animais vem ganhando espaço nos debates recentes, acadêmica e socialmente. Tratar animais não humanos como sujeitos de direito perpassa meandros éticos, morais e práticos da vida em sociedade. No Brasil, esse debate ainda pode ser considerado novo, e dentro da disciplina de História um tanto quanto ausente, estando presente mais nas agendas da filosofia, direito e antropologia. É nesse contexto que este trabalho se insere, com intuito de minimizar essa falta, suscitar discussões acerca da relação entre homens e animais e refletir sobre como esta relação influencia a sociedade e o meio ambiente. Para isso, a adoção de um estilo de vida que vem crescendo em seu número de adeptos se faz interessante para análise. O vegetarianismo, e seu nível mais avançado, o veganismo, são práticas que demonstram o último grau de mudança de sensibilidade em relação aos animais por assumirem uma postura “aboliconista”. Ou seja, a total abolição da exploração animal pelo homem, tanto para alimentação como para qualquer outra atividade, como testes de produtos, confecção de objetos, etc. Além da postura ética desses indivíduos, a questão ambiental aparece como uma variável importante, visto que o impacto que a produção de carne causa também entra na discussão desses grupos. Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo observar historicamente como a mudança de sensibilidade em relação aos animais se delineou no Brasil a partir da análise do aumento do número de adeptos das dietas vegetariana e

vegana, da evolução do discurso abolicionista e do aumento de trabalhos acadêmicos, documentários, etc. sobre o assunto. A complexidade das relações entre animais humanos e não-humanos, se observada como uma relação entre homem e natureza, demanda uma análise interdisciplinar e igualmente complexa, justificando assim o uso da História ambiental como perspectiva teórica, e de diferentes tipos de fontes, como blogs, revistas, jornais, relatos pessoais e leis.

Território, Educação e Alimentação da Criança Mbyá-Guarani da aldeia vy'a em Major Gercino/SC

Vandrezza Amante Gabriel, Marilda Checcucci Gonçalves da Silva

Eixo: Meio Ambiente, Alimentação e Saúde - Comunicação Oral

O artigo apresenta dados iniciais de tese de doutorado que tem como objetivo um estudo sobre o papel da família, da escola e da sociedade branca envolvente na criação e educação dos hábitos alimentares das crianças Mbyá-Guarani da aldeia vy'a em Major Gercino/SC. Uma pesquisa inicial foi realizada sobre a alimentação do grupo durante dissertação de mestrado. Na tese se estará priorizando o estudo da alimentação das crianças, buscando-se o seu aprofundamento. Tendo em conta esse objetivo busca-se identificar e analisar a formação dos hábitos alimentares dessas crianças desde o processo de amamentação até a consolidação desses hábitos por crianças maiores que já freqüentam a escola. Pretendemos verificar como se dá a educação alimentar promovida nas séries iniciais, quando essas crianças vão estar em contato quase sempre com um padrão específico de alimentação através da merenda escolar. Sua relevância se justifica tendo-se em conta a importância da formação dos hábitos alimentares para a saúde e segurança alimentar do grupo, mas também pelo papel que a alimentação tem para a questão da própria construção da identidade do indivíduo. Sabemos dos impactos que o grupo como um todo vêm historicamente sofrendo desde o seu contato com a população branca da sociedade nacional ocasionando o confinamento dessa população em territórios restritos e comprometendo seus recursos alimentares tradicionais, a sua relação com a terra e o meio ambiente. Será realizada uma etnografia, buscando-se através da participação na sua vida cotidiana e de um levantamento de campo, identificar seus padrões alimentares e o modo como são construídos.

A Água como um Direito Humano e da Natureza no Século XXI: a (Re)definição de seu Tratamento Jurídico

Tiago Dalla Corte, Thaís Dalla Corte

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral

O direito à água, no século XXI, está redefinindo-se. Ele que, até 2010, em âmbito internacional, era reconhecido, apenas, como uma necessidade humana básica, passou a ser declarado, por Resoluções da ONU, como um direito humano. Por sua vez, as Constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009) foram além do que prevê o direito humano à água ao proclamarem o direito da

natureza e da Madre Tierra à água. Dessa forma, objetiva-se avaliar o direito à água perante os recentes acontecimentos, nacionais e internacionais, ocorridos na área. Nesse sentido, este artigo, através do método de abordagem indutivo, objetiva analisar o tratamento jurídico da água no século XXI. Assim, é a problemática deste estudo: no século XXI, o direito à água redefiniu-se? Como resultado da pesquisa, verifica-se que a redefinição do tratamento jurídico da água está em curso, precisando de melhoramentos e, principalmente, de implementação, a fim de que se concretize, verdadeiramente, um novo direito a ela. É o que se passa a apresentar nas duas seções deste trabalho: o direito humano e o direito da natureza à água.

A Construção dos Significados de Apropriação Atribuídos ao Sistema Hídrico da Bacia do Rio Biguaçu/SC: da Colonização aos Dias Atuais

Geovano

Pedro

Hoffmann

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral
O espaço geográfico é construído pelas sociedades através da apropriação do meio natural, cujos elementos constitutivos são atribuídos significados. Como o espaço é dinâmico e reconstruído permanentemente pela sociedade, novos significados e representações surgem pelas novas formas de apropriação e intervenção no meio físico em diferentes momentos históricos. Nesta perspectiva, o objetivo do presente artigo foi compreender a construção dos significados atribuídos aos cursos d'água ao longo do processo de ocupação da Bacia do Rio Biguaçu/SC desde a colonização. A historiografia relativa ao século XVIII e XIX demonstrou que as suas águas eram vistas como elemento estratégico de interesses econômicos provinciais, assim como elemento de referência espacial do estabelecimento das propriedades em seu baixo curso e fator condicionante para a ocupação no médio e alto curso da bacia hidrográfica. No século seguinte, o rio principal deste vale litorâneo chegou a ser utilizado inclusive como hidrovía no comércio de mercadorias com Florianópolis e, mais tarde, porém, as inúmeras obras de retificação dos cursos d'água no baixo curso passaram a ser realizadas com vistas à expansão agropecuária e urbana inserida na lógica desenvolvimentista, gerando efeitos hidrológicos compensatórios do equilíbrio natural da bacia hidrográfica. Hoje, no entanto, ainda em consequência de determinados significados atribuídos no passado, que permanecem materializados na paisagem, vem sendo despertado um novo significado às suas águas, através do interesse pela proteção ambiental.

A territorialidade do arroz na bacia do Prata

Vera Lucia Fortes Zeni, Luiz Fernando Scheibe

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral
A bacia do Prata é a segunda maior bacia hidrográfica do continente latino americano, de cujo território abrange 17%, com seus 3,1 milhões de km². É formada pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai e contém as águas subterrâneas do Sistema Aquífero Integrado Guarani/Serra Geral. Essa bacia é compartilhada

pelo Brasil, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Argentina. O território das águas desta bacia foi locus geográfico de cobiça de seus recursos naturais no processo histórico de formação de suas fronteiras políticas. As diferentes relações de poder foram marcadas num primeiro momento entre índios e europeus, na sequência entre as coroas espanhola e portuguesa, depois entre o império luso brasileiro e os países vizinhos. O efeito colateral destas disputas pelo espaço foi a formação de diferentes territorialidades constituídas a partir dos múltiplos usos da água: navegação, energia, agricultura, pecuária, pesca, turismo, indústria, usos domésticos entre outros. Este artigo tem como foco demonstrar a função da água para formação de uma territorialidade específica a partir do cultivo do arroz pelos principais países produtores da bacia: Uruguai, Brasil e Argentina. A escolha da rizicultura se deu face ao uso extensivo de água para sua produção através da irrigação, por ser um alimento básico da população mundial, pela expressiva exportação deste produto pelos países platinos, com sérias implicações ou impactos pelo uso da água para esse cultivo. A investigação que está em andamento é parte de tese de doutorado em Geografia, que faz uso de pesquisa bibliográfica e documental através de fontes procedentes de levantamentos em órgãos governamentais dos países abrangidos pela bacia: CIC, FONPLATA, institutos de pesquisas, empresas; análise de Acordos, Tratados, entre outros, para a caracterização dos agentes envolvidos, períodos, objetos em disputa, causas dos conflitos ou motivos de cooperação que levaram à territorialização da bacia.

A Vila que não deu Água na Amazônia

Leila

Mourão

Miranda

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral
O texto é uma análise dos depoimentos colhidos pela Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI, sobre os Problemas Fundiários no Estado do Para, no ano de 1984 que, não tendo como foco os ambientes ou os problemas ambientais oriundos da colonização iniciada em 1971, pelo Governo Federal, propiciou a emergência e a evidência de graves problemas de abastecimento de água nas agrovilas planejadas e construídas sob os auspícios do Estado brasileiro, referenciadas ao um imaginário de extrema abundância de águas na região amazônica. Trata-se de uma abordagem da História do Tempo Presente na perspectiva da História Ambiental. Início com uma fala de Dom Erwin Krautlear, bispo de Altamira, aos membros da CPI. “Uma mulher, no dia de finados, acendeu velas na porta do Banco do Brasil-BB. Advertida por um transeunte de que o cemitério se situava mais adiante, ela respondeu incontinentemente: Não Senhor, eu estou certa! Meu marido está enterrado aqui dentro”. O episódio relatado pelo Bispo, à época, referia-se à situação dos moradores da Agrovila do Km 90, (Medicilândia) que, foi inicialmente localizada em uma área não provida de nascentes ou curso fluvial, o abastecimento de água prevista no projeto seria feito por meio de poços artesianos, financiados aos colonos pelo Banco do Brasil. Após alguns meses a agrovila foi abandonada pelos colonos, alegando-se que “na Vila não dava

água”. Segundo o ex-diretor do PIC, Dr. Odair Pawlaski das 27 agrovilas construídas pelo INCRA, do Km 23 até o Km 100, da Rodovia Transamazônica, 13 estavam falidas e abandonadas, 14 em estado precário e a escassez da água assolavam os moradores. Estudos geológicos realizados pelo Núcleo de Estudo de Geologia da Universidade Federal do Para-UFPA, em março de 1984, constataram que na área do Km 90, havia uma imensa laje (rocha) de 70 metros, sob toda a superfície destinada à agrovila, o que determinou a sua transferência para outro local, com perdas financeiras para todos envolvidos e da vida para alguns.

Abastecimento e consumo de água na África do Sudoeste Alemã (1884-1914)

José Nilo Bezerra Diniz
Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral
A pretensão colonial alemã de erigir uma cidade nas franjas do deserto da Namíbia trouxe consigo inúmeras questões. Com efeito, o desafio de abastecê-la de água foi a principal delas. A despeito da falta de água, a insistência pela localidade se dava pela posição estratégica como principal ancoradouro do sul da colônia e pela descoberta de importantes reservas de diamantes nas cercanias do núcleo urbano. A administração colonial privilegiou uma racionalidade técnica, assentada em soluções altamente dependentes de uma tecnologia exógena, em detrimento dos raros pontos de água conhecidos pela população autóctone. São exemplos disso a importação de água da cidade do Cabo por um navio cisterna ou a dessalinização da água do mar. Tais medidas transformaram o abastecimento em um problema crônico para a administração alemã. A partir da história ambiental, o presente trabalho busca discutir as dinâmicas do colonialismo alemão na produção e consumo de água em Lüderitz, desde a construção e manutenção da infraestrutura necessária para dessalinizar a água do mar, a capacidade e variação do custo de produção, até a divisão sócio-racial do consumo do líquido. As fontes privilegiadas são as atas, relatórios e correspondências municipais referentes à planta industrial de dessalinização (Kondensator) e os jornais locais, Lüderitzbuchter Zeitung e Deutsch-südwestafrikanische Zeitung. Como resultados parciais, podem-se destacar a precoce comercialização da água em consequência dos custos de produção, a profunda clivagem racial no acesso e consumo do líquido e uma freqüente mobilização social pelo controle do preço da água.

Agua para consumo humano en la metrópoli de Cochabamba, Bolivia

María del Carmen Ledo García
Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral
Dentro del proceso de urbanización boliviano, resalta la metrópoli de Cochabamba, por la acelerada expansión horizontal de su huella urbana, carente de planificación y con alarmantes niveles de inequidad y pobreza. Se persigue analizar las características de la oferta y demanda de servicios básicos en

especial del agua procedente de la red pública y también las estrategias a las que recurren los sectores empobrecidos para cubrir sus necesidades básicas, como respuesta a una multivariada gama de insatisfacciones. La Guerra de Agua en Abril del 2000 mostró al mundo las consecuencias injustas de la privatización de los servicios básicos, sin embargo, después de 16 años, perduran las anomalías que no fueron superadas. La provisión pública del servicio del agua en Cochabamba, solo beneficia a los sectores de mayor poder económico que se localizan en no más del 50% de su territorio. En el otro 50% del territorio, la población recurre a ingeniosos mecanismos de abastecimiento alternativo, utilizando carros cisternas, pozos y pequeños sistemas de autogestión social, construidos a través de los movimientos sociales comunitarios. Se trata de familias que viven en precarias condiciones de vida, acompañados de altos niveles de pobreza, situación que revela la inequidad y exclusión social en la que se erige el desarrollo la metrópoli ya que sufren una multivariada gama de carencias. Se considera que la identificación de diversos esquemas organizativos que han sido utilizados por la población, revelan las grandes potencialidades de los movimientos sociales para hacer frente a situaciones adversas y que se constituye en un interesante desafío para incidir en la política pública y también para valorar el papel de los movimientos sociales en los barrios pobres de las metrópoli.

AMBIENTE E TECNOLOGIA: Considerações sobre a Usina Hidrelétrica de Itá (SC)

Melody

Forcelini

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral
Atualmente o Brasil tem destaque mundial no que se refere à instalação de Usinas Hidrelétricas. Duas entre as dez maiores UHEs do mundo estão no país: UHE Itaipu e UHE Tucuruí. Apresentada como uma fonte energética “limpa, renovável e barata” os projetos hidrelétricos elaborados levam a justificativa do progresso, da modernidade em nome do interesse público. O Rio Uruguai, que faz divisa entre os estados sul brasileiros de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, teve sua natureza radicalmente alterada, praticamente deixando de ser um rio para se tornar reservatório de diversas hidrelétricas especialmente durante e após o regime civil-militar que perdurou no Brasil de 1964 a 1985. Um dos carros-chefes do governo federal desse período foi à domesticação da natureza, sua apropriação violenta por parte do estado como recurso e nesse sentido, cursos d’água capazes de serem convertidos em energia tornaram-se objeto de desejo político, econômico e tecnológico. Desta forma, um dos mais importantes empreendimentos construídos no Rio Uruguai foi a Usina Hidrelétrica de Itá. O objetivo do trabalho é analisar o processo de construção da Usina Hidrelétrica de Itá, Santa Catarina, Brasil, na década de 1990, tendo como pano de fundo as relações entre tecnologia de força bruta e socionatureza em meio à discussão sobre os projetos de grande porte, o saber das engenharias e as consequências socioambientais desses processos. A pesquisa está inserida na inter-relação História Ambiental e História da Tecnologia, tomando como

pressuposto a ideia de que as construções de grandes projetos tecnológicos são a materialização de intenções humanas sobre o ambiente, síntese das dimensões naturais e construídas do mundo tangível.

Apontamentos históricos do aproveitamento hidrelétrico e recursos hídricos no Triângulo Mineiro (1920-1960)

Eduardo

Giavara

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral
A presente comunicação visa fazer uma análise histórica do aproveitamento e dos impactos sobre os recursos hídricos no Triângulo Mineiro, observando, em especial, a geração de energia. A região está localizada à oeste do estado de Minas Gerais e ocupa posição estratégica entre o eixo Brasília/Goiânia, fazendo divisas com o norte do estado de São Paulo e sul de Goiás. A proximidade sempre colocou a região na órbita da economia paulista e nos interesses políticos do planalto, permitiu o desenvolvimento de uma importante malha urbana e uma intensa exploração agrícola e pecuária, setores que sempre foram destaque na economia regional. Para além das posições políticas e econômicas e região também se encontra em um divisor de águas entre os Rio Grande, fronteira paulista, e Rio Paranaíba, fronteira goiana, fenômeno que permitiu a exploração de várias quedas d'água para geração de energia. Na década de 1920, surgiu na região as primeiras experiências de geração de energia, em cidades como Ituiutaba, Uberaba e Uberlândia, em regra geral as experiências eram iniciativas de pequenos empresários locais que geravam energia para alguma indústria ou comércio e revendiam o excedente para as municipalidades. Essas hidrelétricas eram, em sua maioria de "fio d'água", próximas as cidades e conseguiam atender somente cidades muito próximas. Ainda coube a essas pequenas empresas a modernização da região e a criação de pequenas empresas que atuaram no setor. Na década de 1950, o setor elétrico nacional vivenciou intensas mudanças que também se refletiram na região, as pequenas centrais hidrelétricas (PCHs) não cabiam mais no modelo de estatização do setor e todas tiveram que ceder espaço aos vultosos investimentos nas grandes hidrelétricas e altamente impactantes ao meio ambiente.

APROPRIAÇÕES DO RIO ARAGUAIA EM ARUANÃ-GO: da origem mítica aos usos do turismo/1959-2015

Eliete Barbosa de Brito Silva, Nelton Moreira Souza

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral

O rio é personagem marcante na história dos povos. Nas palavras de Heródoto o rio Nilo seria o responsável pela existência e sobrevivência dos referidos povos. Considerado pelos povos dessa etnia como sendo o berço de sua origem,

o rio Araguaia é hoje o grande atrativo turístico na cidade de Aruanã-GO. O Araguaia, assim como o Nilo, é percebido na sensibilidade dos povos de seu entorno como elemento vital. É ele o responsável por fornecer o alimento, o lazer, a fertilização dos campos. O rio é estrada líquida a aproximar os povos. A contemplação de suas águas os coloca em contato com a divindade. Elegemos o rio Araguaia, como centralidade para os nossos estudos. É inegável o fascínio exercido pelos rios no imaginário das pessoas. Estes são cantados em verso e prosa; tornam-se cenário para desfechos românticos ou ainda para grandes tragédias. Guardam mistérios e levam esperanças. Ainda que reconheçamos toda a simbologia que permeia as águas do rio, embora sua existência seja condição de relevância para a sobrevivência dos povos, o seu estudo em um contexto ambiental e sociocultural é algo ainda novo no meio acadêmico. O aporte teórico que nos habilita a esse desiderato é a História Ambiental. Esta surge em um contexto de globalização no qual a valorização das questões ambientais era premente (Pádua, 2010). A cidade e os rios constituem-se em rica fonte de estudos. Por esses objetos é possível, nos diversos campos da ciência, delinear os caminhos de organização das redes urbanas e das relações dos indivíduos com o meio aquático (Gandara, 2013). Não existe um roteiro a seguir quando a temática é o estudo da cidade e do rio. Isso porque, ambos apresentam um caráter de multiplicidade e polissemia. As interlocuções entre eles, nem sempre se configuram harmônicas. Ora o rio “invade” o espaço urbano, ora é “invadido” por este.

De Morro da Cascata a Morro da Formiga: a história ambiental de uma comunidade e a relação com as águas do Maciço da Tijuca, Rio de Janeiro

Lucas Santa Cruz de Assis Brasil

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral

A Mata Atlântica é o bioma com maior ocupação humana no Brasil. A maioria dos fragmentos florestais está restrita a topos de serra e ilhas de matas secundárias em encostas íngremes. O crescimento desordenado e acelerado das cidades resultou em grande pressão demográfica para os ambientes naturais. No Rio de Janeiro, isto se observa nas encostas dos maciços que entremeiam a cidade. As favelas cresceram numericamente e demograficamente ao longo do século XX, e os serviços ecossistêmicos providos pelas áreas de mata ao redor das mesmas foram cruciais para garantir a sobrevivência e reprodução destes grupamentos humanos no espaço. Este artigo analisa as permanências e rupturas das relações homem-natureza na comunidade da Formiga, no Município do Rio de Janeiro, com especial enfoque nas transformações da paisagem relativas aos corpos d'água e uso dado aos mesmos. Através do olhar da História Ambiental, buscou-se reconstruir a trajetória de afirmação da comunidade no espaço. Devido à baixa documentação oficial produzida pelo Estado sobre áreas de favela, a História Oral demonstrou ser uma metodologia eficaz para desvelar a memória sobre as condições naturais pretéritas. A

comunidade da Formiga, antes conhecida por “Morro da Cascata”, cresceu invisível ao Estado por décadas e encontrou nos recursos naturais da área florestada do Maciço da Tijuca soluções para demandas imediatas. Os usos de árvores do local como matéria-prima para autoconstrução e fonte calorífica para fogões domésticos foram identificados nos relatos sobre o passado da comunidade. Cursos d’água, outrora referidos como abundantes e banháveis, diminuíram de volume e tiveram suas nascentes paulatinamente mapeadas e captadas para o uso. A captação das nascentes da microbacia do Rio Cascata mostrou-se uma prática originária dos primeiros dias da comunidade e que permanece atual, uma vez que menos da metade da população da favela ainda não utiliza água do sistema formal de abastecimento da cidade.

Governança e Participação Social na Gestão dos Recursos Hídricos no Brasil

Maria Galleno de Souza Oliveira

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral

O objetivo deste estudo é realizar uma análise a respeito do processo de governança e a participação de diversos atores na gestão dos recursos hídricos, com ênfase na complexa e difícil gestão descentralizada e o espaço ocupado pelos representantes da sociedade civil, a partir da Política Nacional de Recursos Hídricos, sob a perspectiva da interdisciplinaridade e da abordagem bibliográfica.

Impactos ambientais no Plano do Cunene (Angola, 1950 - 1970)

Simoni Mendes de Paula

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral

Durante o período conhecido como Estado Novo, o governo português criou os Planos de Fomento, uma série de programas que visavam, entre suas atribuições, desenvolver as colônias ultramarinas, especialmente as colônias de Angola e Moçambique. Muitas dessas medidas tinham o intuito de promover uma domesticação do meio natural com vistas a atrair colonos brancos para a África. Um desses planos elaborou projetos de aproveitamento hidráulico das águas do rio Cunene, um rio intermitente situado no sul de Angola. Foram desenvolvidos e executados projetos de barragens com o propósito de fornecer energia elétrica, programas de regadio e desvio das águas do rio. Apesar de estar atuando diretamente sobre o meio ambiente, os estudos realizados no âmbito do Plano do Cunene não costumavam direcionar atenção para os problemas ambientais que tais empreendimentos poderiam causar. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo analisar os estudos realizados antes da construção das barragens, atentando para as preocupações ou ausências destas no que concerne aos impactos ambientais e sociais de tais empreendimentos.

O Fantástico e a Natureza: causos e aparências no rio Araranguá, SC (1900-1950)

Jonatã

Vieira

Clemes

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral
Palco de acontecimentos misteriosos, onde atividades cotidianas assumem uma dimensão inexplicável, beirando o irreal. O rio Araranguá, quanto atribuidor de diferentes sentidos e significados, ao efluir para a formação de práticas e costumes, acaba por mediar uma particular interação entre ser humano/natureza. Neste sentido, objetiva-se, analisar as especificidades socioculturais e ambientais estabelecidas entre as populações ribeirinhas com o rio Araranguá, SC, através de sua dimensão fantástica. Em que, concomitantemente, aos relatos de estranhas aparições envolvendo bruxas, pessoas que desapareciam ao pedir travessia pelo rio, caminhões de fogo que perseguiam os pescadores e moradores, em geral, dentre muitos outros casos, a fartura e abundância de peixes se entrelaça a esta visão mística de mundo. No entanto, a medida que se intensifica a produção carbonífera na região sul catarinense (década de 1940), e seus efeitos nocivos passam a afetar o fluxo de manutenção ecológica do rio Araranguá, a dimensão fantástica de natureza ligada a diversidade e fartura, dá lugar a uma perspectiva econômica e desenvolvimentista de uso dos recursos naturais.

Resgate histórico da exploração das águas subterrâneas na história do Oeste Catarinense: o caso do município de Chapecó-SC

Janete Facco, Fábio Luiz Carasek, Luiz Fernando Scheibe

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral
O primitivo Município de Chapecó abrangia todo o território da Região Oeste Catarinense. Criado pela Lei Estadual N°. 1.147 de 25.08.1917 possuía uma área de aproximadamente 14.000 Km², representando 14,74% da área do Estado de Santa Catarina. Com os desmembramentos ocorridos a partir de 30 de dezembro de 1953, sua área foi sendo reduzida, e atualmente Chapecó abrange 0,65% do território estadual. Este artigo trata dos usos das águas subterrâneas em todo percurso histórico da colonização do Oeste Catarinense e, especialmente, do atual município de Chapecó-SC, a partir de entrevistas com os proprietários das primeiras empresas perfuradoras de poços da região, o geólogo responsável e o operador de três sucessivos modelos de perfuratrizes. Objetivou, também, elucidar os motivos para que a demanda pelos usos das águas subterrâneas ocorresse de maneira crescente durante o processo histórico até a atualidade, com a utilização das águas do Sistema Aquífero Serra Geral e, atualmente, também do Sistema Aquífero Guarani. Os resultados mostram uma relação direta do crescimento urbano de Chapecó e do modelo econômico implantado no Oeste Catarinense, de maneira especial, a produção agropecuária e as agroindústrias de transformação de carne com a necessidade, cada vez maior, do uso de água de boa qualidade, acentuada por repetidas estiagens e pela falta de uma gestão integrada dos recursos hídricos. Percebeu-se que a partir do final da década de 1960, a opção considerada mais prática foi a

perfuração de poços profundos ao invés de tentar reverter o quadro de contaminação das águas superficiais, resultando na situação atual, em que os próprios órgãos responsáveis pela liberação e controle da perfuração de poços no Estado de Santa Catarina não possuem informações essenciais como a localização, a qualidade das águas subterrâneas e a vazão dos mesmos.

Rio afogado: representações do Tocantins

Maria de Fátima Oliveira

Eixo: Águas: usos e representações - Comunicação Oral

Esta comunicação busca analisar o importante papel que o rio Tocantins desempenhou no processo de conquista e ocupação do interior do Brasil em contraste com a atual forma de seu aproveitamento como potencial energético com a construção de barragens. As principais fontes do estudo são os relatórios técnicos e administrativos, relatos de viajantes, periódicos, diários, correspondências, vídeos e fotografias que representam aspectos importantes da cultura e cotidiano da vida ribeirinha tocantinense. Trata-se, portanto, de uma análise das transformações que esse novo sistema de exploração tem causado na região nas últimas décadas, gerando rupturas culturais importantes na vida dos moradores de suas margens e causando sérios impactos ambientais na região. A efetivação de estudos antes da execução desses grandes projetos deve ser considerada, pois geralmente eles são provocadores de deslocamentos de comunidades locais com prejuízos de seu patrimônio cultural e causadores de problemas irreversíveis para a natureza.

A Ação das Indústrias Madeireiras e da Agricultura: concepções sobre o desmatamento na região do município de Cascavel/PR

Daniele Brocardo

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

A pesquisa que será apresentada está sendo desenvolvida para a construção da tese em História. O objetivo é estudar as concepções sobre o desmatamento que ocorreu na região que compreendia o município de Cascavel/PR, entre as décadas de 1950 a 1990, no ecótono da Floresta Ombrófila Mista (FOM) com a Floresta Estacional Semidecidual (FES). O desmatamento investigado ocorreu a partir da ação das indústrias madeireiras e da agricultura. Para tanto serão analisadas diferentes fontes: fotografias impressas e digitais, disponíveis para consulta de pesquisadores no Museu da Imagem e do Som de Cascavel-MIS; jornais da época produzidos no próprio município e entrevistas elaboradas com os agentes deste processo: agricultores, madeireiros e empregados destes setores. Com essas fontes almeja-se ampliar e chegar a novas constatações a respeito dos olhares que uma sociedade pode fazer sobre o meio que a cerca, atribui valores e entender se as compreensões sobre o processo de

A atividade carvoeira na Mata Atlântica do estado do Rio de Janeiro*Rubia**Graciele**Patzlaff*

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

A história da produção intencional de carvão vegetal no Brasil, relacionada ao desenvolvimento de grandes centros urbanos, ainda é pouco conhecida assim como as pessoas envolvidas nesse processo. Essa atividade era considerada degradante (suja e distante da cidade), sendo relegada apenas aos indivíduos mais pobres. Recentemente, grupos de pesquisa têm estudado remanescentes de carvoarias históricas e as resultantes ecológicas desta atividade na Mata Atlântica do Rio de Janeiro e de Niterói (RJ). Esses remanescentes, ocultos sob a floresta, são importantes fontes de informação sobre a história e evolução da paisagem. O registro histórico mais antigo desta atividade no município do Rio de Janeiro data de 1779. Em Niterói, acredita-se que tenha se iniciado a partir da década de 1940. Já foram localizados mais de mil sítios de carvoarias históricas no Maciço da Pedra Branca (Rio de Janeiro) e vinte na Serra da Tiririca (Niterói). Estes números demonstram a importância da atividade para o desenvolvimento da cidade, que tinha no carvão sua principal matriz energética. A fim de conhecer o paleoterritório dos antigos carvoeiros, foram realizadas entrevistas com seus descendentes, que participaram da produção, além da fitossociologia da floresta atual. Embora a mesma técnica de balões de carvão tenha sido utilizada em ambas as áreas, a origem e os personagens que realizaram tal atividade foram diferentes: no Maciço da Pedra Branca possivelmente ex-escravos e na Serra da Tiririca ex-funcionários da Fazenda Engenho do Mato. O conhecimento dos carvoeiros sobre espécies boas ou não para a produção de carvão e madeiras mais valorizadas no mercado resultou no manejo da floresta através de seleção de espécies. Embora seja dominada pela Mata Atlântica, a paisagem atual nas duas áreas possui características específicas, influenciadas por diferentes condições abióticas somadas a atividades humanas, como a produção de carvão, que moldaram uma nova resultante ecológica florestal.

A ética do convívio ecossustentável de José Lutzenberger*Elenita**Malta**Pereira*

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O ambientalista José Lutzenberger, ao longo de trinta anos de militância, divulgou uma série de preceitos que, segundo ele, deveriam orientar as relações dos seres humanos com os elementos naturais. A partir da apropriação de ideias e conceitos de diferentes autores, Lutzenberger elaborou uma ética ecocêntrica, centrada na manutenção da Vida, ou de Gaia (de acordo com a formulação de James Lovelock). Nesta comunicação, meu objetivo é apresentar uma

sistematização dos princípios norteadores dessa ética, por mim formulados em minha tese de doutorado (defendida na UFRGS em 2016) a partir da obra do ambientalista. De acordo com essa ética, a humanidade deveria imitar o funcionamento da natureza, se quisesse preservar os ecossistemas e a si mesma.

A História Ambiental nas trilhas interpretativas desenvolvidas em Unidades de Conservação

Douglas de Souza Pimentel

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

As características filosóficas, legais e institucionais dos parques poderiam dar a impressão de que aspectos socioculturais e históricos assumiriam importância menor do que a sua ecologia e biodiversidade. No entanto, a releitura da paisagem e as interferências das ações humanas, valorização cultural e do processo de ocupação humana local, construção de novas percepções sobre a natureza, bem como da própria história da UC são igualmente importantes. O presente artigo objetiva argumentar sobre as ligações entre a História Ambiental com a Educação Ambiental, bem como relatar as atividades de EA em Trilhas Interpretativas. Na trama do tecido histórico, os parques e as relações dessa instituição com a sociedade, representam um ponto nodal que liga a História e a Ecologia que também sustentam os argumentos para a conservação da natureza em áreas protegidas. Ainda, a Interpretação Ambiental é definida como uma arte de ensinar o indivíduo pela sensibilização à partir da sua experiência, devendo o processo almejar uma reflexão holística do ambiente. Assim as Trilhas Interpretativas podem representar um caminho de união para o desenvolvimento de uma visão mais integrada de natureza e sua relação com a sociedade. Esse é o conceito chave e unificador das Trilhas Interpretativas desenvolvidas. Dele se desdobram inúmeras discussões que abarcam a visão interdisciplinar e mais ampla no tempo e no espaço, tão necessária a História Ambiental.

A lenha do maquinista: a trajetória de proteção à natureza do ítalo-brasileiro Eugênio D'Alessandro

Filipe Oliveira da Silva

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O trabalho em questão pretende discutir a trajetória de proteção à natureza de Eugênio D'Alessandro. Nascido em 1882 na cidade de Milão, o intelectual era membro de uma família que pertencia ao corpo militar de salvaguarda das florestas italianas. Sob esta paternidade, diplomou-se em agronomia no Instituto Florestal Ducale, instituição de orientação militar. Em 1905, imigrou ao Brasil trabalhando na Companhia Light and Power como maquinista mecânico. Busca-se aqui interpretar as críticas que elaborava às políticas florestais brasileiras, as suas redes de sociabilidades, bem como o imaginário

social que regia suas propostas autoritárias e nacionalistas contra a devastação das matas que se empreendia no Brasil. Argumenta-se que suas representações de natureza tinham a finalidade de aproximação diplomática entre Brasil e Itália. Para tanto, toma-se por objeto de estudo o processo criminal de 1943 em que o intelectual faz recurso das redes de sociabilidades dos protetores da natureza como estratégia de fuga à perseguição política varguista durante a Segunda Guerra Mundial; as correspondências trocadas com outros intelectuais e o exame dos artigos publicados em periódicos, em especial a Revista Florestal, o Brasil Madeireiro e o Jornal do Brasil.

A Natureza em Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior: novas conexões

Márcia Helena Lopes, Cristiane Gomes Barreto
Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O objetivo deste trabalho é apresentar uma releitura de algumas obras do pensamento social brasileiro tomando como perspectiva a interdependência entre sociedade e os elementos naturais do território. A análise realizada considerou a variável natureza em contraposição à variável cultura. Nos interessa destacar a relevância da natureza para a nossa organização e construção social, considerando o papel do meio natural na formação da sociedade brasileira. Optamos por trabalhar com os ensaios Casa Grande e Senzala (1933) e Nordeste (1937) de Gilberto Freyre, Raízes do Brasil (1936) e Monções (1945) de Sérgio Buarque de Holanda e Formação do Brasil Contemporâneo (1942) de Caio Prado Júnior. Metodologicamente, dois aspectos foram considerados. O primeiro diz respeito à escolha dos intelectuais. Os três autores se destacaram por adotarem uma nova perspectiva sobre os problemas brasileiros. Suas obras proporcionaram a abertura de novas possibilidades para a compreensão da história nacional a partir de um olhar voltado para si mesma. O segundo refere-se à seleção das obras e à factibilidade do trabalho. Em face da ampla produção bibliográfica desses autores, decidimos analisar suas principais obras no período entre as décadas de 1930 e 1940. As obras escolhidas possuem a característica comum de se referirem ao período colonial. A releitura desses ensaios permitiu identificar as conexões que eles oferecem entre o sistema natural e o social. A interpretação do sistema social colonial abrange a cultura material e, portanto, a análise do social deve incorporar o cenário no qual se desenvolvem as relações humanas. Dessa forma, os argumentos ecológicos e geográficos, sejam determinísticos, possibilísticos, relativistas ou causais, são relevantes nessas obras, e constituem elementos importantes na análise da história sociocultural do País.

Apropriações e representações da natureza no norte do Estado do Paraná no período da 'grande transformação': da floresta às 'terras de lazer' – (1930-2010)

Gilmar

Arruda

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Em meados do século XIX iniciava-se a expansão da cafeicultura no nordeste da Província do Paraná, que iria, durante quase uma centena de anos, ser o motor da 'grande transformação' pela qual aquela região passaria até os anos de 1960. No início dos anos de 1970, a cafeicultura foi substituída, majoritariamente, pelo cultivo de outra espécie exótica: o feijão soja. Procuro nessa comunicação mapear e tentar estabelecer alguns marcos temporais para as diversas formas de apropriação e representação da natureza a partir da seguinte periodização: 1) o primeiro rural: da floresta às terras de plantar e do urbano; 2) o segundo rural: das terras de plantar, do 'mar de soja' do agrobusiness e do campo 'vazio'; 3) O terceiro rural: 'disneyficação' da natureza, tecnoespaço e vilegiatura.

As percepções dos assentados da antiga Fazenda Annoni (Pontão/RS) sobre meio ambiente

Fábio

Roberto

Krzyszczak

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Este trabalho é parte da minha pesquisa de mestrado que foi direcionada ao estudo das percepções ambientais dos agricultores assentados da Fazenda Annoni de Pontão/RS. A presente comunicação enfoca como o meio ambiente pode ser entendido pelos assentados e suas relações com a natureza local. A metodologia adotada para a implementação da pesquisa envolveu um estudo de caso e seguiu os pressupostos da pesquisa qualitativa, abrangendo oito assentamentos da Fazenda Annoni. Das 317 famílias existentes, participaram neste estudo 30 assentados. Buscamos, no desenvolver do trabalho, analisar os processos de transformação da natureza local, associando-as com a percepção que os assentados apresentam de meio ambiente. Por meio do estudo das percepções ambientais (processo participativo, envolvendo uma série de fatores sensoriais, subjetivos e valores sociais, culturais e atitudinais dos agricultores) obtivemos uma melhor compreensão sobre como se dá esta relação dentro de um assentamento de reforma agrária. Dessa forma, as reflexões, fundamentações teóricas, as análises a respeito das relações decorrentes entre o homem e o meio ambiente foram respaldadas e descritas de forma que possamos visualizar e compreender melhor essas inter-relações. Foi possível diagnosticar que os assentados possuem uma relevante percepção naturalista de meio ambiente e um grande interesse na sua conservação, porém, falta-lhes um

conhecimento da abrangência do meio ambiente nos aspectos natural e produzido: ecológico, político, econômico, tecnológico, social, cultural e estético.

Cercamentos ambientais: modos de uso dos recursos e conflitos socioambientais no estado do Paraná

Ana

Carolina

Rocha

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

A criação e implementação de reservas de proteção ambiental têm gerado conflitos sociais em diversos locais do Brasil e do mundo. Este trabalho discute a emergência destes conflitos na comunidade rural de Batuva, litoral norte do estado do Paraná, Brasil, em decorrência da criação e implementação da Área de Preservação Ambiental de Guaraqueçaba (APA de Guaraqueçaba) e da legislação subsequente, que proibiu acesso a recursos florestais que tradicionalmente a comunidade explorava para sua sobrevivência. Para tanto, foram realizados estudos na comunidade de Batuva sobre suas formas de uso dos recursos, manejo da terra e modos de vida, demonstrando como seus moradores habitam Batuva, como vivenciaram e reagiram aos conflitos que se instauram a partir da APA. Nesse sentido, o estudo argumenta que a criação da APA de Guaraqueçaba, congregada a uma rígida proibitiva legislação ambiental, configurou-se em um cercamento ambiental, conceito que desenvolvo a partir de Thompson (1987, 1998), e sua discussão sobre os conflitos gerados pela instalação dos cercamentos (enclosure) na Inglaterra do século XVIII. Em Guaraqueçaba, os “cercamentos ambientais” se estabeleceram a partir da década de 1980, quando tem início o processo de criação e implementação de reservas de proteção ambiental na região e a rigorosa legislação ambiental. As áreas convertidas em reservas passam a ficar sobre a tutela e controle do estado, que passa a reger, proibir, criminalizar e fiscalizar o uso e acesso a essas áreas, desencadeando conflitos sociais com as populações locais, que sempre acessaram e fizeram uso dos recursos florestais para a manutenção de suas subsistências e práticas culturais.

Contribuições, transformações e discursos de atores do movimento campesino no território valadarense

Carla

Fófano

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Introdução: As relações de ser humano e natureza variam de cultura para cultura, sendo regradadas, no entanto, sob a ótica da visão normativa e discursiva do poder do Estado. Conhecendo problemas da morosidade do assentamento pelo Poder Público e a má distribuição de terra aos camponeses na cidade de Governador Valadares/MG, o acampado às margens da BR-381 discursa sobre a eficiente utilização que faz deste pequeno espaço. De igual forma têm-se

elaboração discursiva interdisciplinar feita pelo professor doutor em Botânica da UFJF – Campus Avançado Governador Valadares com críticas sobre a relação entre sociedade e meio ambiente. Também há a percepção do reconhecimento da interdependência do camponês ao meio ambiente nas palavras captadas no diálogo de duas gerações de camponesas. Objetivos: Compreender a vida de um camponês sem terra que vive às margens da BR-381. Analisar as influências e concepções político/econômicos dos discursos elaborados por atores do movimento camponês e as percepções destes sobre o meio ambiente que os circundam. Metodologia: Produção de documentário por captação de entrevistas para registrar a visão de pessoas ligadas ao movimento camponês de Valadares. Resultados: O documentário revela os discursos, contribuições e transformações ocasionadas pelos atores ligados ao movimento camponês de Governador Valadares/MG. Conclusões: O debate registrado permite ampliar o entendimento e a percepção das contribuições e transformações que os atores sociais, envolvidos com o movimento camponês causam entre sociedade e meio ambiente valadarense ao saírem da invisibilidade social, desafiando a socialização de suas lutas individuais e coletivas. fofanocarla@gmail.com

Controvérsias tecnocientíficas no âmago do processo de Licenciamento Ambiental: O projeto de construção do Parque Hotel Marina Ponta do Coral, Florianópolis, SC.

Ricardo

Francisco

Paes

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O presente trabalho tem por objetivo investigar a formação de redes de atores envolvidos no debate que transpassa o processo de Licenciamento Ambiental do Parque Hotel Marina Ponta do Coral – empreendimento localizado em região nobre da cidade de Florianópolis, SC. A partir da ferramenta metodológica proposta pela Teoria do Ator-Rede, traçamos um primeiro perfil histórico do debate que se concentra nas arenas pública, jurídica, técnico-científica e ambiental. Usamos como aporte, documentos publicados em jornais, revistas, mídia eletrônica, dentre outros, visando identificar os meios pelos quais os atores humanos ou não-humanos - leigos e peritos - dão forma as suas redes, mobilizando e sendo mobilizados no sentido de fazer prevalecer suas posições no debate sobre a viabilidade (ou não) do empreendimento, bem como, sobre qual deve ser a política de preservação ambiental que a cidade deve adotar.

Crítica ambiental e agricultura: o caso de O Auxiliador da Indústria Nacional (1834-1840)

Inoã

Pierre

Carvalho

Urbinati

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Presente hoje no discurso de diversos políticos e movimentos sociais brasileiros, a crítica ambiental remonta ao período colonial, quando pensadores como Baltazar da Silva Lisboa, em fins do século XVIII, chamaram a atenção para aspectos como o corte indiscriminado das matas e falta de cuidado com a fauna silvestre e o gado. Tais críticas podem ser encontradas ao seio de O Auxiliador da Indústria Nacional, periódico da prestigiada Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, fundado em 1833 e que circulou até os anos 1890. Em vários artigos relacionados ao meio agrícola, encontramos comentários contrários à destruição das matas e à falta de cuidado com o solo, algumas vezes, inclusive, com base em autores estrangeiros, como os franceses Serres e Bujault, e em experiências de outros países na preservação de florestas. Pretendemos aqui examinar, com base em pesquisadores como José Augusto Pádua e Jean Starobinski, referências ambientais contidas em artigos do periódico, procurando apreender os aspectos antropocêntricos e perceber em que medida os artigos permitem que se vislumbre a defesa de uma agricultura moderna e racional, dentro de um ideal de civilização tendo países como a França como modelo.

Cultura versus natureza: expropriação indígena nas fronteiras entre Brasil e Bolívia (1867-1928)

Alexia

Shellard

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O presente artigo trata das expropriações ocorridas nos sertões de Brasil e Bolívia no período de definição dos limites territoriais nacionais. Entre meados do século XIX e início do século XX, as populações indígenas da região perderam grande parte de suas terras. Embasando-se numa visão etnocêntrica totalitária, os Estados definiram uma linha cronológica que caminharia necessariamente da natureza à cultura, do animal ao humano e estabeleceram que existia a civilização humana, manifesta em estágios diferentes de acordo com o desenvolvimento técnico de cada população. Nessa visão, as populações primitivas seriam aquelas que não cultivariam a natureza, que deixariam a natureza intocada, enquanto os estágios mais avançados seriam aqueles onde a natureza estaria mais humanizada. Aparatos técnicos de uma sociedade específica – capitalista, industrial, eurocêntrica – passaram a ser indicativos do grau de desenvolvimento de uma sociedade. As culturas e técnicas indígenas foram invisibilizadas através da imposição de um padrão exclusivo de ocupação da terra, voltado para o mercado e para a modernidade. As paisagens relacionadas a lógicas distintas de vivência do espaço foram rotuladas como naturais e assim deslegitimadas por seu alegado anacronismo e inércia. Sem espaços para cultivar suas tradições, muitos indígenas se viram obrigados a vender sua força de trabalho. Inúmeras populações foram extintas e milhares de indivíduos foram mortos.

Entre dois mundos: o ambiente andino nas crônicas de um espanhol, um mestiço e um ameríndio dos séculos XVI e XVII

Bruno

Azambuja

Araujo

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

A chegada a um “novo mundo” assim como os “primeiros contatos” dos europeus com as etnias ameríndias são dois aspectos de um mesmo processo que denotariam a inserção ou criação de novas perspectivas no conhecido/conhecimento ocidental do século XVI. No caso andino em particular, as esparsas cordilheiras, suas diferentes zonas climáticas e sua sociedade verticalizada foram motivos de estranhamento, exaltação e curiosidade pelos que se propuseram a descrevê-las. Simultaneamente, teria ocorrido a valorização dos feitos do homem sobre essa natureza hostil e, a partir disso, uma separação desse humano de sua própria lógica com o ambiente local. Essa perspectiva eurocêntrica que se construía, além de dificultar a compreensão das relações ameríndias dentro desse espaço, hierarquizou esse ambiente de forma a tornar mais difícil o entendimento de como o mesmo era vivenciado pelos que antes aí viviam. A análise se complexifica quando pensamos que esses três cronistas representam uma sociedade em processo de hibridização, fato que se revela na própria forma de codificação desses ambientes diversos. A presença de um cronista ameríndio e de um mestiço, reforça a tentativa de se promover essa relação local andina com sua própria natureza, ainda que armada, por vezes, com conceitos e ferramentas exteriores a mesma. Tão logo, compreende-se que o ambiente andino não foi somente um mundo inerte a “ser descoberto”, pois durante esse processo, seus elementos se tornaram parte basilar da própria visão que o analisava.

Experiências de Educação para o Ecodesenvolvimento: Percepções Sobre Meio Ambiente

Ana Paula Tabosa dos Santos Sanches, Bruno Jandir Mello

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O ecodesenvolvimento expõe a necessidade da inter-transdisciplinaridade na abordagem dos problemas socioambientais contemporâneos, considerando a multidimensionalidade das dimensões da sustentabilidade socioambiental. Permanece a convicção de que não existe ecodesenvolvimento sem educação para o ecodesenvolvimento EPE. A educação para o ecodesenvolvimento pode promover mudanças nos padrões de comportamento necessários para formar competências e autonomia. Neste contexto os objetivos específicos deste projeto são: (i) Caracterizar aspectos pedagógicos (socioambientais) de projetos de ação territorial no âmbito do ensino básico; (ii) realizar uma análise comparativa entre as experiências brasileiras de formação de professores e alunos da educação básica, inseridas no edital Novos Talentos (edital 55/2012 CAPES); (iii) sistematizar e avaliar as competências e relações participativas voltadas para o ecodesenvolvimento presentes na etapa 2015 do programa NT

FURB, subprojeto educação para o ecodesenvolvimento com enfoque interdisciplinar; (iv) propor princípios de prática sistêmica-transdisciplinar para educação à luz do enfoque de ecodesenvolvimento. A metodologia caracteriza-se por três abordagens: (i) diagnóstico descritivo e explicativo, (ii) análise comparativa e (iii) pesquisa-ação-formação. Os resultados obtidos abrangem a prática de educação sistêmica inter-transdisciplinar, integração entre pesquisa & extensão e avaliação de projetos-de-ação territorial. As considerações finais contribuir para o processo de evolução da sociedade, no sentido de formar competências e autonomia em direção a processos de desenvolvimento.

História ambiental: a contribuição de Fernand Braudel

Lilia dos Santos Seabra

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Este trabalho busca discutir a contribuição de Fernand Braudel, em sua obra acerca das civilizações mediterrâneas, para a Geohistória Ambiental. Busca destacar a "geografia dos lugares" e a camada do tempo de longa duração, no discurso de Braudel, como colaboradores para o entendimento da relação sociedade e natureza ao longo da história. Faz uma reflexão em torno da natureza como partícipe da história das civilizações, destacando e relativizando as discussões deterministas em relação ao meio natural. Aborda, ainda, a contribuição de Braudel na articulação espaço-tempo, tendo o Mediterrâneo como um personagem em si mesmo na interação com os fenômenos socioeconômicos e culturais; dando ênfase à História Total, à interdisciplinaridade e à composição estética entre tempo e espaço, capaz de captar a realidade em sua complexidade e riqueza, articulando as temporalidades curta, média e longa duração, identificando as permanências e as rupturas.

Este trabalho discute, também, o espaço como dimensão privilegiada e original nos trabalhos de Braudel - o Mediterrâneo como espaço-movimento - colocando os recortes regional e local como problema a ser analisado, bem como, as discussões a eles atrelados sobre as escalas dos fenômenos globais e locais.

História Ambiental e Ensino de História: Caminhos possíveis

Juliana Pereira Pino

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O presente trabalho pretende fomentar o debate sobre o Meio Ambiente e as diferentes correntes da Educação Ambiental no ensino de História com base no que foi apurado na pesquisa de mestrado intitulada "Da Horta Escolar a História Ambiental: Uma Pesquisa Ação Participante sobre meio ambiente e Ensino de

História” ligada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Rio Grande – FURG, sob a orientação do Prof. Dr. Daniel Prado. A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas públicas estaduais em cidades distintas: E.E.E.M. Professor Carlos Loréa Pinto em Rio Grande de maio a novembro de 2013 e E.E.E.M. Marechal Soares de Andréa no Chuí entre os meses de junho a dezembro de 2014. Nossa investigação corrobora o fato de que nas últimas décadas o ensino de história tem se renovado com relação à temática do meio ambiente. Ainda que a questão ambiental não se encontre enraizada nos conteúdos programáticos da disciplina na maioria das escolas, são notáveis os esforços de docentes e pesquisadores desta temática (CARVALHO 2010, 2011, 2012, GERHARD e NODARI, 2007). Neste sentido, nós, docentes desta disciplina, buscamos nos atualizar a fim de conhecer e ampliar as bases teóricas e metodológicas para transformar nossa prática. Assim, esta comunicação tem como objetivo fomentar o debate sobre as possibilidades de diálogo entre o ensino de história como prática e campo de pesquisa com o tema do meio ambiente e mais especificamente as contribuições do campo historiográfico da História Ambiental, a fim de estimular indagações, discussões e o surgimento de novos projetos para o ensino de história.

História, Metabolismo e Natureza: algumas observações teóricas sobre História Ambiental

Roberto

Carlos

Massei

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Nas última décadas, no que se convencionou chamar de História Ambiental tem-se estudado principalmente o modo como a espécie humana se comportou em relação ao ambiente em que viveu e como utilizou os recursos disponíveis. Procura-se compreender como a sociedade conviveu com as outras espécies e transformou o meio que a cerca, produzindo alterações na paisagem, nos ecossistemas e do planeta de modo geral. A face mais visível, negada por alguns cientistas, tem se mostrado no clima. Vai-se procurar, nesta comunicação, problematizar o modo como esses trabalhos vem sendo feitos e seus suportes teóricos. Nesse sentido, o livro *Metabolismo, História e Natureza*, de Manoel Molina e Victor Toledo, é uma ferramenta importante para pensar a História tendo como chave interpretativa o metabolismo. As transformações históricas ocorrem a partir do fluxo de matéria e energia e seus metabolismos. Não são muitos os trabalhos que têm como preocupação a relação entre história, natureza e metabolismo, destacando o modo como a sociedade pós-revolução industrial passou a consumir em quantidades cada vez maiores energia e matéria. O uso do antropoceno, conceito ainda não consolidado e que recebe crítica no meio acadêmico, é bastante restrito nas ciências humanas. O processo histórico é movido a energia e matéria, o que gera todo o mundo material e que Marx vai entender que se consegue por meio do trabalho. Marx não está errado. No entanto, o importante é destacar que o trabalho é energia despendida e que produz o mundo material bem como a riqueza, que é expropriada pelo

capitalista e se constitui no motor da acumulação de capital e no desenvolvimento do capitalismo. Portanto, a História Ambiental precisa se voltar para esse aspecto e destacar que as sociedades ao longo do tempo, por meio do metabolismo, transformaram energia e matéria em alimento, abrigo e tudo aquilo que é necessário para a sobrevivência humana: todo o seu mundo material.

Industrialização Enquanto Progresso e o Meio Ambiente nos Livros Didáticos de História do Brasil, 1972-2012

Ely Bergo de Carvalho

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

As representações presentes nos livros didáticos são um dos elementos que informam a consciência histórica produzida em uma sociedade moderna. O objetivo desta pesquisa é entender as representações de industrialização e como elas estão associadas à ideia de progresso nos livros didáticos de história do Brasil voltados para o Ensino Médio e publicados entre 1972 e 2012. Da análise de 88 livros, depreende-se, inicialmente, que a história da representação de progresso pode ser apresentada como a “redenção nacional”. Posteriormente, o discurso de progresso é deslocado para a desigualdade social e, apenas no século XXI, a desigualdade ambiental começa a ser problematizada. Todavia, a persistência de uma representação da industrialização como progresso continua a fazer parte da narrativa escolar da história do Brasil.

MDA: discursos e mobilizações em defesa da Amazônia (1978-1979)

Iane Maria da Silva Batista

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O Movimento de Defesa da Amazônia (MDA) caracterizou-se por um conjunto de mobilizações articuladas por partidos políticos, órgãos estudantis, associações ecologistas, entidades de classe, nos anos finais da década de 1970, abrangendo dezoito Estados e o Distrito Federal. Esse movimento foi desencadeado pela veiculação em jornais de circulação nacional de uma proposta de política florestal para a região apresentada pelo governo federal, com base na concessão de áreas florestadas para a extração madeireira por empresas privadas, por meio de “contratos de risco”. As manchetes dos jornais do período não deixavam dúvida ao leitor: havia um plano em curso para vender a floresta amazônica. O fato teve ampla repercussão, motivando uma articulação de diversos segmentos sociais e instituições contrários ao programa governamental. O MDA utilizou as mais distintas plataformas – imprensa, congresso nacional, assembleias legislativas estaduais, congressos estudantis, passeatas, conferências etc. – para debater a proposta, avaliada como um mecanismo de “venda da Amazônia” para o pagamento da dívida externa. Esta comunicação visa apresentar e discutir os discursos envolvidos nesse processo,

particularmente no que tange à dimensão ambiental, a partir de fontes como os jornais Folha de São Paulo, O Globo e Jornal do Brasil.

Meio Ambiente e Recursos Energéticos: Uma crítica à obra de Michael T. Klare e sua obra Guerras por recursos

Márcio

Roberto

Voigt

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O presente trabalho insere-se dentro do quadro do estudo dos recursos naturais, em especial da questão dos combustíveis fósseis e seu impacto na História do meio ambiente. Para tanto, escolheu-se um recorte bastante específico, qual seja, o da análise e avaliação do teórico estadunidense Michael T. Klare em sua obra “Guerras por Recursos” acerca da configuração global dos recursos naturais como elemento predominante dos conflitos globais no período pós-Guerra Fria. Entende-se que o debate acerca do meio ambiente não pode ser dissociado do que envolve a matriz energética global assim como o da utilização dos recursos naturais de uma maneira geral. Nesse sentido, pretende-se expor e avaliar as principais teses do autor, fazendo um balanço das mesmas e refletindo criticamente sobre suas projeções no campo da História das Relações Internacionais e de suas correlações com o meio ambiente. O texto está dividido em três partes. Em primeiro lugar uma descrição das suas principais proposições, assim como de sua trajetória como estudioso dos recursos naturais. Em segundo lugar, pretende-se expor e avaliar a correlação entre o que o autor chama de “guerras por recursos” e o impacto ambiental das mesmas. Por fim, procura-se avaliar criticamente suas principais projeções e proposições para resolução do dilema energético global e sua correlação com a escassez de recursos, ou seja, criticar as principais “soluções” propostas pelo autor que, na percepção desse trabalho, são insuficientes ou demasiadamente favoráveis aos interesses das grandes potências mundiais, dos organismos internacionais e das grandes corporações privadas transnacionais.

Meio ambiente, paisagem e cultura material ao sul de Santa Catarina no Oitocentos

Thiago

Juliano

Sayão

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Com o objetivo de apresentar o ambiente em movimento, a presente comunicação traz uma leitura sobre meio ambiente, paisagem e cultura material a partir de relato de viajantes estrangeiros, narrativas de memorialistas locais, inventários post-mortem e dados sobre produção e circulação de mercadorias no século XIX. Proponho uma análise sistêmica do meio ambiente que articule as paisagens gravadas em diferentes fontes históricas. Nesse trabalho o conceito de meio ambiente se relaciona com a noção de paisagem "in situ" – lugar culturalmente construído e localizado no tempo e no

espaço. Os elementos que compõem as paisagens servirão de referência para se pensar as transformações do espaço no Oitocentos. O patrimônio inventariado das famílias é revelador da estrutura das paisagens antigas. Os artefatos, os animais e os trabalhadores (livres, libertos e escravos), formam uma complexa estrutura física, dinâmica e contextual. A cultura material citada nos inventários permite, por exemplo, conhecer parte da composição dos ambientes internos de uma residência, mas também os aspectos externos das unidades produtivas familiares. A partir dos bens inventariados (móveis, semoventes e de raiz) e das representações das paisagens, é possível construir uma visualidade das relações sociais e de trabalho no ambiente rural e urbano. Lagoa piscosa, floresta exuberante, espaços vazios, vento, engenho de fazer farinha, tear, trapiche, canoa, rede de pescar bagre, alambique, tacho, caldeirão, roça de mandioca, carro de boi, porco, vaca, machado, foice, caldeirão, casa de taipa coberta de palha, preto da Costa, escravo crioulo, lavrador, marinheiro, louça importada e roupa de seda. Esses são alguns elementos que compunham as paisagens ao sul de Santa Catarina. O desafio aqui é ultrapassar a imagem estática da paisagem e colocar em contato as pessoas e as coisas a fim de perceber o ambiente em sua complexidade.

Memória e meio ambiente: os trabalhadores da Associação dos Recicladores de Porto Amazonas/PR

Alessandra Izabel de Carvalho

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O projeto de extensão, foco dessa comunicação, buscou desenvolver dinâmicas de produção de memória e narrativas, por meio de metodologias de história oral e de “rodas de memória”, com trabalhadores e trabalhadoras de recicláveis vinculados à ARPA – Associação de Recicladores de Porto Amazonas (Porto Amazonas), entidade acompanhada pela Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESol/UEPG. Em termos operacionais, o projeto consistiu na realização ética de um conjunto de procedimentos de produção e interpretação de narrativas orais, com entrevistas gravadas em áudio e/ou vídeo e produção de imagens fotográficas. Em termos referenciais, buscou promover o compartilhamento e a troca de experiências, por meio dos trabalhos da memória, intermediadas por situações de encontros individuais e coletivos para registros audiovisuais de trajetórias de vida e de trabalho constituídos na cultura ordinária cotidiana e a interpretação de como esses grupos, constituídos majoritariamente por indivíduos economicamente excluídos, elaboram suas reflexões acerca das questões socioambientais – uma vez que trabalham diretamente com os resíduos sólidos produzidos pelas atividades humanas no ambiente urbano. Em termos metodológicos, o projeto visou promover o diálogo entre dois campos de investigação aqui entendidos como complementares, o da história oral e o da história ambiental. Tal abordagem

assume como fundamental, por um lado, a produção da memória de pessoas comuns como recurso de empoderamento e promoção da autoestima com fins também de transformação sociocultural da realidade dos grupos assistidos pela IESol e, por outro, que tais fontes narrativas podem contribuir substancialmente para a nossa compreensão acerca de como essas pessoas vivenciam e significam suas interações com o contexto ambiental.

Memória e Percepção Ambiental: um estudo de caso sobre a Lagoa das Capivaras, Garopaba (SC)

Amanda Bellettini Munari, Carlyle Torres Bezerra de Menezes, Viviane Kraieski de *Assunção*

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O município de Garopaba, assim como muitos municípios da zona costeira brasileira, teve um desenvolvimento que não conciliou o crescimento imobiliário com a preservação dos bens de uso comuns. Neste contexto, encontram-se disputas políticas e econômicas em torno dos projetos de desenvolvimento local, que opõem, de um lado, sujeitos interessados na preservação ambiental, e, de outro, sujeitos que pretendem a implantação de grandes empreendimentos privados no município. No ano de 1988, o projeto de construção de um loteamento levou ao aterramento de uma lagoa localizada no centro da cidade - a Lagoa Pequena. Já a Lagoa das Capivaras, situada ao lado da Lagoa Pequena, encontra-se atualmente em estado de degradação devido à contaminação por esgoto sanitário proveniente das residências do entorno, além do descarte de resíduos sólidos. Este trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem como foco a percepção e a memória ambiental dos moradores de Garopaba, de modo a investigar a forma como os sujeitos se relacionam com o meio e como compreendem os processos de mudança ou transformação ocorridos ao longo dos anos. A pesquisa tem como ponto de partida a interrelação entre memória e percepção, compreendendo-as como resultantes de construções socioculturais de sujeitos e grupos sociais. Por meio de entrevistas com moradores nativos, foi possível perceber que as mudanças ocorridas nas lagoas, e em Garopaba de forma geral, estão relacionadas ao crescimento do turismo, que levou ao deslocamento dos moradores nativos para outras localidades do município. A Lagoa das Capivaras e a Lagoa Pequena, antes frequentadas por lavadeiras e pescadores, que a tinham como uma fonte de recursos para sua própria subsistência, atualmente tem seu entorno ocupado por casas de veranistas. Neste sentido, os planos de restauração da Lagoa das Capivaras, que compreendem a construção de um parque, estão atrelados à criação de paisagens para o consumo de classes média e alta.

Movimentos sociais na luta pelo acesso a terra e suas articulações: redes sociais em pauta

Arthur Saldanha dos Santos

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

As lutas sociais em busca do livre acesso para uso e direitos a terra contornam a história brasileira durante muitas décadas. Os atores envolvidos nessa busca se unem, e se reconhecem com características comuns que os colocam em um mesmo patamar, seja na luta, ou no apoio aos cidadãos que almejam a vivência e usufruto do acesso ao campo. Esses reconhecimentos e articulações entre os atores são aqui compreendidos sob o enfoque das redes sociais humanas. Dessa forma, o objetivo do presente artigo é analisar a constituição dessas redes sociais nos movimentos dos atores sociais em busca do acesso livre à terra. É também foco do presente trabalho, a importância dessas redes e como elas se constituem ao longo da história, mesmo não sendo abordado com o mesmo termo, ou reconhecido por muitos autores, embora seja evidente sua relação. Para isso, a metodologia foi baseada em revisão bibliográfica interdisciplinar sobre os assuntos. Por conclusão é evidenciado que as redes sociais por suas características trabalhadas por muitos autores ao longo dos anos, sugerem que sempre estiveram presentes no processo histórico das lutas sociais no campo, e que foram fundamentais nas articulações e fatores importantes nas muitas conquistas desses atores sociais frente as suas lutas pela terra.

O mundo natural em mapas e cartas setecentistas: os dilatados sertões das Capitanias do Norte (1779-1808)

Antonio José Alves de Oliveira

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

No último quartel do século XVIII a Coroa portuguesa empreende uma série de investigações sobre o mundo natural dos seus domínios coloniais, principalmente acerca das regiões interiores, os sertões. Capitães-mores, ouvidores e naturalistas são incumbidos de enviar amostras de espécimes de plantas, minérios e animais, além de periódicas relações descritivas sobre o físico e aspectos políticos das colônias. A presente pesquisa busca inquirir de que maneira os administradores coloniais se apropriam de aspectos da ciência e representam os dilatados sertões da Capitania, construindo classificações do mundo natural e classificações do mundo social. Busca-se ainda atentar para os fatores ambientais no processo de produção desse conhecimento, que é materializado nas relações descritivas, produzindo cartografias dos territórios e um lento processo de reconhecimento do mundo natural e do mundo social de vastas regiões, que passam a emergir em diferentes representações cartográficas e pictóricas desde meados do século XVII, com diferentes preocupações e incentivos por parte da Coroa portuguesa. Desse modo, a partir da perspectiva da História ambiental, da História da Cartografia e da História social das ciências busca-se perscrutar a produção e circulação de ideias, valores e percepções acerca do mundo natural e do mundo social nas mais diversas representações dos administradores coloniais na Capitania do Ceará Grande

entre os anos de 1779 e 1800.

Os mosquitos vilões e as casas de ponta de lápis: relações homem-Aedes aegypti em meios urbanos

Jean

Segata

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

O conhecimento do papel do mosquito *Aedes aegypti* na transmissão de doenças já conta mais de um século. Reformas urbanas e transformações da paisagem, políticas de miscigenação, uso de peixes para controle de larvas, fumigações, vacinas, campanhas de conscientização e intervenções químicas foram algumas das formas de se tentar combater e controlar algumas das epidemias a ele relacionadas. Essas ações caracterizam formas de abordagens que vão (i) do ambiente para (ii) o agente infeccioso (vírus/bactéria) e do (iii) doente para (iv) o vetor de transmissão (mosquito). Assim, a centralidade que esse mosquito ganhou nos discursos científicos, nas políticas epidemiológicas, entomológicas e sanitárias e na opinião pública fizeram dele um inimigo que deve ser combatido e vencido. Contudo, a partir de uma etnografia que desenvolvo em duas capitais brasileiras, eu procuro evidenciar como a complexa ecologia da relação homem-*Aedes aegypti* e o modo como esses mosquitos e os humanos têm suas vidas cruzadas e co-produzidas tem sido subsumida por essa atenção mosquitocentrada. Ao longo do trabalho, em um plano etnográfico que se estabelece no acompanhamento de novas metodologias de controle do “mosquito vilão”, eu busco extrair elementos para uma reflexão antropológica em torno de uma política em ação. Nesse âmbito, ciência e protocolos e práticas de intervenção de grupos e indivíduos são estabelecidos através de camadas de complexidade que incluem relações conflituosas, descrença das populações, indicadores forjados a partir de dados inconsistentes e outros interesses difusos. Em termos gerais, trata-se, de um esforço inicial em favor de etnografias da relação homem-*Aedes aegypti* que está ligado a um projeto mais amplo, que conjuga a relação homem-animal à antropologia urbana e cujo foco não está isolado no mosquito e nas suas consequências epidemiológicas, mas no modo como ele produz, movimenta e transforma a cidade.

Paisagens do Cariri: identidade e alteridade ambiental

Leandro

Maciel

Silva

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

A região do Cariri cearense, localizado no estado do Ceará (Nordeste do Brasil), é reconhecida legal e socialmente como um “território de identidade”, por suas particularidades culturais, religiosas, ambientais e políticas. A paisagem que marca o Cariri é composta pela Chapada do Araripe, abundantes fontes de água e uma rica e diversa cobertura vegetal. Sendo, então, distinta daquela que

representa a região Nordeste do Brasil e o Bioma Caatinga, de clima semiárido, com chuvas irregulares e vegetação xerófila. Em busca de investigar a emergência histórica da paisagem do Cariri, elegemos o conceito de “alteridade ambiental” para pensarmos a construção da identidade ambiental e cultural desta paisagem.

Para se criar um Parque: ideias e percepções a respeito do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro

Jackson

Alexsandro

Peres

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Este artigo objetiva interpretar e contextualizar os documentos, as ações e a legislação que se deram anteriormente, durante e após criação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, que desde sua criação em 1975 é a maior unidade de conservação do Estado de Santa Catarina. As ações em prol de sua criação se deram principalmente por conta das percepções e ideias em relação ao Meio Ambiente de diferentes atores. A análise desses discursos a respeito do Parque ocorreram por meio de trabalhos publicados a respeito da região antes da mesma se tornar parque, sendo que os principais trabalhos são de autoria do Pe. Raulino Reitz, considerado em diferentes estudos como o maior idealizador do PAEST. Além disso também foram analisados as proposições colocadas na legislação relacionada ao Parque e no primeiro Plano Diretor (correspondente ao que chamamos hoje de Plano de Manejo) do PAEST, de 1976. As interpretações dessas fontes foram feitas com base na História Ambiental na medida em que se analisa a relação homem/ambiente para legitimar a criação do Parque. As fontes mostram que além do pensamento e preocupação ambiental, houve a sustentação de um discurso utilitarista da natureza para que o Parque pudesse ter sido criado.

Percepção ambiental: cotidiano de vida das famílias moradoras do bairro Santa Rita de Cássia – PIN/AM

Mayara

Viana

de

Lima

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Este artigo objetiva descrever a percepção do cotidiano de vida dos moradores do bairro Santa Rita de Cássia, na cidade de Parintins, Amazonas, Brasil, de acordo com o estudo de caso realizado no bairro supracitado. A cada ano os índices de subida das águas fluviais na cidade têm sido elevados, influenciando em transformações no ambiente e na vida dos moradores. O estudo foi pautado na abordagem teórica da dialética da complexidade sistêmica e a coleta de dados seguiu um esquema geral a partir de: Pesquisa Bibliográfica, Pré-teste, Pesquisa documental, e Pesquisa de Campo. Tendo a Entrevista e o Diário de campo como técnicas utilizadas para o levantamento de dados na pesquisa de

campo. A partir do estudo percebemos como os riscos e incertezas fazem parte do cotidiano de vida dos moradores, a vontade de mudar para outra área é presente nos anseios dos moradores, porém a vulnerabilidade social deles influencia na dificuldade de possuir recursos para compra de um novo terreno. Essa problemática resulta em um cotidiano adaptado para a vida na área. A partir da inconstância do fenômeno ambiental os moradores organizam seu cotidiano de vida, elaboram e executam estratégias de vida de acordo com seu sistema ambiental. É o movimento das águas movimentando a vida das famílias moradoras.

Percepção do ambiente: O relato de Arsène Isabelle sobre o pampa.

João

Davi

Oliveira

Minuzzi

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Neste trabalho buscarei analisar o relato de viagem de Arsène Isabelle intitulado "Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul", que trás descrições dos lugares percorridos entre os anos de 1830 e 1834. Esta obra contém algumas informações importantes para compreendermos o ambiente desta região na primeira metade do século XIX, os impactos ocorridos neste período, bem como a relação estabelecida entre este ambiente e as sociedades que o ocuparam. Parto da história ambiental para estudar este texto com o objetivo de verificar quais eram as visões de natureza que Isabelle possuía, especialmente como ele percebia o pampa. Compreendo que o período estudado possuía formas de ver e de interagir com o meio bastante contrastantes, e devido a isto a análise deste relato de viagem propicia o estudo de diferentes influências de ideias no pensamento do autor. Este período ainda era marcado por uma instabilidade política e por uma grande mudança populacional, esta gerou diferentes impactos sobre o pampa e suas características naturais, como é o caso da introdução de fauna e flora exóticos. Tendo a obra e o contexto estudado como ponto de partida, podemos ter indícios de como o ser humano interagiu com o pampa e compreender como nossas atuais visões de natureza se formaram e se modificaram ao longo da História. O trabalho aqui apresentado é parte integrante de uma pesquisa maior relacionada à minha dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Maria como bolsista CAPES-DS.

Possíveis contribuições do III EBAA para o MST

Darcio

Cesar

Constante

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Esta comunicação pensada para o Simpósio Temático 5: Discursos ideias, e percepções sobre o meio ambiente, tem como finalidade pensar a importância que teve o III Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa (EBAA), em 1987, em Cuiabá, para a aproximação do MST com ideais de produção agrícola de base ecológica. O EBAA teve sua primeira realização em Curitiba em 1981

articulado por engenheiros agrônomos associados, com a finalidade de discutir técnicas de produção agropecuária alternativas ao modelo tecnológico da Revolução Verde. Posteriormente se transformou em um movimento de destaque pelas características heterogêneas dos participantes e dos temas abordados. O objeto desta minha pesquisa é o III EBAA, em que é possível perceber um contraste com os dois anteriores. Para além de técnicas de produção, se discutiu neste III encontro, e buscou-se tomar posições, a respeito das implicações das técnicas e dos modos de produção na organização social e política do Brasil. Destas discussões participaram engenheiros agrônomos, estudantes, ONGs, Movimentos Sociais e Secretários de estado. Entre os Movimentos Sociais participantes estava o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que através de um representante teve espaço de fala em um dos painéis apresentados durante o evento. Esse encontro se apresenta interessante na trajetória do MST, pois algumas bandeiras levantadas posteriormente pelo MST, foram discutidas neste espaço e difundidas a partir daí.

Projetos Agrícolas e Discursos Sobre a Natureza do Paraná (Segunda Metade do Século XX)

Marcos

Nestor

Stein

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Durante a segunda metade do século XX ocorreu o estabelecimento de contingentes de agricultores em diversas partes do território do estado do Paraná. Esse processo está vinculado às políticas dos governos paranaenses e brasileiro que visavam o desenvolvimento de projetos agrícolas em áreas situadas nos Campos Gerais, no Oeste e no Litoral do estado. Esta comunicação - que é um dos resultados da pesquisa intitulada “Colônias Agrícolas nos Séculos XIX e XX”, financiada pelo CNPq e pela Fundação Araucária/Seti - visa apresentar uma análise de interpretações produzidas por Albert Elfes, engenheiro agrônomo alemão que, em 1969 e 1970, estava vinculado ao INDA - Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário -, órgão que desenvolveu projetos agrícolas nas referidas regiões. Os estudos de Elfes estão registrados em quatro relatórios e apresentam interpretações que envolvem a história da ocupação dessas regiões, higiene, saúde, “vida cultural” e as identificações étnicas de seus habitantes, bem como as possibilidades de aumento da produção agrícola e as características do solo, do clima, da vegetação, hidrografia e topografia.

Representações dos animais na imprensa paulista (1930-1940)

Natascha

Stefania

Carvalho

De

Ostos

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

No Brasil, os movimentos em defesa dos animais adquiriram especial impulso ao longo da década de 1930. No estado de São Paulo foram fundadas

associações em prol da causa animal, cujas iniciativas eram divulgadas pela imprensa local e também por revistas editadas pelas próprias entidades. Esta pesquisa investiga as representações dos animais construídas em duas revistas especializadas na causa animal, *Amigo dos Animais* e *Zoophilo Paulista*. O conteúdo dessas publicações estava alinhado com o debate da época sobre a necessidade de incentivar um aproveitamento mais racional dos recursos naturais do país, capaz de desenvolver a economia sem extinguir as espécies existentes; bem como dialogava com os projetos políticos que almejaram formar brasileiros esclarecidos, trabalhadores e colaborativos. Os discursos sobre os animais remetiam ao desejo de fundar uma sociedade orgânica, que após expurgar os seus elementos daninhos (humanos ou animais), daria lugar a uma realidade de cooperação entre os diferentes, cada qual com sua utilidade, sem conflito ou competição. Assim, para além da afirmação de um protagonismo dos bichos nas revistas estudadas, analisamos como suas falas visavam impactar a formação prática e moral do chamado homem brasileiro.

Representações dos trópicos entre salubridade e insalubridade: notas de pesquisa sobre cartas e relatos de viajantes franceses da primeira metade do século XIX

Daniel

Dutra

Coelho

Braga

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Ao longo da primeira metade do século XIX, a Marinha francesa mobilizou uma série de viajantes, junto à Academia Real de Ciências e ao Museu de História Natural. Oficiais como Louis de Freycinet, Louis Isidore Duperrey e Hyacinthe de Bougainville realizaram viagens de volta ao mundo, coletando amostras de espécies e realizando experiências astronômicas e meteorológicas de modo a aprimorar cálculos cartográficos e náuticos. O objetivo desta comunicação é analisar algumas das representações que esses viajantes produziram acerca dos trópicos, notadamente em territórios como o Brasil e as ilhas coloniais francesas. Embora considerem-se fatores como as diferentes espécies e as diferentes dinâmicas climatológicas das regiões tropicais, a ênfase da comunicação se dá nas descrições que tais viajantes fizeram das condições de salubridade para o viajante europeu. Conforme discorreram sobre a organização das viagens, os viajantes formularam representações acerca do presumido impacto das mudanças de clima para a saúde dos viajantes, assim como acerca das necessidades de estabelecer regras de higiene naval, práticas de alimentação e vestimenta conforme atravessassem os trópicos. A comunicação defende a hipótese de que há um descompasso entre as representações formuladas pelos viajantes antes do início de suas experiências efetivas nos trópicos e aquelas formuladas posteriormente à realização das viagens. Mediante tal descompasso, é averiguável um progressivo esvaziamento da representação dos trópicos como intrinsecamente nocivos à saúde do viajante europeu e, em função disso, intrinsecamente inconciliáveis

com o ideal de civilização europeu. Identifica-se, contudo, a permanência da crítica a usos da natureza nos trópicos. Para tanto, analisam-se as cartas e instruções sanitárias para viajantes disponíveis nos arquivos da Marinha francesa (Service historique de la Défense), as quais são comparadas às publicações de relatos de viagem por parte dos oficiais.

Um sertão em dois tempos: narrativas de Euclides da Cunha e Sylvio Floreal sobre o Noroeste Paulista (1901-1926).

Marcelo

Lapuenta

Mahl

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

A efetiva colonização do Noroeste Paulista e sua conseqüente inserção no processo de expansão agrícola no estado de São Paulo, entre os anos de 1850 e 1920, se deu a partir do surgimento de três principais núcleos de povoamento distintos, que acabaram por dar origem às cidades de Jaboticabal, Araraquara e São José do Rio Preto. Durante esse movimento, um imenso território, antes habitado majoritariamente por populações indígenas, acabou sendo transformado pela ação das forças econômicas impulsionadas pela cafeicultura e pecuária, convertendo em zonas pioneiras um território que era, até então, comumente definido como sertão. Expansão impulsionada também pela implantação da Estrada de Ferro Araraquara, entre os anos de 1896 e 1912, que interligou, por meio dos trilhos, as cidades de São José do Rio Preto e Araraquara; fator decisivo para o incremento da região, ao ampliar o raio de abrangência das forças produtivas, que passaram a vislumbrar novos mercados para além das demandas locais. Foi exatamente esse momento singular, marcado pelo deslocamento da posição ocupada pelo Noroeste Paulista - de periférica à área pujante -, que foi observado, in loco, pelos escritores Euclides da Cunha e Sylvio Floreal. Ambos deixaram textos com suas impressões sobre região, a partir de suas passagens por São José do Rio Preto. Euclides da Cunha, em 1901, como engenheiro de obras públicas no estado de São Paulo; Sylvio Floreal, em 1926, à convite do jornal A Notícia, impresso de maior circulação na Rio Preto dos anos de 1920. Os dois observaram momentos distintos de uma franja pioneira que, em menos de trinta anos, passou de zona inóspita e acanhada à área em franco desenvolvimento. Reconstruir e analisar as narrativas desses dois literatos nos permite compreender de forma mais objetiva a ação, no exato instante, das complexas forças transformadoras desencadeadas ao longo do processo de expansão agrícola paulista, nas primeiras décadas do século

XX.

Uma análise da transformação da paisagem em Carapicuíba entre 1962 e 2013 através do uso do geoprocessamento

Dora

Shellard

Corrêa,

Flora

Shellard

Corrêa

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação

Oral

O tratamento das cartas geográficas como documentos historiográficos vem crescendo tanto entre historiadores quanto entre geógrafos desde o início do novo milênio. Contudo, as novas linguagens e técnicas cartográficas, o geoprocessamento em particular, e seu emprego pelos historiadores pouco têm sido examinadas. Nesta comunicação vamos ponderar sobre a utilização, como fonte de pesquisa em história ambiental, de material cartográfico produzido a partir de fotografias aéreas e imagens de satélites de um dado espaço geográfico. Iremos explorar mapas temáticos criados através de ferramentas de sensoriamento remoto para analisar o desmatamento ocorrido no município de Carapicuíba (SP), entre 1962 e 2013, e para discutir sobre a sua aplicação na pesquisa historiográfica.

Carapicuíba é um dos 39 municípios da Região Metropolitana de São Paulo. Pelo censo de 2010, é a quarta cidade em termos de concentração demográfica do Brasil. Apesar desse alto índice, o município conta com pouco mais de ¼ de seu território, a parte sul, dominado por condomínios abertos e fechados e terrenos desocupadas resultantes do fracionamento de antigas chácaras. Um espaço com expressiva área de matas, diferentemente do resto do território. Essa porção sul de Carapicuíba contrasta não só paisagisticamente, mas também demográfica e socialmente com o restante do município. Porém, reflete em termos econômicos, como o norte e o centro, o papel de cidade dormitório. Entre outros aspectos os mapas revelam que na década de 60 Carapicuíba como um todo já era dominada por matas secundárias e gramíneas. A urbanização da parte norte e central cresceu avassaladoramente sobre as matas secundárias a partir desse momento até os anos 80. Um processo em boa parte estimulado pelo Estado. E que na parte sul a especulação imobiliária estimulou o crescimento de matas secundárias entre as décadas de 1970 e 1980, que passaram a ser abatidas em meados da década de 90, com a grande expansão de condomínios fechados.

Uma casca aromática e valiosa: A exploração de pau-cravo na Amazônia do século XVIII

Cinthia V. Zúñiga de Souza Donini

Eixo: Discursos, ideias e percepções sobre o meio ambiente - Comunicação Oral

Desde o início da ocupação da Amazônia, na década de 1610, os colonizadores portugueses se dedicaram ao reconhecimento, extração e comercialização de frutos, fibras, raízes, óleos, resinas e cascas, conhecidos como drogas-do-sertão. Dentre tais drogas, podemos citar a salsa-parrilha, baunilha, óleo de copaíba, cacau e a casca de pau-cravo (*Dicypellium caryophyllaceum*). O pau-cravo, foi uma das drogas-do-sertão mais negociada pelos portugueses na Amazônia no último século de colonização. Desta árvore, era extraída principalmente a casca, que tinha um bom valor comercial por possuir propriedades aromáticas e gustativas bastante reconhecidas na Europa. Pesquisas recentes realizadas na

floresta amazônica constataram que a espécie está em perigo crítico de extinção, pois restam apenas duas pequenas populações desta árvore. Isso contrasta fortemente com os registros históricos. Por volta de 1700, as fontes documentais (relatos, ofícios, diário de viagens, cartas, corografias) indicam que as populações de pau-cravo na Amazônia eram consideravelmente abundantes. Esta pesquisa busca compreender aspectos históricos acerca da exploração e padrões de distribuição de *Dicypellium caryophyllaceum* há trezentos anos. Os resultados sugerem que, anteriormente, o pau-cravo tinha uma distribuição ampla, sendo encontrado em vários rios amazônicos. Além disso, os colonizadores portugueses parecem ter contribuído fortemente para a exaustão dessa espécie nativa, pois uma quantidade assustadora de árvores foi derrubada, para a retirada de sua valiosa casca aromática. A pesquisa pode, portanto, ajudar a compreender um aspecto interessante do impacto ambiental da colonização na maior floresta tropical do globo, algo que tem sido pouco abordado por historiadores.

As práticas de plantio e alimentação tradicional dos Guarani na Aldeia de Linha Limeira, Terra Indígena Xaçepó, SC

Helena

Alpini

Rosa

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral

O presente artigo tem por objetivo perceber as práticas tradicionais de plantio e alimentação que os Guarani mantêm na atualidade, especificamente na aldeia de Linha Limeira, na Terra Indígena Xaçepó, SC. Constatou-se que nas narrativas orais, durante a realização da pesquisa, os relatos a respeito da alimentação e do cultivo de alguns alimentos apareceram de forma regular. A alimentação utilizada na atualidade é comparada aos costumes e tradição dos antepassados a respeito dos usos e formas de cultivar, preparar e consumir os alimentos. Decorrente, principalmente das mudanças do ambiente com o desmatamento, a poluição dos rios, das nascentes, restou poucos espaços para agricultura nos modos tradicionais Guarani, o que provocou uma mudança grande em relação a alimentação, principalmente nas quatro últimas décadas do século XX e início do século XXI. As principais mudanças foram decorrentes das frentes expansionistas, que em boa parte do século XX desenvolveram políticas indigenistas econômicas. No oeste do estado de Santa Catarina, mais precisamente na TI Xaçepó, o crescimento da sociedade envolvente, encurralou os indígenas, tirando sua área de mobilidade, ocasionando modificações no modo de vida tradicional limitando e até impossibilitando diversas práticas cotidianas. Este e outros fatores interferiram sobremaneira, nos hábitos e no modo de vida da comunidade Guarani que vivia junto aos Kaingang. Igualmente, o desmatamento ocorrido em larga escala provocou mudanças profundas no cotidiano, não apenas das famílias Guarani, mas também, no modo de vida Kaingang, maior contingente de pessoas de TI Xaçepó, o que influenciou diretamente os hábitos alimentares e de saúde. As principais fontes utilizadas constam de entrevistas orais com pessoas mais velhas da aldeia de Linha Limeira e autores que realizaram pesquisas sobre a alimentação

Caminhos e paradas: perspectivas sobre território e mobilidade Laklãnõ/Xokleng

Juliana

Salles

Machado

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral
Padrões de mobilidade e permanência sempre foram temas caros à literatura antropológica e arqueológica relacionados à rupturas significativas na maneira como compreendemos as formas de organização social de populações indígenas atuais e pretéritas. Neste trabalho gostaríamos de refletir sobre as consequências destes conceitos na tentativa de flexibilizar o dualismo que eles acarretam. A literatura sobre mobilidade e assentamento, de maneira geral e mais particularmente para o contexto Xokleng/Laklãnõ, será pensada a partir de dados de uma pesquisa arqueológica colaborativa entre esta população no estado de Santa Catarina. Buscamos a partir de informações orais e dados arqueológicos e históricos, enfatizar os seguintes aspectos: o intenso conhecimento do território, a prática de manejo e coleta de plantas e as estratégias sociais de agrupamento ou dispersão de pessoas. Tais questões nos levam a pensar sobre a percepção do tempo e do espaço, as concepções sobre a relação entre plantas e pessoas e a composição dos ritmos de vida desta população.

Cayaponia Tayuya: A perspectiva da Historia Ambiental em interface com a História da Saúde

Diogo

Teixeira

Ramos

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral
As plantas são fonte primordial de medicamentos convencionais altamente eficazes no tratamento de muitas doenças, o conhecimento da medicina tradicional é um aliado importante para investigação químico-biológico das diferentes plantas utilizadas em comunidades na medicina tradicional a partir de um conhecimento pré-existente repassado entre gerações, o objetivo deste trabalho é descrever os diversos usos ao longo do tempo da Cayaponia Tayuya. O gênero Cayaponia constitui um dos mais vastos dentro da família Cucurbitaceae, com aproximadamente 60 espécies, apenas oito espécies de Cayaponia foram investigadas do ponto de vista fitoquímico, são elas , C. racemosa (Mill.) Cogn., C. angustiloba (Cogn.) Cogn., C. hirsuta Cogn., C. grandifolia (Torr. et A. Gray) Small., C. Africana (Hook. F.) Exell., C. podantha, C. cabocla (Vell.) Mart. e C. tayuya. A espécie Cayaponia tayuya é conhecida na Farmacopeia Brasileira desde 1926 como droga vegetal ‘tayuia’ e é bastante utilizada na medicina popular em alguns países da America do Sul no tratamento de diversas patologias como doenças de pele, reumatismo e anti-inflamatório (Lemes,2015). Alem disso nos jornais de medicina do século XIX disponível no acervo digital da Hemeroteca a Tayuya é recomendada no tratamento de sífilis. Compostos orgânicos de valor medicinal presentes na

Cayaponia Tayuia foram identificados como: Curcubicianinas e flavonoides. Pelo ponto de vista agrônomo a Cayaponia Tayuya é reconhecida como espécie espontânea, ou seja, não desejada no sistema de produção, contudo, também é utilizada como isca atrativa para o controle de Diabrotica Especiosa. A metodologia utilizada neste trabalho é a História Ambiental em interface com a História da Saúde e História da Agricultura.

Conflito Socioambiental e História Oral de uma Comunidade Caiçara no Litoral Fluminense. A extinção da Aldeia Imbuí, Niterói, RJ

Ana Angélica M. de Barros

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral

Comunidades tradicionais representam grupos culturalmente diferenciados como populações caiçaras, quilombolas, dentre outros, que ocupam e usam territórios e recursos naturais com base nas suas tradições culturais, sociais, religiosas, ancestrais e econômicas. Muitas dessas comunidades estão estabelecidas em áreas atualmente incluídas em Unidades de Conservação e também onde estão presentes as forças armadas brasileiras. O objetivo do trabalho foi reconstruir o processo histórico de formação da Aldeia do Imbuí, discutindo o conflito existente entre os militares do Exército Brasileiro e a população caiçara. A Aldeia Imbuí localiza-se na entrada da Baía de Guanabara, no bairro de Jurujuba, no município de Niterói, RJ, estando inserida na APA dos Fortes. A região ainda abriga uma considerável parcela da Mata Atlântica, caracterizada pela Floresta Ombrófila Densa. O resgate da história oral foi feito com base na pesquisa qualitativa, fazendo uso de entrevistas livres e semi-estruturadas, realizadas. O início da ocupação da Aldeia Imbuí remonta ao ano de 1886, quando um assentamento de pescadores, provenientes de Pernambuco se estabeleceu na Praia do Imbuí. Os moradores, além da pesca artesanal, dedicavam-se também à agricultura de subsistência. Em 1901, o Exército Brasileiro se instalou efetivamente no Imbuí e, após o Golpe Militar de 1964, a área passou a ser integralmente controlada pelos militares do Exército. A partir daí começaram a impor normas restritivas sobre os direitos fundamentais da comunidade tradicional. As restrições se intensificaram em 2015, sendo que a situação conflituosa foi agravada, resultando em demolições de casas na tentativa de expulsão dos moradores remanescentes. O presente estudo mostra a injustiça social ocasionada à comunidade caiçara, que teve seus direitos fundamentais ultrajados pelo poder judiciário federal e pelas forças armadas brasileiras. Além de serem impedidos de exercer sua atividade de subsistência na pesca e roça caiçara.

Conflitos entre as legislações ambiental e indígena no Brasil contemporâneo: O contexto de autodemarcação da Terra Indígena Mbyá Guarani Tekoá Mirim

Fábio do Espírito Santo Martins

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral

Este trabalho propõe evidenciar o processo de autodemarcação da Terra Indígena Mbyá Guarani Tekoá Mirim, que por estar localizada no interior do Parque Estadual da Serra do Mar no litoral de São Paulo, sofreu como consequência, que diferentes instâncias do poder público passassem a considerar os indígenas que vivem naquela TI, como invasores, por entender a sua permanência contrária ao "corpus" legal que legisla sobre a ocupação humana nas Unidades de Conservação. Dando início, portanto, a uma articulação político-administrativa para impossibilitar a manutenção indígena no seu próprio território, que secularmente é legitimada pela materialização sócioespacial do seu modo de vida culturalmente peculiar, ou seja, de seu Nhande-rekó; completamente ignorado e desprezado pelas representatividades do Estado brasileiro. Diante de tal contexto, pretende-se dar visibilidade às motivações sociocosmológicas e etnohistóricas que justificam a dinâmica de deslocamento e ocupação espacial dos Mbyá-Guarani nesta autodemarcação territorial.

Entre Botos e Homens: Do Imaginário Sobre o Mito Amazônico ao Discurso Ambiental

Taciana de Carvalho Coutinho

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral

Para o povo amazônico o imaginário está intrinsecamente presente nas relações com a natureza. As questões ambientais impõem significados sociais dos quais influenciam diretamente no aspecto econômico dos ribeirinhos. Nesse contexto, os botos aparecem como figura representativa da história da região, sendo o animal responsável pelas transgressões ocorridas na sociedade, o qual utilizavam-se da mitologia como elemento primordial para mascarar o comportamento social, cultural e econômico. O presente estudo buscou propiciar uma discussão do imaginário do mito do boto em relação ao discurso ambiental contemporâneo, apresentando os principais impactos ambientais decorrentes da ação humana para com os botos amazônicos. Na construção do imaginário, a região apresenta conflitos inerentes ao processo de colonização, deparando-se com um espaço geográfico importante na consolidação dos mitos e suas representatividades. Através do estudo bibliográfico do mito e por meio dos aspectos ambientais observados na atualidade, compreende-se que o mito, para os ribeirinhos ainda são verdades vivenciadas, com a função principal de explicar, ensinar e advertir os mais jovens. Querendo ou não, o Boto ainda interfere nos hábitos e costumes da população ribeirinha, retratando ainda mais o aspecto negativo e indesejado do boto namorador, que vira os barcos, que come os peixes, e que são odiados por serem considerados pragas aquáticas.

Fronteiras da Trijunção: Representações e Memórias do Sertão-Gerais (PARNA-GSV – PNPCT).

Francisco da Paz Mendes de Souza

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral

Trata-se de um Projeto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, da Universidade de Brasília (PPG-MADER/UnB) – Campus de Planaltina-DF e que já está na fase de coleta de dados. É uma pesquisa que busca compreender de que forma as representações e memórias do Sertão-Gerais, no contexto das múltiplas fronteiras da Região da Trijunção, podem contribuir com a valorização de Identidade(s) Cultural e Territorial das Comunidades Tradicionais do Entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas (PARNA-GSV) com enfoque sobre memórias orais de ex-moradores/as e moradores/as da referida unidade de conservação, dando ênfase à defesa da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT como uma das Estratégias Impulsionadoras do Desenvolvimento Rural Regionalizado, Integrado e Sustentável. A Trijunção é uma região de fronteiras (agrícola, cultural e físico-ambiental), localizada na intersecção dos estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais. É zona de transição Cerrado-Caatinga e fica a 350 Km de Brasília. Serão utilizadas História Oral e História Cultural como procedimentos metodológicos em abordagens sobre narrativas de parentes consanguíneos e por afinidade de descendentes da família-tronco constituída pelo casal Rafael Mendes de Queiróz e Rita Rodrigues de Almeida (antigos donos da maior parte da Área de Ampliação do PARNA-GSV conforme Inventário feito em 1907), como elemento-base para o entendimento sobre reconstrução da Identidade Geraizeira num contexto de desterritorialização constante provocada por diferentes políticas de modernização conservadora do Cerrado, implantadas naquela região logo depois da inauguração de Brasília.

História ambiental: Representações sobre a Imagem da Natureza Pantaneira pela População Indígena Terena

Sandra Cristina de Souza

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral
Acreditamos que o conceito de perspectivismo criado por Viveiros de Castro (2008) seja um caminho para entendermos a representação da comunidade indígena Terena sobre a biodiversidade de suas aldeias, sua relação com ela, e quais os impactos que poderão ser causados com a implantação do Geopark.

No caminho dos carvoeiros: composição florística e estrutura da floresta em um paleoterritório de exploração de carvão no Maciço da Pedra Branca, RJ

Gabriel Paes da Silva Sales, Rogério Ribeiro de Oliveira

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral
A floresta que recobre o Maciço da Pedra Branca, localizado no município do Rio de Janeiro, apesar de sua fisionomia prístina, é formada em sua maior parte por florestas secundárias de diferentes idades, que foram intensamente manejadas por um grupo social específico no passado. Assim, a atual floresta que compõe este maciço foi utilizada para a produção de carvão nos séculos

XIX e início do XX e, após o abandono desta atividade, se regenerou, restando, atualmente, apenas poucas evidências deste uso pretérito. No interior da floresta do Maciço da Pedra Branca, que possui aproximadamente 12.500 hectares, já foram inventariados mais de 1.000 vestígios de antigas carvoarias. O presente trabalho objetiva avaliar a composição florística e a estrutura do estrato arbustivo-arbóreo de áreas que foram utilizadas para a produção de carvão. Deste modo, foi investigado se este tipo de manejo interferiu na forma que a floresta se regenerou, avaliando-se os rumos da sucessão ecológica. Além disso, foram verificados os potenciais usos e buscou-se identificar outras marcas dos carvoeiros na atual floresta, com o propósito de contribuir para uma melhor compreensão do modo como este grupo social atuava neste maciço. Para isto, foram selecionadas e inventariadas três áreas que foram utilizadas para a produção de carvão que se apresentam com idades aproximadas, mesma orientação de encosta e declividade semelhantes. Em cada um delas foram realizadas cinco parcelas em transecção (60 x 5 m) formando um semicírculo no sentido de subida da encosta, resultando em uma área amostral de 1.500 m² (no total 4.500 m²). Apesar das três áreas terem sofrido um mesmo último uso, a floresta, atualmente, se apresenta com resultantes florísticas e estruturais bastante distintas entre si, mas que revela em variados aspectos, a ação pretérita dos carvoeiros no maciço.

Territórios Turísticos e Resiliência Cultural: estratégias locais para o desenvolvimento turístico sustentável do município de Bombinhas/SC

Marina Mujica de Paiva

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral
O desenvolvimento do turismo em áreas protegidas vem crescendo nas últimas décadas tanto no Brasil como no mundo. Um dos grandes desafios que se apresentam em relação às áreas protegidas é a preocupação em preservar os processos que geram e mantêm a diversidade biológica existente no lugar. A adoção de uma perspectiva sócio ecológica para conservação de espaços naturais nos remete a questão da sociobiodiversidade. Lugares onde existe uma valorização cultural por parte dos próprios moradores, em relação ao seu estilo de vida, suas tradições, seus costumes, suas identidades, são lugares onde os moradores apresentam uma maior resiliência frente às mudanças sociais provocadas pelo turismo. O objetivo desse estudo é investigar como vem se dando o processo de apropriação/expropriação territorial a partir do desenvolvimento turístico em áreas protegidas da zona costeira brasileira e seus efeitos na população local, sobretudo na pesca artesanal, utilizando como referência o caso do município de Bombinhas - SC. Esta pesquisa encontra-se em sua fase inicial e trata-se de um estudo de caso de caráter exploratório e descritivo. Será realizada uma etnografia sobre o modo de vida do lugar e sua relação com o turismo e as áreas naturais protegidas.

Trombetas - um rio no fio da navalha

Eurípedes

Antônio

Funes

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral
Ao se analisar a constituição e reprodução dos Mocambos, na região do Baixo Amazonas, oeste do Pará, no século XIX e suas configurações nas atuais comunidades “remanescentes de quilombolas”, é imprescindível considerar o lugar social dos rios nesta história. São eles que se configuram como caminhos naturais de fugas e de significativa importância na reprodução destas sociedades. Estas artérias fazem pulsar a vida quilombola. São partes de uma territorialidade negra. Na contemporaneidade os rios, em especial o Trombetas, estão sob ameaças de grandes projetos minerais e hidrelétricos, um perigo que já tem impacto as terras de mocambeiros.

Vozes dissonantes: as práticas socioculturais e ambientais da Comunidade Quilombola São Roque

Sílvia

Correia

de

Freitas

Eixo: Ambiente e saberes de comunidades tradicionais - Comunicação Oral
O presente trabalho visa compreender as estratégias, dinâmicas e práticas socioculturais e ambientais de um grupo social que atualmente se autodenomina Comunidade Remanescente de Quilombo São Roque, localizada nos municípios de Praia Grande(SC) e Mampituba(RS), e que vivencia um caso de conflitos e injustiça ambiental e social gerado a partir da criação dos Parques Nacionais Aparados da Serra e Serra Geral. O período abordado será da metade do século XX até o presente. Estudiosos da América Latina e do Caribe chamam a atenção para as rápidas e extensas mudanças ambientais da segunda metade do séc.XX e para o paradoxal surgimento, no mesmo período, dos movimentos ambientalistas, que contribuíram para difundir um tipo de percepção que enfatiza a diversidade e a fragilidade de um mundo natural considerado de grande valor (LEAL; PÁDUA; SOLURI, 2013). Será abordada a idéia de justiça ambiental, trabalhada por muitos autores (PORTO; PACHECO; LEROY, 2013; PÁDUA, 2013;), e que está presente em vários estudos realizados em comunidades quilombolas e camponesas nas Américas (CASTRO, In: LATTA; WITTMAN, 2012; ALMEIDA, A. W. et al (Orgs.), 2010; SILVA, V. R. 2012; SOUZA, J., 2009; BENDAUD, 2012).

Há uma relação íntima das populações tradicionais com o meio ambiente, e estas têm uma forma própria de ocupação da terra e de manejo ambiental. Neste sentido, os moradores da Comunidade São Roque vêm valorizando a compreensão do local como um “espaço de liberdade”, na contramão da preservação ambiental e consequentes proibições imputadas pelo Governo Federal, que colocam em cheque o sistema produtivo e permanência da comunidade em seu território, como bem ilustram as palavras de Dílson Nunes, que reside dentro dos limites do Parque Serra Geral: “Mas, e a nossa liberdade, aonde foi(...)”. As palavras de Dílson afirmam que existem bens, como a

“liberdade”, produzidos pelas relações ali estabelecidas, que não são indenizáveis.

A Seca como Problema

Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos
Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral
O Brasil é um "país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza". Tal representação é internacionalmente aceita e difundida, determinando ao país uma certa inserção dentro de uma hierarquia específica no "Concerto das Nações". Por sua amplitude territorial o Brasil apresenta diferentes realidades naturais, históricas e sociais nem sempre contempladas pelos discursos majoritários que "explicam" o país. Um bom exemplo disso é o nordeste brasileiro, tido como o primo pobre do eixo dinâmico do país, capitaneado por Rio de Janeiro no século XIX e São Paulo no século XX. Nesta região, o nordeste, a ênfase explicativa recai sobre uma natureza perversa, que dominada e impede o desenvolvimento humano e econômico em virtudes das constantes secas que afeta tudo e todos restando apenas a amenização dessa situação por meio de políticas públicas assistencialistas usualmente eivadas de falhas ou simplesmente não implementadas pelos políticos brasileiros. Todavia, ao pensarmos historicamente e observamos o processo histórico-social dessa região é possível identificar que nem sempre a seca foi um problema e que tal situação só se efetiva a partir dos anos de 1870 do século XIX. Como e por que isso aconteceu é o objetivo do presente trabalho.

Amargo Rio Doce

Haruf Salmen Espindola, Eunice Sueli Nodari, Mauro Augusto Santos
Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral
O rompimento da barragem do Fundão, em 5 de novembro de 2015, em Mariana, MG, colocou em evidência a mineradora Samarco, pertencente à Vale e a anglo-australiana BHP Billiton. Denominar o evento de desastre da Samarco/Vale/BHP tem a clareza de determinar o caráter de desastre tecnológico e, ao mesmo tempo, a corresponsabilidade da Vale e da BHP. A ocorrência não tem origem natural, mas resultou de estratégia da Samarco e decisões técnicas e administrativas. O rompimento desencadeou uma sucessão de eventos que atingiu direta e indiretamente as comunidades, propriedades rurais, rios, parques, áreas de proteção ambiental, flora e fauna da Bacia do Rio Doce, além das águas costeiras, na costa do estado do Espírito Santo. A análise considera os impactos provocados diferentemente para o alto, médio e baixo rio Doce. Foram mais atingidos os assentamentos humanos, propriedades rurais, cursos d'água afluentes do rio Doce, flora e fauna se encontravam a jusante da represa do Fundão. Quando os rejeitos atingiram a calha do rio Doce e ao percorrer toda a calha do rio, provocou diferentes tipos de impactos para as populações humanas e não-humanas que dependem do rio. Nosso objetivo é

demonstrar que a qualidade de vida se apresenta como uma categoria que permite verificar os impactos em comunidades atingidas direta e indiretamente pelo desastre, distinguindo-se as três áreas, ao exigir que se considere conceitos para se verificar as circunstâncias históricas e geográficas do desastre; os impactos socioeconômicas e demográficas; as condições socioambientais e ecossistemas afetadas; as esferas culturais, científico-culturais, territorialidades; e as condições de saúde. Nesse estudo se buscou entender as questões que envolvem o desastre tecnológica que afetou o ambiente da Bacia do Rio Doce, no sentido de se encontrar os referenciais conceituais que possibilitam lidar com a natureza desse desastre.

Como sobreviver ao dilúvio sem uma arca: natureza urbana e saber local no Rio de Janeiro e Buenos Aires no séc. XX

Lise

Fernanda

Sedrez

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral
Rio de Janeiro e Buenos Aires tem muito em comum. São cidades símbolos para os seus países, têm altos níveis de desigualdade, e são regularmente paralisadas por inundações. Em 1966, uma grande enchente no Rio de Janeiro causou mais de 200 mortes. Em 1985, uma inundação ainda maior desabrigou cerca de cem mil pessoas na Grande Buenos Aires. Estudos dessas inundações urbanas têm se centrado sobre os impactos negativos sobre as vítimas, em sua maioria pobres, e sobre as políticas públicas. A imprensa frequentemente sublinhava a recusa ou a incapacidade da população atingida de abandonar suas residências em áreas de alto risco, e se admirava da insistência desta em voltar para os mesmos locais, mesmo depois da catástrofe. Os pobres, ao que parece, não sabiam ou não podiam agir racionalmente. Nossa pesquisa em ambas as cidades revela, no entanto, uma relação mais complexa da população pobre com a natureza urbana. Através de investigação em arquivos e entrevistas nos bairros de Cidade de Deus e Praça da Bandeira, no Rio de Janeiro, e La Boca e Belgrano, em Buenos Aires, áreas conhecidas pela sua vulnerabilidade a inundações, identificamos várias estratégias populares para coexistir com inundações, na medida em que estas foram incorporadas na vida urbana cotidiana. Os moradores não eram indiferentes ou ignorantes aos riscos, nem inundações anteriores foram esquecidas. Antes, elas se tornaram memórias e aprendizado para pessoas e comunidades. Por vezes, inundações deixavam um região mais valorizada acessível para os moradores pobres e, portanto, eram percebidas como uma oportunidade e não um desastre. Outras vezes, comunidades criavam suas próprias estratégias de sobrevivência para proteger aqueles que eram mais vulneráveis, oferecendo alojamento temporário e comida. E em ambas as cidades, as inundações muitas vezes representavam uma janela de oportunidade para comunidades negligenciadas pelo Estado expor suas queixas e solicitar apoio e auxílio oficial.

Consciência histórica dos desastres no sul de Santa Catarina: percepções e transformações de significados através de entrevistas de história oral (1974-2004)

Alfredo

Ricardo

Silva

Lopes

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral

A presente pesquisa busca problematizar as transformações da percepção ambiental ocorridas no sul de Santa Catarina, produzidas pela ocorrência de desastres socioambientais entre 1974-2004. Para tanto, vale-se da história oral como ferramenta para acessar as narrativas, percepções e memórias relativas aos desastres mais danosos. A principal preocupação deste trabalho está em analisar as narrativas dos entrevistados no intuito de compreender a consciência histórica por trás dos relatos e como esta consciência se relaciona com a vida prática dos afetados. Neste caminho, um dos principais modelos de (re)significação dos eventos foi o dilúvio judaico-cristão, que insere a experiência do desastre dentro da chave de compreensão que enfoca o acontecimento como uma provação cíclica.

Documentário: Conflitos Socioambientais entre os atingidos por barragens e a Samarco após o derramamento de lama no Rio Doce.

Wady

Dutra

Neto

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral

Introdução: No dia cinco de novembro de 2015, a barragem de Fundão, contendo rejeito de minério de ferro, de propriedade da Samarco Mineração, se rompeu em Mariana, Minas Gerais. O rompimento provocou um vazamento dos rejeitos, atingindo outra barragem da própria empresa Samarco (Santarém) que suportou o volume recebido. O rompimento foi considerado, por muitos especialistas, o maior desastre ambiental da história brasileira e do mundo envolvendo barragens. A lama atingiu o Rio Doce, cuja área da Bacia Hidrográfica do Rio Doce abrange cerca de duzentos e trinta municípios dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Objetivo: Documentar para a sociedade em geral, os conflitos socioambientais que se evidenciam a partir do desastre decorrente do vazamento do rejeito de mineração da barragem de Fundão da empresa Samarco. Metodologia: O documentário abrange entrevistas com militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), relatando os danos causados pelo rompimento, o que receberam até no momento e o que eles reivindicam. Para evidenciar o conflito, o documentário também mostra ações efetuadas pela empresa Samarco responsável pela barragem. Resultados: Nesse documentário apresentado, o resultado está balizado na comunicação da situação dos impactados pela barragem e da mineradora após seis meses do rompimento da barragem. Conclusão: Cada ator desse conflito, os atingidos por barragens e a empresa Samarco, tem pontos de vistas diferentes um do outro, sendo assim, o grande desafio é reconciliar os interesses de cada ator.

Documentário: Um olhar sobre o futuro: reflexos do desastre de Mariana na bacia do rio Doce na percepção de crianças de 08 a 12 anos

Jacqueline Martins de Carvalho Vasconcelos

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral

Introdução: O desastre ambiental ocorrido em novembro de 2015 afetou drasticamente a vida nos municípios situados às margens do rio Doce. Passado, presente e futuro dessas comunidades sofreram intervenções, em alguns casos, de forma irreversível. Nesse cenário, uma estratégia de educação ambiental, multi, inter e transdisciplinar, baseada na apropriação da realidade vivida por essas comunidades passa a ser o ponto de partida para uma reconstrução socioambiental. Objetivos: Identificar, através da percepção de crianças, necessidades e conflitos havidos por conta do desastre ambiental e vislumbrar as possibilidades de pesquisas-ações no campo da educação ambiental. Metodologia: Produção de documentário baseado em entrevistas realizadas com crianças entre 08 e 12 anos, alunos da Escola Municipal Santos Dumont no bairro São Paulo em Governador Valadares. A escola foi escolhida por estar localizada em um bairro ribeirinho. Para cada criança, serão realizadas perguntas a partir de um banco de dados, com autorização dos responsáveis e sem estimulação prévia em relação ao conteúdo. Resultados: Espera-se conhecer, através da análise subjetiva das narrativas, a forma e a intensidade do impacto das mudanças ocorridas na vida dessas crianças em função do desastre ambiental e as interferências em seu cotidiano. Entende-se que a educação ambiental pode produzir resultados que contribuam para o desenvolvimento e para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, das comunidades em que estão inseridos e do ambiente, se suas ações forem pautadas no conhecimento de suas reais necessidades. Conclusões: Acredita-se que um saber ambiental consciente, capaz de ultrapassar limites temporais e espaciais, é o caminho para uma sociedade sustentável. Apoio: AES Tiête/ANEEL. j.vasconcelos@globo.com.

Enchentes do rio Uruguai: História e Política Nacional de Proteção e Defesa Civil no município de São Borja

Susana

Cesco

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral

A proposta deste estudo insere-se no debate interdisciplinar ao definir como objetivo a investigação da relação das comunidades ribeirinhas do município de São Borja, no oeste do estado do Rio Grande do Sul, com as enchentes recorrentes do rio Uruguai com destaque para o final do século XX e início do século XXI. O trabalho analisa a posição do Direito acerca de tais eventos, enquadrados como desastres naturais, com exploração da legislação pertinente, bem como das políticas públicas adotadas em termos de prevenção e defesa civil, no sentido de demonstrar, nesta perspectiva, uma mudança na forma de compreensão e enfrentamento do tema.

Entre novos e velhos imigrantes: a presença de haitianos em Caxias

Gláucia de Oliveira Assis, Assis Felipe Menin

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral
Este trabalho pretende discutir como deslocamentos contemporâneos provocados por desastres ambientais tem produzido novos movimentos de população. O caso dos haitianos é emblemático, pois começaram a chegar ao Brasil logo após o terremoto de 2010 e no final de 2015 já somavam cerca de 40.000 haitianos no país. Esse artigo pretende discutir o contexto da saída dos haitianos e o acolhimento dos mesmos no Brasil, em particular na cidade de Caxias, cidade caracterizada como uma cidade de imigrantes italianos e que começa a receber imigrantes haitianos desde 2011. As fontes são relatos orais e jornais periódicos da região que retratam as rotas, o cotidiano, o trabalho e o preconceito.

Entre o Público e o Privado: Políticas Públicas para Resíduos Sólidos Urbanos Domésticos no Brasil

Esther Mayara Zamboni Rossi

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral

Este artigo pretende investigar, o processo de formação das Políticas Públicas para os Resíduos Sólidos Urbanos no Brasil, principalmente a partir de 1970. De acordo com o relatório *What a Waste: A Global Review of Solid Waste Management*, realizado em 2012 o Brasil tem uma alta produção de resíduos, com uma média per capita de 1,1 quilo/hab/dia. Toda esta produção tem diferentes destinações, sendo que em 2008, 50,8% dos resíduos sólidos dos municípios brasileiros era destinado para lixões a céu aberto, já a coleta seletiva acontecia em 994 dos 5.570 municípios. O Plano Nacional de Resíduos Sólidos, Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, depois de 20 anos de tramites legislativos, previa a eliminação dos lixões a céu aberto até o ano de 2014. As diretrizes deste Plano ampliaram a responsabilidade ambiental na gestão dos resíduos sólidos. Inclusive trazendo um norte de cooperação de relações entre União, Estado e Município. É interessante perceber os processos de construção destas políticas que são inter-relacionados com as visões sobre os espaços públicos e os papéis dos cidadãos e da administração. Nos códigos de posturas e condutas das cidades ao longo do século XX as prioridades e necessidades modificam-se. Percebe-se a necessidade de definir o que é lixo a ser descartado e transportado pelo poder público para longe do privado. A mudança de lugar de depósito, a diferenciação do que é ou não lixo, está conectada com a remodelação das cidades. Na construção destas políticas públicas pode-se analisar o que é considerado: público/privado, útil/inútil, sujo/limpo, natureza/civilização. A História Ambiental possibilita a compreensão das mudanças das paisagens urbanas associadas as mudanças de concepção do que são resíduos sólidos ao longo do tempo.

Imagens da enchente de 1974: fotografias como políticas de memórias

Viviane Kraieski de Assunção

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral

No ano de 1974, uma enchente causou destruição e mortes em municípios do sul do Estado de Santa Catarina, Brasil, e teve grande repercussão na mídia regional e nacional. O município de Tubarão foi um dos mais atingidos. Segundo fontes oficiais, 199 pessoas morreram, e 60 mil dos 70 mil habitantes da época foram desalojados. Esses números, no entanto, são constantemente contestados. De acordo com notícias publicadas durante e após a enchente e relatos de moradores mais antigos, o número de mortos teria chegado aos milhares. Pode-se afirmar que as memórias da enchente continuam presentes no município de Tubarão, tanto nas narrativas sobre a história da cidade quanto na paisagem urbana do município, por meio de monumentos de homenagens aos mortos e àqueles que realizaram doações às vítimas. A partir dos anos 2000, uma série de eventos passou a rememorar o desastre, como a realização de seminários e exposições de fotografias, além da instituição do dia da enchente. Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento sobre as imagens da enchente de 1974, que procura compreender os usos atuais dessas imagens produzidas durante e sobre a enchente como parte de uma política de memória. Compreende-se aqui a memória como resultante de uma construção coletiva, que opera a partir de um processo seletivo. Essa construção não pode ser desvinculada do esquecimento e de interesses diversos, que são, por vezes, conflituosos. Mais do que uma lembrança, a memória pode ser compreendida como uma espécie de ação, que pode ter caráter transformador na vida de indivíduos e grupos sociais. A partir dessas afirmações, entende-se que as imagens da enchente são estratégicas no processo de acumulação, conservação e reelaboração constante das lembranças da enchente, que participam também da construção do presente e do futuro da cidade e de seus habitantes.

Marés de Lama: Impactos Socioambientais dos Rejeitos da Mineração e Dragagem Portuária sobre as Bacias Hidrográficas

Washington Luiz dos Santos Ferreira

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral

Propomos a problematização dos danos da mineração e dragagem portuária, apresentados como desastres ambientais; ambas operam sobre áreas muito extensas, com efeitos por centenas de quilômetros. Tais processos mobilizam grandes volumes de detritos (de forma intencional nas dragagens ou acidental na mineração) nos corpos hídricos; a incorporação de tal carga (muitas vezes tóxica) provoca grandes distúrbios nos ecossistemas. Analisando o episódio de Mariana, MG (Novembro de 2015) e dragagens portuárias contínuas (Rio Grande, RS), especifica-se a similaridade dos seus impactos, sobre: a) os ambientes, a biota e a saúde humana (alteração da qualidade da água; mortalidade da fauna aquática por supressão de oxigênio e compressão física,

pela massa de detritos ou pela sucção do equipamento de dragagem; contaminação da água, sedimentos e biota dos rios e estuários com metais pesados, provocando sua bio-acumulação; possibilidade de doenças agudas e crônicas na população humana); b) a cultura, o patrimônio e a economia regional (destruição de áreas naturais, propriedades rurais e urbanas, infraestrutura, patrimônio histórico e cultural; deslocamento compulsório de populações; comprometimento da água potável, atividades econômicas regionais - agropecuária, comércio e serviços, pesca, balneário e turismo). Os impactos sinérgicos que atingem as respectivas bacias hidrográficas e populações tendem a ser esquecidos após a incidência dos eventos geradores, mas seus efeitos são persistentes; discutem-se os condicionantes geopolíticos, processos naturais e tecnológicos e a continuidade dos impactos socioambientais, “naturalizados” como externalidades por ambas as atividades. O detalhamento destes impactos é parte da compreensão da complexidade da História Ambiental regional, que requer uma percepção crítica para o pleno exercício da cidadania participativa, com vistas à implantação de políticas públicas efetivas para a gestão socioambientalmente sustentável.

Mudanças Climáticas, Desastres Naturais e o Gerenciamento de Recursos Hídricos: medidas não estruturais para avaliar riscos e reduzir impactos

Juliana Bilecki da Cunha, Patrícia Belfiore Fávero

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral

A disponibilidade de recursos hídricos destinados ao abastecimento da população pode ser afetada por conta de eventos meteorológicos extremos, causados pelas mudanças climáticas. A água é fundamental no gerenciamento de desastres e na abordagem dos efeitos das mudanças climáticas, porque é por meio dela que a maioria dos impactos, como secas e inundações, são sentidos. Os efeitos das alterações climáticas são difíceis de prever, mas sabe-se que a ocorrência destes desastres naturais vem se intensificando nos últimos anos, aumentando as incertezas que envolvem o gerenciamento de recursos hídricos. Para o Brasil, estudos preveem modificações nos padrões de chuvas com a possibilidade de ocorrência de fenômenos naturais severos. Um exemplo é o caso do Sistema Cantareira, que abastece parcialmente a Região Metropolitana da cidade de São Paulo, que experimentou ambas as situações críticas de inundação e estiagem entre os anos de 2010 e 2015. Como a ocorrência destes fenômenos naturais não pode ser evitada, este trabalho pretende analisar meios não estruturais de tratar os efeitos destes problemas, que envolvam avaliação de riscos e redução de danos. Serão apresentadas contribuições de estudos sobre impactos das mudanças climáticas no gerenciamento de recursos hídricos, relacionando sugestões de medidas que abordem principalmente informação e comunicação. Os resultados indicam que é possível usar a avaliação de risco sob diferentes cenários de mudanças climáticas no gerenciamento dos recursos hídricos. Em longos períodos de secas, métodos de retenção e de economia de água podem ser intensificados. Se houver indicações de inundações, sistemas de alerta podem ser acionados. Informar e educar a população sobre riscos,

impactos e consumo sustentável também é uma forma de amenizar as consequências. A pesquisa conclui que atividades de preparação, mitigação e adaptação custam menos do que as ações para reagir às situações de emergência.

O Crescimento Urbano e a Intensificação das Inundações em Palhoça-SC nos anos 1990

Luís

Guilherme

Fagundes

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral
Em Santa Catarina um grande número de municípios são atingidos todos os anos pelos mais diversos tipos de desastres ambientais. Torna-se cada vez mais comum lermos notícias a respeito de movimentos de massa, erosões, inundações, enxurradas, alagamentos, ciclones, tempestades e secas. De todos esses tipos de desastres que ocorrem em nosso Estado, os que acontecem com maior frequência e provocam os maiores danos ao município de Palhoça são as inundações. Este trabalho, portanto, busca compreender de que forma a expansão da ocupação humana e o crescimento urbano em Palhoça contribuíram para o aumento da recorrência das inundações nos anos 1990, e também, de que forma colaboraram para intensificação dos impactos causados por esses desastres. O estudo da grande inundação de dezembro de 1995, através da perspectiva teórico-metodológica da História Ambiental, nos permitirá perceber o caráter altamente complexo dos desastres ambientais, entendidos como um ponto de interseção de diversos processos de cunho social, ambiental, cultural, econômico e tecnológico.

O discurso em torno dos semiáridos do Nordeste brasileiro e do Noroeste argentino: um estudo sobre as secas do Ceará e de Santiago del Estero (1932-1937)

Leda

Agnes

Simões

de

Melo

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral
O presente trabalho é fruto das pesquisas iniciais do projeto de doutorado e tem por objetivo estabelecer uma análise comparativa entre o semiárido do Nordeste brasileiro e do Noroeste argentino. Dentro dessa perspectiva, se buscará compreender particularmente os discursos de grupos agrários, de intelectuais, da imprensa e do próprio governo marcados, ainda no século XX, pela dicotomia progresso/atraso que perpassou todo o século XIX como justificativa para intervenções nesses territórios de modo a rotular, muitas vezes, os semiáridos como lugares fadados a pobreza, ao atraso e resistentes a modernidade. Para tanto, se fez um recorte específico, tanto temporal como geográfico. Foram escolhidos os semiáridos do Ceará, para o caso do Nordeste brasileiro, e o semiárido de Santiago del Estero, para o argentino, principalmente porque essas duas regiões passaram por uma grande seca na década de 1930 que mudou o panorama desses locais, com uma onda de fome, morte, epidemias e migrações. No Ceará, a seca começou em 1932 e durou até

1933 e em Santiago del Estero ela ocorreu de 1935 a 1937. Esses dois contextos históricos também são emblemáticos pela entrada no poder de dois governos autoritários, na Argentina com José Félix Uriburu (1930-1932) e com Agustín Pedro Justo Rolón (1932-1938), e no Brasil com Getúlio Vargas (1930-1945; 1951-1954). No entanto, entende-se também que para estudar a sociedade rural não há como separar o seu contexto histórico do seu vínculo de pertencimento com o meio ambiente. Por isso, esta pesquisa pretende compreender, entre as semelhanças e diferenças, as trajetórias dos espaços brasileiros e argentinos e os vínculos símbolos que permeiam o ser humano e a natureza, para que assim se possa refletir as questões políticas, econômicas, sociais e culturais que permeiam os semiáridos cearense e santiagueño e os discursos em torno deles.

Patrimônio histórico-arqueológico, mudanças climáticas e políticas públicas em áreas serranas e costeiras do sul e sudeste do Brasil.

Laercio

Loiola

Brochier

Eixo: Desastres Ambientais e Políticas Públicas - Comunicação Oral

Eventos climáticos extremos ocorridos nos últimos anos no sul e sudeste do Brasil parecem corroborar as tendências observadas desde o início do século XX, sobre alterações cumulativas nos padrões de precipitação e temperatura ligados a fenômenos de escala global e regional. Neste cenário de mudanças climáticas a projeção de variações na frequência e distribuição de chuvas e ventos, alterações na descarga e dispersão de sedimentos; elevação no nível médio dos mares, entre outros, aponta para o desencadeamento de fatores hidrológicos/ geológicos e processos de vulnerabilidades socioeconômicas com consequências sobre o patrimônio cultural, natural, histórico e arqueológico. Dados do Comitê do Patrimônio Mundial (UNESCO) apontam para inúmeros fatores e processos com implicações diretas na conservação do patrimônio cultural e natural. Alguns impactos decorrem inclusive de alterações geoquímicas que rompem o equilíbrio entre os processos hidrológicos, químicos e biológicos do solo, e cujas alterações nos ciclos curtos podem resultar na perda de materiais mais sensíveis e modificações nas características dos recursos culturais. Na costa, a elevação do nível marinho implicaria, entre outros, na retrogradação de linha de costa, na alteração dos padrões de circulação das águas, na deflagração de processos erosivos e abrasivos, entre outros, e que afetam sítios históricos e arqueológicos na interface oceano continente, inclusive aqueles submersos. Neste contexto, serão descritos estudos desenvolvidos em áreas serranas e costeiras da faixa sul atlântica brasileira enfocando alguns eventos climáticos extremos ocorridos nos últimos 40 anos e seus efeitos sobre a conservação do patrimônio cultural. Alerta-se para a necessidade da aplicação de diagnósticos de vulnerabilidade e planos gestores municipais tendo por referência a integração com as comunidades e a geração de protocolos de monitoramento, prevenção e controle, bem como, metodologias de proteção “in place”.

A História Ambiental no Gênero Ficção: aprimorando o pensamento ambiental em espaços escolares

Alexandre Martins de Araújo

Eixo: Arte e natureza - Comunicação Oral

Nossa proposta é a de apresentar experiências que harmonizam pesquisas de campo em História Ambiental com o gênero ficção. Tais experiências se perfilam na produção de livros cuja finalidade é a de transmitir ao leitor percepções e resultados de pesquisas realizadas na região Centro-Oeste. A experiência a ser apresentada neste simpósio foi gerada no âmbito de um projeto de extensão e teve como resultado central a produção do livro *O giro de Bolon Yokt Kuh: História Ambiental para grandes crianças e pequenos adultos*, voltado para estudantes da segunda fase da educação infantil, o qual recebeu o prêmio literário do concurso Fundo de Arte e Cultura da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte – SEDUCE. Tais esforços partem do pressuposto de que os universos ficcionais, vistos como uma das formas de percepção humana torna-se um elemento concreto e constitutivo dos múltiplos saberes humanos; logo, possível de ser incluído nas estratégias educacionais de produção de conhecimento em História Ambiental

Arte e natureza através da imagem: uma discussão sobre o artesanato das irmãs Souza (Araranguá - SC)

Gabriel Cruz de Souza

Eixo: Arte e natureza - Comunicação Oral

A partir das considerações feitas pelo antropólogo Ricardo Gomes Lima o conceito de artesanato pode ser empregado para se referir ao processo de produção que é executado predominantemente com a tecnologia das mãos. Todo artesanato tem a sua arte, sua estética, seu conteúdo simbólico e suas significações. Kossoy sugere que a imagem é como uma segunda realidade que o historiador pode acionar para (re) apresentar e investigar o seu objeto de estudo. O artesanato explicita na sua materialidade e no seu visual as relações entre o Homem e a natureza, sinalizando indícios sobre as regiões, a cultura e a identidade dos seus criadores. As irmãs Amália, Cantídia e Máxima de Souza trabalharam durante anos produzindo um artesanato de fibras vegetais característico da localidade de Cangicas. O artesanato produzido pelas irmãs carrega sinais da natureza e das espécies de uma região próxima ao rio Araranguá, localizada no extremo sul de Santa Catarina. O artigo pretende analisar o artesanato das irmãs Souza a partir de conceitos da cultura material e da imagem, compreendendo as relações entre arte e natureza por meio do visual do seu artesanato. Para desenvolver este trabalho mobilizarei os conceitos de cultura material e apropriação social propostos por Meneses com o intuito de dialogar com a documentação produzida pelo historiador Alexandre Rocha e assim discutir as relações entre arte e natureza no artesanato das irmãs Souza através de uma versão iconográfica de suas produções.

Árvore derrubada: fotografia, imigração e meio ambiente. Estudo comparado sobre Brasil e Chile.

Marcos

Antônio

Witt

Eixo: Arte e natureza - Comunicação Oral

O trabalho ora apresentado tem origem no projeto de pesquisa intitulado "Imigrantes em ação: organização social e participação política. Estudo comparado sobre a imigração no Brasil, Argentina e Chile - séculos XIX e XX". A presente pesquisa tem como objetivo analisar imagens - fotografias - que demonstram a intervenção dos imigrantes e seus descendentes junto à natureza no Brasil e no Chile. Serão analisadas, especialmente, fotografias que evidenciam o desmatamento para o plantio, sobretudo aquelas em que a família posa sobre a árvore derrubada significando vitória sobre os elementos naturais. A pesquisa tem demonstrado que a fotografia é fonte importante para o estudo das questões migratórias e ambientais, uma vez que revela a ação e o sentimentos dos agentes históricos que se deixaram eternizar pelas lentes do fotógrafo. Neste sentido, o trabalho ora proposto também quer colocar a fotografia em evidência, pois as imagens nelas registradas servem de referência para o estudo da ação humana junto às áreas nas quais os imigrantes e seus descendentes foram assentados.

Natureza Aprisionada? – a visão socioterritorial das interações homem e meio ambiente

Sheyla

Fernandes

Conrado

Lopes

Eixo: Arte e natureza - Comunicação Oral

Introdução: O homem estabelece limites à expansão natural da vegetação ao adaptá-la à conformação da paisagem como complemento da arquitetura no processo de gestão ambiental, modificando o ambiente natural às necessidades individuais ou coletivas, nas diversas variedades da conformação da escala. Objetivos: Analisar cinematograficamente dois espaços públicos nas perspectivas de ocupação, utilização e valorização. Documentar meios pelos quais as pessoas alteram o mundo ao seu redor: o acampado às margens da BR-381, além de produzir seu alimento o vende na feira livre atrás do mercado municipal de Governador Valadares/MG e o idealizador do jardim sito ao Bairro Ilha dos Araújos, alterou as relações de vizinhança. Metodologia: Produção de documentário com entrevistas ao acampado da BR-381 e com o idealizador do jardim comunitário à beira do Rio Doce na Ilha dos Araújos. Resultados: O documentário evidencia como o espaço é intrinsecamente desigual porque cada qual é depositário da própria história e acumula todas as temporalidades e os mais diversos conflitos, de ordem humana ou natural, por isso não se apresenta igualmente em todos os lugares, pois cada lugar no espaço é singular. O meio ambiente é alterado pela relação estabelecida pelo homem no processo de ocupação dos espaços. Conclusões: Os dois espaços estabeleceram conexões à comunidade valadarense. A espacialidade então

torna-se o resultado e o produto das relações sociais historicamente determinadas naqueles lugares, derivando sobreposições dos resultados dos processos naturais e sociais para agregarem-se ao processo de produtividade e ocupação, numa sequência de ciclos; numa recorrência não eventual de utilização da natureza em valor mercantil e social.

O Romantismo de Rugendas sobre as "matas virgens" brasileiras e sobre o Pampa argentino

Ana *Marcela* *França* *de* *Oliveira*
Eixo: Arte e natureza - Comunicação Oral

A ideia para a seguinte comunicação é apresentar as duas visões diferenciadas que o artista-viajante alemão J. M. Rugendas (1802-1858) teve sobre as paisagens do que compreendemos hoje como parte da Mata Atlântica e o Pampa argentino, a partir dos seus relatos e de suas iconografias. Tal proposta visa expor que os registros sobre o Pampa argentino feitos por Rugendas tem, em geral, como personagem principal não os aspectos biofísicos dessa extensão natural, mas sim os gauchos e os seus costumes. Algo que faz pensar que o que fez a paisagem do Pampa em questão se tornar atraente para esse viajante pode ter sido a presença dessa figura (romantizada) do gaúcho, mais do que a natureza em si. Diferentemente dos registros feitos sobre o que é atualmente a Mata Atlântica, em que em suas iconografias de paisagem as florestas tinham mais um aspecto de "mata virgem", de uma natureza intocada pela mão humana. Ou seja, são duas visões romantizadas sobre distintas paisagens, mas que no caso do Pampa argentino e de sua peculiar geografia plana os gauchos seriam aqueles que iriam dar forma à paisagem em questão. A partir daí, pretende-se discutir as complexidades que envolvem a dinâmica presente entre arte, natureza e cultura na temática dos viajantes.

“O sertão vai virar mar”: a reinvenção do sertão na cultura brasileira entre as décadas de 60 e 1970

André *Rocha* *Leite* *Haudenschild*
Eixo: Arte e natureza - Comunicação Oral

A proposta do trabalho é investigar a constituição de um topos que se propaga em nosso imaginário social e que vai se manifestar como uma fecunda tradição temática na literatura, no teatro, no cinema e na canção popular brasileira ao longo do século XX: a representação multicultural do “sertão”. Um sertão onipresente que deve ser entendido como um “lugar de memória” (Nora, 1993) físico e, principalmente, um fecundo universo mítico e imaterial. Para tanto, tomaremos como método investigativo a constituição dos processos identitários das representações do “sertão” a partir do discurso musical de alguns de seus principais mediadores culturais, em sua maioria, compositores e intérpretes nordestinos, que, enquanto sujeitos sociais portadores de uma alteridade subalterna (Said, 2007), vivenciaram uma significativa tensão civilizatória no trânsito pendular entre os universos do “sertão” e da “metrópole” através de

suas próprias experiências diaspóricas (Hall, 2008), Assim, almejaremos reconhecer a “reinvenção do sertão” na construção do imaginário social brasileiro entre as décadas de 1960 e 1970, como a manifestação sintomática de uma profunda suspeita face à modernização autoritária imposta pelo governo ditatorial deste período, naquilo que denominamos de “mal-estar civilizatório” nos trópicos.

"Cuida que é veneno!": o uso de agrotóxicos entre fumicultores do Alto Vale do Rio Tijucas (SC) no passado e no presente

Ana Carolina de Oliveira Dionísio
Pôster

A produção integrada de tabaco envolve atualmente pelo menos 48 mil famílias de agricultores em Santa Catarina. Um dos principais impactos socioambientais da atividade é a elevada carga de agrotóxicos manejada durante o ciclo produtivo do tabaco. Neste trabalho, buscaremos refletir sobre o uso destes produtos entre fumicultores dos municípios de Major Gercino, Leoberto Leal e Nova Trento, no Alto Vale do Rio Tijucas (SC), cruzando dados do presente com relatos do passado. Além de apresentar uma sistematização de dados sobre o consumo de agroquímicos levantados junto a 36 famílias de fumicultores do presente, tentaremos relacionar este quadro atual com o processo de disseminação do uso de agrotóxicos entre os agricultores pelo serviço de assistência técnica das empresas fumageiras principalmente a partir dos anos 1970, contando para isso com entrevistas realizadas com outros 15 agricultores e agricultoras que trabalharam na fumicultura entre os anos 1970 e 1990.

"Essa carne é Friboi?": as influências do marketing alimentar no consumo de carne

Gabrielle Goulart Beck
Pôster

Neste trabalho de pesquisa visa-se analisar a representação das diferentes espécies animais não humanas em anúncios publicitários das indústrias de carne, de modo geral. Identificando, desta forma, como essa representação influencia no consumo de carne de certas espécies relacionando a construção desses anúncios com as estratégias de marketing alimentar que visa a venda e o consumo dos produtos, muitas vezes não levando em consideração seus valores nutricionais e questões como bioética, especismo e bem-estar animal. As principais referências teórico-metodológicas para a descrição e interpretação de imagens são oferecidas pela História Cultural. Nessa perspectiva, pretende-se desenvolver algumas reflexões a respeito de como realizar a leitura e interpretação dessas imagens usadas como anúncios publicitários, tanto em jornais quanto em propagandas de televisão, em uma trama construída a partir dos interesses comerciais das empresas do ramo da carne e derivados e de toda uma construção histórica por trás do consumo da carne.

A agricultura e meio ambiente na visão de Saint-Hilaire.

Jeferson

Cunha

Medeiros

Pôster

Esse artigo tem por objetivo mostrar como naturalista Auguste de Saint Hilaire descrevia as queimadas para plantio ou para manejo (limpeza) de pasto na província de Goiás, onde esteve entre maio a setembro de 1819 e que ele protestava contra a destruição da natureza. Na sua estadia nessa Província ele fez observações minuciosas sobre as paisagens naturais e sobre as antropizadas, descrevendo suas grandezas, potencialidades e sempre se mostrando indignado com a forma na qual o solo era preparado. Ele era eurocentrista, analisava a realidade brasileira tendo como referência os padrões europeus. O cenário que ele encontrou em Goiás, foi à presença de incêndios em áreas de mata nativa e percebeu também que havia grandes áreas que foram queimadas e recompostas isto devido à presença de certas gramíneas, e de certas espécies típicas de queimadas (*Vellozia*). Porém ao passar por certas regiões, Meia Ponte e Santa Luzia e onde encontrou indícios de modernidade, tais como o uso de arado, adubo orgânico e um manual europeu de cultivo de solo, que era utilizado e divulgado por um padre que falava outras línguas, para a época isso representava avanços tecnológicos, percebe que o progresso virá à tona em alguma ocasião de uma forma ou de outra. Era contra as queimadas, que eram utilizadas de forma quase unânime pelos agricultores das regiões brasileiras visitadas, pelo fato de destruírem matas de valor, de apresentarem baixa produtividade nos produtos produzidos para consumo humano e animal (milho, feijão mandioca) e ainda influenciavam no clima das regiões. Relatou queimadas em toda a província e algumas são descritas nas regiões de Vila Boa e Bonfim. Saint-Hilaire descrevia certas espécies vegetais nos mínimos detalhes, e como as queimadas eram realizadas no período das secas, mais constantes no mês de julho. Nesse trabalho foram utilizados os referenciais teóricos dos seguintes autores que estudam o tema história ambiental, Pádua (2002). Ferraro (2005 e 2012) e Souza (2008).

A enchente de 2015 no município de Saudades: o desastre ambiental anunciado

Adriano Vanderlei Michelotti Rodrigues, Samira Peruchi Moretto

Pôster

O Vale do Rio Saudades situa-se no Oeste do Estado de Santa Catarina, na microrregião de Chapecó, da qual forma uma sub-bacia hidrográfica, que pertence a bacia hidrográfica do Rio Chapecó. A região tem como principais atividades econômicas a agricultura familiar, o agronegócio, e um pequeno parque industrial. O principal núcleo urbano foi instalado às margens do rio. No ano de 2015 o município foi afetado por uma grande enchente, onde as perdas materiais foram avaliadas em 50 milhões de reais. O objetivo deste trabalho é analisar a enchente de 2015, ocorrida no município de Saudades (SC) e observar

como ela foi descrita nos meios de comunicação da região, anunciada como um grande desastre ambiental. Utilizaremos a metodologia da História Ambiental, para compreender tal processo. Segundo Martinez, fenômenos ambientais como: a transformação de ambientes a contaminação da água, do ar, do solo; catástrofes naturais tornam-se crescentes e desencadearam efeitos sobre a vida humana, para as quais são buscadas alternativas nos dias que correm. Como fontes foram analisadas: iconografias, matérias de jornais, mapas, avaliação e relatórios governamentais, entre outros. O estudo da enchente ocorrida em Saudades auxilia na compreensão de como a ocupação urbana é um fator preponderante para as enchentes que afetam a população, problema este ambiental, tão comum a tantas cidades.

A história social do café

Ana

Cristina

Peron

Pôster

O café é um produto que desde o século XVIII desperta interesse econômico de países que têm a possibilidade de cultivar o grão utilizado para fazer a bebida que, depois da água, é a mais consumida no mundo. A movimentação causada na economia por causa do café tem importância reconhecida pela História, mas o seu amplo consumo também pode ser explorado com enfoque no desenvolvimento do hábito de tomar café. O que faz com que seja tão apreciado?

Um aspecto dessa bebida é que o costume de tomar café é, muitas vezes, associado a reuniões tanto entre familiares em casa quanto a encontros com amigos e colegas de trabalho. Desde as primeiras cafeterias surgidas no Oriente e alguns anos mais tarde no Ocidente, elas proporcionam um ambiente ideal e inédito para promover encontros entre pessoas de diferentes classes sociais e para discutir os mais diversos assuntos. Tendo em vista o caráter socializador da bebida, este artigo busca explorar aspectos da história do café que consolidaram o hábito de seu consumo e quais as condições históricas que permitiram a sua popularização. Também examina as diferenças e semelhanças de seu consumo no Oriente e em diferentes países da Europa, como França e Inglaterra. Com base nas particularidades de cada local, avalia o papel dos cafés públicos na política e no desenvolvimento das ciências e atividades financeiras. Através da pesquisa, analisa o que mudou na prática de tomar café desde o século XVI até 2015 e quais ligações podem ser feitas entre as épocas estudadas.

A territorialidade e as transformações ambientais nas comunidades tradicionais de pescadores da Ribeira e da Costeira – SC.

Wilham Verner Zilz, Dilso Roecker Junior, Gilberto Friedenreich dos Santos,
Martin *Stabel* *Garrote*

Pôster

As comunidades Ribeira e Costeira localizam-se no Canal do Linguado, litoral

norte de Santa Catarina. Sob o enfoque da História Ambiental o objetivo foi compreender a territorialidade das comunidades tradicionais pesqueiras e caracterizar as transformações ambientais. Foi realizada análise bibliográfica, pesquisa de campo e entrevistas pelo método da História Oral. O território dos pescadores da Costeira compreende o Canal do Linguado e a região costeira de Barra do Sul, e a comunidade da Ribeira na área a montante do aterro, sentido Baía da Babitonga. A territorialidade das comunidades constitui-se através da pesca, sendo a agricultura relevante até 1970. Na pesca artesanal há um respeito dos ciclos reprodutivos e medidas para a captura, assim mantendo a diversidades das espécies. O território dos pescadores expandiu-se em decorrência das facilidades da pesca desenvolvidas, que promoveram o aumento de pescadores e diminuição do volume do pescado. Atualmente a comunidade da Costeira vem perdendo seu território devido a tensões com outros setores como a pesca industrial, o turismo e a especulação imobiliária. Enquanto a comunidade da Ribeira divide seu território com turistas e pescadores sazonais. Uma das transformações ambientais mais impactantes foi o aterro realizado no Canal do Linguado em 1930, favorecendo o assoreamento, tanto a jusante até sua desembocadura (comunidade da Costeira), como a montante (comunidade da Ribeira). Isto possibilitou a expansão de mangues na comunidade da Ribeira, e dificultou a navegação na comunidade da Costeira, exigindo o desassoreamento do canal. As percepções dos pescadores apontam períodos de extremo calor, excesso de chuvas, imprevisibilidade do tempo e aumento da incidência dos ventos como dificultadores. O território das comunidades modificou-se no decorrer das décadas, paulatinamente conforme as modificações ambientais. Destacam-se tensões e embates entre pescadores artesanais e outros setores para manter-se na atividade.

Al encuentro de la naturaleza, en busca de nuevos territorios para habitar.

Daniel

Cajarville

Fernández

Pôster

La costa este uruguay, en la última década, ha recibido flujos migrantes provenientes de diferentes localidades del país así como del extranjero, procurando desarrollar proyectos de vida cuyos énfasis representan novedosas perspectivas. A diferencia de corrientes migratorias anteriores, centradas en las posibilidades del mercado laboral local, los grupos a los que pretendo investigar eligen desplazarse hacia estos espacios vitales del este uruguayo en busca de “otra forma de vivir”. Esta búsqueda no resulta eminentemente nueva, pero sí demuestra serlo su escala, así como el conjunto de prácticas asociadas a esta tendencia.

En los últimos años, entornos como los ofrecidos por los balnearios de la costa este uruguay situados en los departamentos de Canelones, Maldonado y Rocha, aúnan anhelos entre un importante número de urbanitas que optan por escabullirse de la gran ciudad para radicarse en los pequeños poblados de sus

márgenes de playa tales como La Floresta, Piriápolis, o La Paloma. Allí, permean aspiraciones y/o representaciones que manifiestan una distante relación con la ciudad a partir de otras formas de asociación, de filosofías prácticas como la permacultura, de hábitos alimenticios alternativos como el veganismo, entre otras apuestas que ajustan discursos y prácticas precedentes. Observamos en la última década una mayor apuesta a la búsqueda de escenarios de aparente calma, espacios donde el verde gane al gris de la ciudad.

En un contexto global, donde el sistema industrial y de servicios que lo rige demuestra cada vez más mayores falencias, así como las bases en las cuáles se estructura producen descontentos en aumento que se combinan con procesos difícilmente refrenables de impacto ambiental, pareciera ser que los terranos - en términos de Latour- están tomando decisiones novedosas en torno a su lugar en esta esfera Gaia que nos tocó vivir.

Alimentos Tradicionais: Uma Geografia da Cultura Alimentar do Maciço de Baturité – CE

Layanne Alencar de Lima e Silva
Pôster

Ao longo da História a alimentação humana se modificou intensamente mediante as condições climáticas, biodisponibilidade e ao tempo. Desse modo, há a necessidade de voltar-se para a cultura alimentar, que embora venha se perdendo, ainda é presente em comunidades como a Aldeia Indígena Kanindé, em Aratuba, localizada há 130 km de Fortaleza. Esta, é integrante da pesquisa Alimentos Tradicionais: Uma Geografia da Cultura Alimentar do Maciço de Baturité – CE e do primeiro Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. O grupo faz uso de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) além de métodos como a caça e a agricultura de subsistência com o cultivo de feijão, fava, milho e mamona para formar sua alimentação. Vale salientar que PANC abrange todas as plantas que têm uma ou mais partes que podem ser consumidas, classificando-se exóticas, nativas, silvestres, espontâneas ou cultivadas; muitas que são contempladas como convencionais, possuem produtos alimentícios não convencionais. Esta pesquisa visa identificar as PANC, conhecer as espécies já cultivadas na região e o que não existe mais ou a perda da sua utilização para as novas gerações. Está sendo realizada por meio de uma etnografia, envolvendo dois informantes-chave e lideranças da comunidade. Através da catalogação, foi possível identificar cerca de 20 tipos de PANC voltadas para a alimentação Kanindé. A percepção se deu por meio de trabalhos de campo, onde a equipe foi acompanhada por duas lideranças da comunidade. Através de entrevistas e conversas, foram vistas seis preparações elaboradas, sendo estas doces a partir do mamão verde (*Carica papaya*), mocojó feito do caju (*Anacardium occidentale*), dentre outras. Estas preparações são transmitidas de mãe para filhas, principalmente; permitindo que a cultura e a soberania alimentar continuem de geração a geração,

Atividades socioambientais e de interpretação ambiental no Projeto Ecológico Cinturão Verde – terminal aquaviário de São Francisco do Sul – SC

Rodrigo Berté, André Maciel Pelanda, Augusto Lima da Silveira
Pôster

Buscando minimizar seus impactos, muitas indústrias vêm desenvolvendo ações voltadas à responsabilidade socioambiental, como é o caso da PETROBRAS. Entre as unidades da empresa no Estado de Santa Catarina, está o Terminal Aquaviário de São Francisco do Sul - TEFTRAN. Conhecendo as características do local e as condições de vida da comunidade, a empresa decidiu pelo desenvolvimento de um projeto que, compreendesse a recuperação da área, protegesse um remanescente de Mata Atlântica, e atendesse aos princípios da educação ambiental. O local denominado Projeto Ecológico Cinturão Verde, teve parte de sua área revegetada e recebeu infra-estrutura para a recepção de visitantes. O programa englobou também ações de interpretação ambiental através da capacitação comunitária, educação ambiental, além da visitação pública na área recuperada. Após a análise da infra-estrutura e dos recursos naturais as etapas para o planejamento da interpretação foram iniciadas, para tal, foram realizadas consultas a documentos contratuais, jornais locais e diálogo com os responsáveis pela execução do projeto. A implantação do Cinturão Verde teve também o objetivo de aumentar a margem de segurança do TEFTRAN, de maneira a evitar a ocorrência de acidentes e ampliar as relações com a comunidade. Foram utilizados meios interpretativos específicos a cada público. Os métodos de interpretação foram definidos em função das características do local, dos recursos técnicos e financeiros disponíveis, bem como das características dos visitantes. O projeto Ecológico Cinturão Verde, além de garantir a preservação de uma área da Mata Atlântica ainda intocada e o reflorestamento de uma área antes urbanizada, ainda possibilita a manutenção de algumas espécies animais ameaçados pela rápida urbanização do balneário. As atividades de Interpretação Ambiental conseguiram dar qualidade às ações propostas para a área. O projeto já recebeu mais de vinte e seis mil visitantes de instituições.

Breve histórico do Parque Natural Municipal Freymund Germer, Timbó, SC.

Jaqueline Gonçalves Amaro, Julio Cesar Refosco, Martin Stabel Garrote,
Vanessa Dambrowski
Pôster

O Parque Natural Municipal Freymund Germer localiza-se no município de Timbó (SC), no Morro Azul, localidade da Mulde. O histórico da área e da criação do Parque está sendo investigado pelo Grupo de Pesquisas de História Ambiental do Vale do Itajaí/FURB através de pesquisa documental e de

História Oral com antigos residentes e atuais administradores. A região da Mulde passou a ser ocupada a partir de 1860. Germano Piske adquiriu as terras onde se estabeleceu com sua família na década de 1860. A residência da família Piske localizava-se onde atualmente é a sede do Parque. No local, por 2 gerações, desmataram, cultivaram o solo e criaram animais para subsistência. As terras da família Piske foram adquiridas pela prefeitura de Timbó em 1974 para instalação de uma repetidora de TV. Nesta ocasião foram abertos 5,69 Km de estradas para acessar o topo do Morro Azul, viabilizando o maior corte de espécies arbóreas do local. Em dezembro de 1974, através das Leis 629/74 e 636/74 foi criado e instalado o Parque Morro Azul de Proteção Ambiental e Paisagística momento em que se encerra o uso exploratório e inicia-se o uso para lazer e conservação da natureza. O topo do Morro Azul torna-se acessível e o mais importante mirante natural do município, estabelecendo-se nos anos 80 como local para prática de voo livre. Em 1993 através da Lei 1.463 passa a se chamar Parque Ecológico Freymund Germer, em homenagem a um dos colonizadores da região. A partir de 2004 o Instituto Aracuã (ONG), em convênio com a Prefeitura de Timbó, passa a administrar o parque, buscando a conservação da natureza. Em 2011 o Parque é enquadrado no Sistema Nacional de Unidades de Conservação denominado então Parque Natural Municipal Freymund Germer, com objetivos de educação ambiental, pesquisa científica, recreação e turismo ecológico. Atualmente a área onde se encontra a sede do Parque, os acessos e o topo continuam abertas para uso público e as áreas restantes estão protegidas em processo de restauração.

Considerações Sobre a Gênese e Desenvolvimento do Núcleo Urbano de Tubarão e Capivari de Baixo/SC

*Jonatan de Lima Machado, Aline Cristhina Michelmann
Pôster*

Neste breve estudo são apresentadas nossas impressões referentes às visitas técnicas realizadas nos municípios de Tubarão e Capivari de Baixo, a fim compreender aspectos do processo de conurbação da cidade de Tubarão em direção a cidade de Capivari de Baixo, ambas localizadas na Região Sul do Estado de Santa Catarina. Estas perspectivas apresentam aspectos indutores do desenvolvimento ferroviário, rodoviário e termoelétrico e as consequências dessas ações associadas ao processo de uso e ocupação do território destas cidades e suas áreas de influência. “Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para a futura expansão” (CORREA, 1989). E, portanto, definem a organização de como o espaço na cidade capitalista se estrutura ou como reestrutura suas influências locais e regionais partindo do conceito de território usado proposto por Milton Santos (2000) que atende de forma abrangente a totalidade das causas e efeitos do processo socioterritorial, este nos leva a ideia de espaço banal que é o espaço de todos, a totalidade do espaço e, portanto, a discutirmos a dinâmica urbana no caso aqui relatado.

Desastre ou Catástrofe em Mariana? Uma análise da representação das notas institucionais do IBAMA no caso do rompimento da barreira de rejeitos de minério da Samarco – Mariana – MG.

João

Francisco

Alves

Mendes

Pôster

O presente trabalho se desenvolve à luz da História do Tempo Presente. O historiador do tempo presente preocupa-se em investigar os ‘encontros e desencontros’ que ocorrem na elaboração da história dos eventos. A memória e a oralidade são os instrumentos geralmente utilizados para recuperar as evidências do passado próximo que se investiga. Neste trabalho abordamos um fato da história recente do meio ambiente: o caso do rompimento da barreira de rejeitos de minérios das empresas SAMARCO (brasileira) e BHP Billiton (australiana) no município de Mariana/MG, ocorrido no mês de novembro de 2015 e que ainda demanda muitas respostas. Entender como os órgãos públicos, principalmente aqueles relacionados ao meio ambiente, como o IBAMA tem se manifestado diante do caso, considerado por muitos especialistas como o maior desastre ambiental do Brasil, torna-se fundamental para a compreensão desse tema complexo. A partir das adjetivações desse evento nas notas lançadas pelo IBAMA em seu site institucional, é possível encontrar pistas de como tem sido construídas as representações sociais desse fato. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar os conceitos que o IBAMA tem utilizado para descrever esse evento.

Egito Antigo e o rio Nilo: um estudo de história ambiental sobre as interações sociedade e natureza

Kahina

Thirsa

Hostin

Pôster

O Nilo, tido como o mais antigo rio do mundo em termos de sustentabilidade humana, viu surgir em suas margens uma das mais fascinantes civilizações da antiguidade, o Egito. A água foi um elemento da natureza imprescindível para o desenvolvimento da sociedade egípcia, que com ela produziu uma utilização consciente de aproveitamento, assim como desenvolveu uma relação simbólica através de divindades, sendo Hapy o principal deus referenciado. O objetivo da pesquisa foi investigar as representações sobre o Rio Nilo, e a interação com a sociedade, presentes no culto à Hapy. O estudo buscou a integração de três elementos de análise, compreensão do ambiente de estudo em termos naturais, e as relações socioeconômicas, sendo analisando os livros Euterpe de Heródoto, O Nilo: História de um Rio, de Emil Ludwig e O Egito Antigo de Ciro Flamarion Cardoso; e abordando aspectos mentais e sentimentais, simbólicos sobre as representações que as sociedades desenvolvem sobre os elementos naturais. Foi analisado o papiro Chester Beatty V, que apresenta um hino de louvor à Hapy, deus das inundações. Aceitamos que ao estudar a história egípcia é fundamental considerar o rio Nilo como agente importante para o

desenvolvimento da estrutura social, mesmo que os textos apresentem a relação dos egípcios com o Nilo enquanto uma dependência do recurso, todavia, não concordamos que não se pode desconsiderar o intelecto e esforço humano, essenciais para a formação do estado egípcio. Heródoto e Ludwing trazem descrições da paisagem em tempos diferentes, e que demonstram a longa modificação antrópica no ambiente. Em relação aos egípcios, por meio da análise do hino ao deus Hapy, percebemos que mantinham com o rio uma relação tanto de dependência e de usufruto, quanto de adoração, uma vez que as cheias do Nilo eram festejadas, tendo como deus a figura de Hapy, divindade andrógena, de caráter benevolente, que simbolizava a fertilidade e abundância do Egito.

Meio ambiente e História: a fronteira sul do Brasil como objeto de estudo

Viviane Vedana de Lima, Michely Cristina Ribeiro
Pôster

A partir da ocupação do Oeste catarinense, mudanças ocorreram no meio ambiente da região. Houve um intenso desmatamento principalmente após a instalação de madeireiras e serrarias. Rios foram assoreados, áreas foram urbanizadas e a paisagem foi descaracterizada. O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta do Grupo de Estudos de História, Ciência e Meio Ambiental e suas pesquisas em torno da ocupação e das alterações da paisagem na Fronteira Sul, a partir do século XX. O Grupo de Estudos de História, Ciência e Meio Ambiental, criado em março de 2016, se caracteriza pelo diálogo entre graduandos, mestrandos e professores da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Para atingir o objetivo proposto, utilizamos a metodologia da História Ambiental, que pretende analisar e compreender a relação entre os seres humanos e o meio ambiente. Como fontes foram coletadas: iconografias, mapas, jornais, entre outras, disponíveis no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). Analisar o processo de colonização do Oeste do Estado, na primeira metade do século XX, auxilia na compreensão de como estruturas políticas, sociais e econômicas se estabeleceram, e como estão intimamente ligadas com o meio ambiente.

Missões protestantes e as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XIX: um missionário a favor da abertura da Bacia do Rio Amazonas

Tiago Regio Giacomassi
Pôster

O século XIX foi palco do início das relações entre Brasil e Estados Unidos. Este contato ocorreu de diferentes maneiras. Porém, no início do século XIX a política externa americana voltou-se para o que ficou conhecido como Doutrina Monroe, cuja principal intenção era ampliar a participação econômica dos Estados Unidos pelo resto do continente americano. Isto posto, nota-se que em meados do mesmo século, em plena corrida para o Oeste, surge um novo elemento conhecido como Destino manifesto. Este, por sinal possui forte

ligação com o protestantismo desenvolvido nos EUA. Admitindo esta relação, o protestantismo foi utilizado como uma das principais ferramentas para propagação dessa ideologia. De modo que este trabalho tem como objetivo investigar de que forma as missões protestantes contribuíram para o alcance dos interesses norte-americanos no Brasil. Para isso, utilizou-se a figura e obra do missionário protestante James Cooley Fletcher que esteve presente no Brasil de 1851 a 1865. Fletcher, além de desempenhar papel como missionário protestante foi articulador de negócios comerciais entre os países, contribuindo assim para o já referido interesse norte-americano da época. Fletcher em parceria com outro missionário norte-americano, Daniel Parish Kidder, escreveu a obra *Brazil and the Brazilians*, a qual serve como fonte primária deste trabalho. Com isso, através de bibliografia especializada foi possível entender que Fletcher ilustra como as missões protestantes foram capazes de proporcionar os anseios aspirados pelos EUA no Brasil. Haja vista que o missionário também fora um ferrenho defensor da abertura e a livre navegação da bacia hidrográfica do Amazonas, antiga demanda norte-americana e fonte de inúmeros problemas entre os países. Fato este, que pode ser visto por meio de seu já mencionado livro em que ele advoga a favor da livre navegação sob pretexto de inúmeros benefícios que isto traria para o Brasil e o resto do mundo.

O Bioma Pampa como elemento da cultura gaúcha

Adriana

Fonseca

Loureiro

Pôster

RESUMO

A fim de mostrar que é importante a abordagem do bioma pampa dentro das escolas de forma a relacioná-lo a identidade gaúcha, este trabalho tem o objetivo de abordar o ensino do Bioma Pampa, nas escolas públicas de educação básica, através do estudo de caso realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Tricentenário, localizada na cidade de São Borja/RS. No contexto, deste estudo analisou-se o currículo da escola e também os livros didáticos da área de ciências humanas, disciplina de geografia que são utilizados, no educandário, nos anos finais do ensino fundamental. No decorrer do trabalho apresenta-se, ainda que sem uma profundidade biológica, os elementos que envolvem o ecossistema do Bioma Pampa, principalmente os campos, uma vez que esses além de ricos em diversidades vegetais e animais são os que mais caracterizam o Bioma Pampa, principalmente por sua beleza paisagística. Há uma referência aos primeiros integrantes sociais deste habitat, desde o período colonial afim de que compreender a relação destes sujeitos com o Bioma enquanto natureza. Além de uma rápida informação ao leitor sobre os recursos que este bioma oferece e quais as proteções ambientais legais que recebe, o trabalho tem o intuito de despertar o interesse da comunidade escolar em abordar, interdisciplinarmente, o tema dos Biomas, em especial o Pampa, pois se acredita que desta forma possibilitar-se-á ao educando uma maior identificação com o conteúdo abordado em sala de aula, o que contribuirá para a formação

de um cidadão crítico e reflexivo dentro da sociedade em que está inserido. Por fim, colocam-se algumas sugestões para abordagem da temática com o intuito de incentivar o docente da área de Ciências Humanas a apontar durante a construção do currículo escolar assuntos que trazem não só as questões para a educação e preservação ambiental, como também a formação histórica do estado do Rio Grande do Sul e tudo aquilo que envolveu as modificações originais do Bioma Pampa.

O crime ambiental do rio Doce. Mobilização da comunidade em prol da ictiofauna do rio em Governador Valadares.

Darlianne Nadine da Silva
Pôster

O Rio Doce é um dos elementos mais importantes da paisagem de Governador Valadares, faz parte da história e do cotidiano da cidade, tanto sob aspectos culturais e sociais quanto econômicos. Suas águas abastecem a população, as indústrias e a agricultura da região. Além do abastecimento hídrico e da paisagem, o rio se constitui em espaço importante de lazer para moradores e turistas. Desta forma, o impacto causado pela chegada da pluma de rejeitos de mineração, provenientes da barragem de Fundão, em novembro de 2015 causou danos à população desta cidade que presenciou a agonia dos peixes e outros animais ribeirinhos. Ações permeadas de emoções e revolta da população, em busca de salvamento desses animais foram presenciadas em vários pontos ao longo do rio. Este paper tem como objetivo central discutir as motivações para as ações da população em prol do resgate de ictiofauna em Governador Valadares/MG após a chegada da pluma de rejeitos de mineração da barragem de Fundão, destacando as percepções dos atores em relação ao desastre e suas dimensões. Os dados foram coletados em reportagens, artigos, fotografias e observação direta das ações e iniciativas em prol da ictiofauna do Rio Doce, em diversos bairros ribeirinhos. Os dados nos permitem considerar que as ações foram isoladas, não planejadas e sem nenhuma previsão de monitoramento de resultados. Todas iniciadas foram desencadeadas por cidadãos comuns, que em um dos casos acionaram pescadores amadores e órgãos ambientais competentes para dar suporte. Estas ações revelam que em situações de imprevisibilidade pessoas mobilizaram-se em prol da vida no rio, para além da ação mais comum, ligada à própria provisão de água. Nota-se um comportamento em favor do meio ambiente sem embasamento técnico ou abrangência que garantam a efetivação de tal ação.

Os Caminhos dos Ervais: O Vale do rio Negro nos Mapas da Exploração da Erva-mate.

Valéria Felczak
Pôster

O vale do rio Negro, localizado no Planalto Norte de Santa Catarina e sul do

Paraná, foi palco de um dos maiores ciclos econômicos da região sul do Brasil. Isto foi desencadeado pela presença de mata nativa e a consequente abundância de árvores denominadas cientificamente de *Ilex Paraguariensis*. A grande extração que daria origem à indústria da “erva-mate”, por sua vez, necessitou de um grande avanço no sistema de transporte para o deslocamento desta mercadoria, com a finalidade de escoar a produção e abrir novos mercados, sobretudo, internacionais. Caminhos ligando esta região aos litorais paranaense e catarinense foram construídos, contando com o auxílio da mão-de-obra adquirida pelas companhias colonizadoras ligadas às próprias províncias. Contudo, ao mesmo tempo em que estas rotas promoviam a ascensão de produtos como a erva-mate, o fluxo de mercadorias e uma grande movimentação monetária, acabavam por auxiliar no crescimento de outras atividades econômicas que ganharam força com o passar dos anos, o que acarretou no próprio decréscimo da exportação do mate e de sua cultura local. Desta forma, o presente artigo busca demonstrar a construção de alguns destes caminhos para a exportação da erva-mate, apontando seus resultados positivos e suas consequências históricas para a região.

Paisagem faxinal: um estudo de caso sobre o faxinal Taquari em Rio Azul – PR

Daniela Feyh Wagner, Andressa Krieser Bauermann, Marlon Brandt Pôster

Este estudo, resultado de um trabalho de campo, realizado na Disciplina de Geografia Cultural, do curso de Geografia – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó, tem por objetivo abordar de que modo a paisagem do Faxinal Taquari, localizado no município de Rio Azul, Paraná, se (re) significou e se (re) constituiu através das relações estabelecidas entre os homens e a natureza, construída pela expressão da identidade e dos costumes de seus habitantes. Considerando a forma de organização, o sistema faxinalense pode ser percebido como uma forma peculiar de uso do espaço, devido ao uso comum das terras para a criação de animais, principalmente porcos. Assim, terras são divididas por cercas de forma genérica em dois espaços. As “terras de criar” compreendem áreas de uso comum dos moradores onde se encontram suas casas e os animais criados a solta; já as “terras de plantar” constituem áreas de uso particular de cada morador, em que se desenvolve a agricultura.

Relações de Trabalho e Exploração: Uma Análise Histórica da Fumicultura em Rio do Sul no Século XXI.

Stela Pôster

Schenato

O Brasil é o segundo maior produtor de fumo do mundo, perdendo apenas para a China. A produção brasileira que hoje se concentra mais no sul do país tem Santa Catarina como responsável por 33% da produção. Visando à importância

que essa cultura tem para o país e, para Santa Catarina, o presente trabalho pretende entender um pouco da história da produção dessa cultura. O objetivo desse trabalho é analisar as relações de trabalho nas famílias fumicultoras de Rio do Sul na atualidade, procurando estudar as principais dificuldades do trabalho na fumicultura e a permanência nesta cultura. Procurando identificar como e por que o agricultor se torna produtor de fumo com tantas implicações negativas que esta lavoura comporta, estabelecer um perfil das famílias produtoras de fumo no município de Rio do Sul, investigar a perspectiva dos agricultores em relação as empresas fumageiras e reconhecer por que os agricultores permanecem cultivando o fumo e se há busca por outras alternativas de cultivo. Para pensar o problema de pesquisa proposta, vamos utilizar ideias de THOMPSON (1998) e HALL (2011). O primeiro autor vai nos ajudar a entender o costume e as relações com o trabalho dentro da agricultura familiar e o segundo a pensar como a identidade – com a terra e o tradicional- influência o agricultor a permanecer na cultura do fumo. Esse será nosso embasamento teórico. A pesquisa utilizará dois tipos de fontes, escritas e orais. Utilizaremos as Sínteses Anuais da Agricultura de Santa Catarina de 2000 a 2015 – EPAGRI, Relatórios Anuais da Souza Cruz de 2000 a 2015, documentos disponibilizados pela AFUBRA e finalmente as entrevistas com agricultores/as da região de Rio do Sul.

Sementes Crioulas: guardiões de formas e cores com sabor de memória, tradição e diversidade biológica em Rio Grande/RS.

Suserli Carvalho de Souza, Nadia Rosane da Costa Jaques
Pôster

Nossa pesquisa enfoca um dos pontos do Programa “A História Ambiental como estratégia de intervenção na cidade do Rio Grande/RS”, (financiado pelo Programa de Extensão Universitária (ProExt) do Ministério da Educação, iniciado no primeiro semestre de 2015), focando especificamente as sementes crioulas com seu cultivo e manuseio tradicional, uma herança cultural advinda de seus ancestrais. Hoje a produtividade de sementes híbridas ou transgênicas avança o espaço onde até pouco tempo atrás prevalecia a simplicidade das sementes naturalmente cultivada na agricultura familiar. Esses saberes tradicionais de cultivo, junto com as sementes crioulas concebidas na própria terra esta sendo descartado ante a facilidade de manejo, cultivo e produtividade daquelas ofertadas pelo agronegócio. Nosso trabalho busca auxiliar o despertar dessas comunidades agrícolas tradicionais para que se vejam não só como mantenedores da diversidade biológica natural, mas que se empoderem como guardiões dessas riquezas culturais em forma de sementes que garantem sua continuidade numa forma de manejo diferenciado através do fruto da própria colheita.

Transformação da paisagem em Pinhalzinho – SC ao longo das décadas de 1940 a 1970 a partir da exploração madeireira

Andressa Krieser Bauermann, Marlon Brandt
Pôster

A pesquisa, que faz parte do projeto de iniciação científica intitulado “Memórias e imagens de uma paisagem em transformação: colonização e desmatamento no Oeste de Santa Catarina” tem por objetivo analisar as transformações da paisagem a partir da exploração madeireira no município de Pinhalzinho, Santa Catarina, ao longo das décadas de 1940 a 1970. Percebe-se nesse processo a ação humana no espaço, imprimindo novas espacialidades, temporalidades e culturas sob esse espaço, como pode ser visto a partir da atuação de diversas serrarias que acompanharam o processo colonizador da região a partir da década de 1930, convertendo espaços dominados pela floresta em terras futuramente destinadas à agricultura, produção de suínos e a expansão urbana do município.

Uma análise sobre turismo e identidade em Maripá/PR: reflexões preliminares

Carla Martina Rech
Pôster

Esta comunicação visa apresentar algumas reflexões preliminares da pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE. A pesquisa aborda o processo histórico, iniciado em 1995, de constituição de atrativos turísticos e de produção de discursos identitários no município de Maripá, localizado no oeste do Paraná. Objetiva-se analisar e identificar as ações de determinados atores sociais que contribuíram nesta construção, bem como os discursos publicados em jornais e revistas que visam difundir determinada imagem do município a partir da criação de símbolos/imagens de identificação e divulgação do município: o trator, a orquídea e a tilápia, representados no portal de acesso à cidade. No ano de 1995 foi inaugurada a primeira unidade demonstrativa de piscicultura do município e em 1996 foi criado o Programa Municipal de incentivo a piscicultura. Em 1998 foi realizada a primeira edição da Festa das Orquídeas e do Peixe e em 2002 foi realizado o primeiro Arrancadão de Tratores como evento oficial de corridas com pista própria para as arrancadas, denominada “Tratoródromo”. A reflexão aborda as seguintes fontes: leis municipais, acervo histórico de publicações em jornais e revistas, inventário turístico do município, roteiro de viagens técnicas realizadas, atas do Conselho Municipal de Turismo, protocolos de solicitação para construção de orquidários, relatórios de encontros de turismo, prestações de contas da Festa das Orquídeas e do Peixe, panfletos e folder’s dos atrativos turísticos de Maripá.